

O TOURO NEGRO

Aluísio Azevedo

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

Em todas as coleções de obras completas dos grandes escritores, organizadas depois da morte deles, há sempre um volume em que se reúnem os trabalhos avulsos e que não tiveram, em vida do respectivo autor, as honras do livro, esquecidos ou perdidos, até então, nas páginas efêmeras das gazetas, onde foram inicialmente publicados. Nas OBRAS COMPLETAS, de Aluísio Azevedo, ora editadas pelos Srs. F. Briguiet e Cia, esse volume é - O TOURO NEGRO. Dai certa falta de homogeneidade entre os trabalhos - crônicas, fantasias, cartas - que o compõem. Uma miscelânea de cousas antigas, um "pot-pourri" de assuntos olvidados durante largo tempo, em que, porém, rebrilha vivaz e magnificamente o espírito de Aluísio Azevedo, dividido em pequeninos bocados por motivos vários, por intenções diversas e, não raro, dispares. Mas, que, não há como negar, em cada um deles estão palpitantes de seiva e de elegância verbal, as mesmas qualidades do escritor que em tudo se denunciava o notável romancista maranhense.

Aluísio sabia ser leve ou profundo à feição do assunto de que se ocupava. Este volume testemunhará - "per secula seculorum" - esta verdade. Leiam-se as páginas do O TOURO NEGRO - impressão realista de uma tourada na Espanha, que, pelo seu vigor, pelo apurado do desenho, pelo colorido das imagens, pela segurança dos conceitos, em nada deixa a desejar, mesmo aos paladares mais requintados e exigentes, mesmo aqueles que antes hajam lido as impressões da "Última corrida de touros em Salvaterra", de Rabelo da Silva. Aluísio Azevedo as teria lido antes de escrever o seu conto encantador? Sou propenso a afirmar que não. Embora muito lido, parece-me magro o seu cabedal de conhecimento dos autores clássicos portugueses, se bem que cite um ou outro na sua correspondência a Xavier Batista. Mas, mesmo que os tivesse lido, isso certo há muitos anos, e que no seu subconsciente houvesse ainda resquícios dessa leitura, em nada, absolutamente em nada, isso concorreu para a feitura de O Touro Negro, páginas de um impressionismo fortíssimo e de um vigoroso e empolgante realismo, que de modo algum lembram os do ilustre e reputado clássico português.

O TOURO NEGRO - é uma água-forte, como as sabia fazer o gênio eminente de Durer.

A seguir, neste livro, outras páginas de rara concisão na translação de pensamentos profundos e sábios - HAMLETO. Jamais li, em autores brasileiros ou portugueses, cousa que se pareça aos conceitos emitidos por Aluísio sobre os enigmáticos personagens de Shakespeare. Mas, ao lado desses primores, vêm RENDAS E FITAS e FLUXO E REFLUXO, este, uma facécia no gênero do "Salto de Leucade", de Joaquim Serra, e que são duas peças leves, elegantes, encantadoras de verve, de "humour", de ironia.

E o volume foi assim organizado. Há também a crítica literária, há um nada de costumes, há um pouco de conto, de fantasia, de humorismo. Termina o livro uma série de cartas de Aluísio para diversos amigos, já divulgadas pela "Revista da Academia Brasileira de Letras", proficientemente anotadas pelo Sr. Fernando Nery, competente escritor patricio, chefe da Secretaria desse instituto de letras. Sendo os seus comentários elucidativos, foram eles - "data vênia" - aproveitados nesta nova publicação.

Uma última nota sobre a organização deste volume. Salvo o primeiro trabalho - O TOURO

NEGRO - que dá título ao livro e que é de Nápoles, Agosto de 1910, assim o mais recente de todos os que aqui se reúnem, os demais seguem a ordem cronológica de aparecimento, que data de 1882 a 1903. Isso mostrará que se naquela remota cifra, já Aluísio era um escritor de apurado gosto e de fartos recursos de dicção, demonstrará de outra parte o formoso e límpido esmero a que alcançou, escrevendo em português, não apenas correto, mas elegante e saboroso, flexível de frase e sóbrio de adjetivação, apropriada e justa, perfeitamente amoldada às exigências do assunto. Simplicidade maravilhosa essa - desespero dos que começam - que os grandes mestres somente conseguem atingir depois de muito estudo, acurada aplicação e constante sacrifício de arabescos e ornatos tão caros aos neófitos e principiantes.

Essa deliciosa simplicidade é igualmente constatada na correspondência de Aluísio com que se encerra este volume. Que medida, que equilíbrio, que propriedade de expressão! Destarte, as páginas do epistolário de Aluísio, serão um suculento manjar mental para os que se habituaram a amar e a querer o notável romancista do O MULATO, CASA DE PENSÃO, O CORTIÇO, O CORUJA, O HOMEM e LIVRO DE UMA SOGRA, que sai desta prova ainda maior, ainda mais forte e com melhores e mais legítimos predicados para ser querido e amado por seus numerosos leitores.

M. Nogueira da Silva.

Ver índice da obra ao lado.

Aluísio Azevedo

FIGURAS

França Júnior

Se a nação tivesse de eleger um brasileiro de bom gosto para representá-la lá fora, eu votaria nele. Votaria, por uma razão muito simples: porque, de todos os brasileiros que eu conheço, ele é que tem uma compreensão mais lúcida do que vem a ser isto de "bom gosto". Conheço muitos patricios elegantes, distintos, com o paladar bem educado, não há dúvida alguma; mas é que, em geral, quando um sabe ver não sabe ouvir, quando outro sabe dizer, não sabe sentir. E o França, vê, diz, ouve e sente. Pode ser que alguém o faça isoladamente melhor do que ele; porém, mais afinadamente, isso é que não. Sua *toilette*, sua filosofia, seu espírito, seus hábitos, suas relações, seu humor, tudo está dominado pela mesma corrente de originalidade e perfeitamente afinado entre si. Ele não se parece com pessoa alguma, o que é bom; e ninguém procura se parecer com ele, o que é melhor. Quem quisesse provar que não tem espírito de espécie alguma, não precisava ouvir as conferências da Glória, ou levar o desespero a ponto de ler os *A pedidos* do jornal do sr. Castro. Não! Bastava antipatizar com o França. O França é homem que, visto pela primeira vez, nos faz vontade de ouvi-lo; ouvindo-o temos desejo de ouvi-lo mais, e, se o ouvimos mais, acabou-se... ficamos amigos. Então, se fala sobre belas-artes!... adeus, minhas encomendas! Basta dizer que o diabo do homem correu todos os museus da Europa, freqüentou salões, câmaras políticas, clubes, teatros, *ateliers*, *bondoirs*, o inferno! Para cada fato opõe uma anedota; para cada tipo um bom dito; e para cada mulher um galanteio. E é sempre o mesmo *gentleman* em toda a parte. Sabe tão bem conduzir uma questão política pela imprensa, como escrever um folhetim literário, dissertar sobre um Corrégio, ou conduzir uma senhora na valsa. Com o seu bom humor, com a sua vigorosa mocidade, descobre sempre em todas as cousas um lado alegre, que o faz sorrir. Por intermédio de seus numerosos folhetins de fina observação e graciosa crítica, vive em todas as províncias do Brasil, e convive com toda a parte da população fluminense que sabe ler. Mas a sua veia principal é a comédia. Seria um grande comediógrafo, se o nosso teatro não fosse uma grande mentira. Contudo, com o que ele fez até hoje, deixa adivinhar o que seria capaz de fazer. A literatura para ele foi sempre um diletantismo elegante; nunca esperou que ela lhe dispensasse alguma cousa em troca do

muito que ele lhe tem dado. E, além de tudo isso, não sua. Seus colarinhos e seus punhos têm sempre a mesma irrepreensibilidade aristocrática. Nunca perde a linha. Detesta o chinelo e tem horror ao bocejo. Não usa corrente no relógio; veste-se de acordo com a estação e fala cinco ou seis línguas, correntemente. Uma ocasião, na Tijuca, um português, que trabalhava em uma pedreira, exclamou ao vê-lo aproximar-se: - Mussiu, não passa agora. Mim vai lasca fogo na pedra.

.....

Ah! dizem também que é um magistrado de mão cheia. Pode ser.

O Globo, 5 de abril de 1882.

II

Henrique Venceslau

Acabamos neste instante de ler a notável tese do Dr. Henrique Venceslau, e é ainda sob a mais bela impressão que vamos falar desse trabalho.

Afastando-se dos processos comuns em geral empregado na elaboração desse gênero de estudo, quase sempre feitos a contragosto, para cumprir uma formalidade de curso, e quase sempre mal escritos e insuportavelmente impregnados do cheiro de banco de academia, este novo médico imprimiu à sua tese inaugural um franco desenvolvimento de obra espontânea e até certo cunho de individualidade crítica, que lhe dão especial valor.

Quis fazer uma simples tese e fez afinal um livro, que se lê com interesse de princípio a fim, graças à fina observação, e à sinceridade com que o autor acompanha todas as fases do desenvolvimento orgânico da mulher, não com a *pose* fria de um médico que se compraz em acachapar o leitor sob uma chuva de termos técnicos e complicados, mas com a clareza elegante de um analista literário, que se enamora do seu assunto e toma pela mão e faz carinhosamente assentar-se a seu lado a débil e feminino criatura que observa. Não se limita porém ao drama fisiológico que tem por teatro o delicado corpo de uma mulher; drama encantador que começa com a alvorada cor-de-rosa da puberdade e vai crescendo e atravessando todo o vermelho e fecundo período catamenial, e que acaba no frio e pálido crepúsculo da menopausa; drama singelo, como a vida de urna flor, que desabotoa, e acorda e abre sorrindo para o céu as suas pétalas mimosas, e atrai com o perfume e com o brilho das suas cores o namorado inseto, portador do pólen fecundante; e que afinal, ao cair da noite, pende da haste, emurchecida e inútil, sem nunca mais erguer o colo para o sol e para o amor. Não se limita o autor a estudar esse drama simples que é a vida das mulheres e das rosas, entra vitoriosamente pelo mundo moral, e acompanha o outro drama da constituição íntima, o drama complicado e infernal dos fenômenos psíquicos, que são a antítese daquele. Ou muito nos enganamos, ou nesse moço observador e nesse médico comovido e talentoso que acaba de sair da academia, atirando ao público um livro que impressiona, há estofos para fazer um escritor de primeira ordem. Esperamos que Henrique Venceslau não seja para o futuro inteiramente absorvido pela clínica e venha ainda a enriquecer a nossa ciência e a nossa literatura, dando-nos livros que instruem e deleitem ao mesmo tempo. A sua bela tese, se é o fecho de um curso, é também o início de uma nova carreira. Parabéns à medicina e às letras.

O Combate, 1.º de março de 1892.

IIISizenando Nabuco

Mais um homem de espírito que se recolheu à terra; mais um companheiro que desabou para sempre na infundável noite em que não há estrelas nem esperanças de aurora, mais uma parcela da grande e generosa alma brasileira, que se perdeu para a pátria nestes dolorosos períodos de angústia e desalento. Sizenando Nabuco foi um lutador vitorioso como advogado público e como propagandista das mais santas e elevadas causas sociais; mas, como homem de

talento, foi nada mais que uma vítima do seu meio e da desorientada época em que teve de decidir e traçar a sua carreira. A natureza talhara-o para homem de letras; dera-lhe uma alma ardente e apaixonada de poeta; uma delicadíssima suscetibilidade nervosa, pronta sempre a vibrar sonoramente ao toque mais sutil da mais passageira asa de uma comoção. O seu primeiro ideal foi a literatura, e durante os anos acadêmicos todo o seu esforço, todos os seus estudos fora do curso, foram a ela consagrados. Muito moço ainda, creio que aos dezoito anos, revelou-se com um drama *A túnica de Nesso*, que marcou a sua primeira vitória no teatro. Esse trabalho fez sensação. O Imperador chamou o autor no seu camarote, cumprimentou-o, deu-lhe conselhos. Sizenando continuou a trabalhar, sempre com êxito, mas em breve reconheceu que no Brasil a literatura poderia ser um belo ideal de estudante, nunca porém um seguro e produtivo meio de vida para um homem de aspirações. E rejeitou as solicitações do seu talento literário, cortou as asas da sua imaginação, escondeu os seus manuscritos, e de um salto atirou-se à tribuna de advogado. Como ao lado dos dotes de escritor, a natureza lhe pusera todos os dotes oratórios, fez rápida carreira na jurisprudência e ganhou logo o prestígio e a popularidade que o acompanharam até ao fim da sua vida de lutas sem trêguas. Mas, já velho, enfiado dos seus triunfos jurídicos, convencido de que as glórias de um tribuno são como as fugitivas conquistas de um ator, cujo trabalho não vai além da geração que o ouviu, cansado dessa campanha da vida pela vida, em que vamos deixando dia a dia os farrapos da alma moída e esfalfada, era para os seus primitivos ideais que ele voltava os olhos desiludidos e saudosos. - "Ah! tivera eu nascido em outro país, fora sempre e seria ainda um homem de letras!..." disse-me ele uma vez, com um triste sorriso, conversando-me sobre literatura. Um dia de seus anos, há talvez cinco, Sizenando, sem ânimo para fazer uma festa, mas querendo viver um instante das alegrias do passado e embriagar-se por um momento com o vinho das suas primeiras ilusões, convidou um grupo de rapazes de letras para passarem algumas horas de palestra em sua casa. Eu fui um deles. Lá estavam o Valentim Magalhães, o Filinto de Almeida, o Urbano Duarte, o Raimundo Correia, o Luiz Murat, o Rouède, e outros. Que noite deliciosa! O Sizenando parecia ter voltado aos seus vinte anos. Falava de arte vertiginosamente, rindo, criticando, numa prodigalidade de pilhéria e de bom humor, que a todos nós se comunicava e que a todos nós seduzia. Com o seu espírito e com os segredos daquela prodigiosa e fascinante galanteria que era um dos mais belos privilégios do seu tipo, conseguiu transformar aquelas horas de simples palestra de rapazes no mais encantador serão literário. Instado por todos nós, consentiu em ler alguma coisa de sua produção, mas exigiu que fosse obra do bom tempo, do tempo dos sonhos e das quimeras. Trouxe um manuscrito, assentou-se a uma mezinha ao centro da sala; assentamo-nos em torno dele, e começou a leitura. Sabeis de quê! De um drama tirado do célebre romance *Monseur de Camors* de Otávio Feuillet escrito em bom e nervoso francês, com estilo, com a naturalidade e a graça de quem escreve na própria língua. Oh! como os seus olhos se acendiam, como a sua voz pujante se inflamava com aquelas frases apaixonadas! Como a sua bela alma romântica acordava aquela música do passado! Uma quente ressurreição de beijos da mocidade! Um delírio de amor e de mágoas sentimentais! Depois leu outra obra, esta agora escrita em português. E de cada página o mesmo eflúvio de poesia se evolava, como um perfume dos tempos do romantismo. Aqueles manuscritos de letras amarelecidas eram as urnas de velhos bálsamos consagrados pelo sacrifício do seu talento de escritor, jaziam ali todas as suas ilusões, todos os seus sonhos de artista e todas as lágrimas da sua alma primitiva. E quando voltei de lá, sentindo ainda cantar-me aos ouvidos a melancolia daquela vaporosa música do passado, tive assomos de amaldiçoar esta pátria burguesa, esta mãe desalmada, que não tem seios para acalentar os seus poetas. E agora, quando me disseram que Sizenando Nabuco acabava de morrer, foi ainda a lembrança dessa noite de escavações literárias, essa noite de passeio pelos cemitérios do seu passado, que me veio ao coração como uma triste e pálida figura de saudade, assentar-se ao lado da palpitante dor de o saber morto.

O *Combate*, 18 de março de 1892

Aluísio Azevedo

CASAS DE CÔMODOS

Há no Rio de Janeiro, entre os que não trabalham e conseguem sem base pecuniária fazer pecúlio e até enriquece; um tipo digno de estudo - é o "dono de casa de cômodos"; mais curioso e mais completo no gênero que o "dono de casa de jogo"; pois este ao menos representa o capital da sua banca, suscetível de *ir à glória*, ao passo que o outro nenhum capital representa, nem arrisca, ficando, além de tudo, isento da pecha de mal procedido. Quase sempre forasteiro, exercia dantes um ofício na pátria que deixou para vir tentar fortuna no Brasil; mas, percebendo que aqui a especulação velhaca produz muito mais do que o trabalho honesto, tratou logo de esconder as ferramentas do ofício e de fariscar os meios de, sem nada fazer, fazer dinheiro. Foi a um patricio seu, estabelecido no comércio, pediu e dele obteve uma carta de fiança, alugou um vasto casario de dois ou três andares, meteu-se lá dentro, pregou escritos em todas as janelas; e agora o verás! Como na Capital Federal há mais quem habite do que onde habitar, começou logo a entrar-lhe pela casa, à procura de cômodos, uma interminável procissão de desamparados da sorte e de magros lutadores pela vida, que lhe foram enchendo surdamente, do primeiro ao último, os numerosos quartos. Mais houvesse, e não faltariam para os ocupar estudantes pobres, carteiros e praticantes do correio, repórteres de jornais efêmeros, moços de botequim, operários de todas as profissões, comparsas e figurantes de teatro, pianistas de contrato por noite, cantores de igreja, costureiras sem oficina, cigarreiros sem fábrica, barbeiros sem loja, tipógrafos, guarda-freios, limpa-trilhos, bandeiras de bondes, enfim toda essa pobre gente, rara quem se inventaram os postos mais ingratos na luta pela vida, os mais precários e os mais arriscados; essa gente que em tempo de paz morre de fome, e em tempo de guerra dá de comer com a própria carne às bocas de fogo das baterias inimigas. Mas, por entre a aflita farandolagem dos ganhadores de pão para a boca, surge sempre na casa de cômodos um tipo que é o desespero do locador e o tormento dos locatários. Refiro-me ao poeta boêmio. O poeta boêmio é para o alugador de cômodos o osso do seu ofício. Sem emprego, sem rendimentos de nenhuma espécie, sem mesada e sem mobília, carregado de sonhos, que são os filhos que lhe deu Quimera, sua amante, o poeta boêmio vive da desgraça e da glória de ser poeta, atravessando indiferentemente todos os andares da miséria, olhos fitos no ideal, aos encontros com os miseráveis que sobem e com os miseráveis que descem as longas escadarias do negro e frio castelo. Seu pé quase descalço não respeita o que topa, nem escolhe o terreno que pisa, e vai mundo afora, kneippeando pelos simétricos canteiros da burguesia indignada e pelos relvosos coradouros das lavadeiras em fúria. Esse é o anjo mau da casa, o terror dos vizinhos, o malquerido de todos os locatários. Dorme enquanto os outros trabalham e durante a noite conversa com as estrelas, declamando em voz alta cousas de amor e de fantasia que, ali, só ele e elas compreendem. Esse nunca paga. Mas que importa o calote de um boêmio, cujo quarto era pouco maior que uma sepultura, se os outros inquilinos aí ficam para ir despejando, todos os meses, na funda algibeira do malandro, os trinta, os quarenta, os cinqüenta e os cem mil réis; e se com esse dinheiro pode o alugador de cômodos pagar o aluguel do prédio, e comer, e beber, e gozar, pondo ainda de parte o seu pecúlio em que já se abotoa a futura riqueza e talvez a futura comenda? E assim vai vivendo o esperto forasteiro à barba longa, perna alçada e barriga farta, enquanto os outros trabalham para ele. Lá um belo dia de fim de mês, um dos estudantes da casa, tendo devorado a mesada, atira a canastra pela janela e foge em seguida, abandonando a estreita cama de ferro, a mesinha, e o lavatório; e, como os maus exemplos aproveitam sempre um segundo estudante, e um terceiro e um quarto seguem, como as famosas pombas de mestre Raimundo Correia, o vôo do companheiro e ca vão ficando no pombal as meias cômodas, as estantes americanas e as cadeiras compradas no belchior. E outros, e outros inquilinos, atrasados no pagamento do mês vencido, lá se vão a contragosto Não já pela janela, mas pela porta da rua, com uma descompostura atrás, deixando nas gloriosas mãos do triunfador, como despojo de luta, os tarecos que constituíam a sua mobília. Então, o dono da casa de cômodos começa a anunciar "Quartos mobiliados" e começa a cobrar aos novos hóspedes o duplo do que cobrava aos primitivos. E, ao fim de algum tempo, aí está o nosso homem pondo de parte, a cada mês, o triplo do que dantes punha, porque já não aluga aposento sem mobília e sem roupa de cama. São sempre os inquilinos quem garante de móveis as hospedarias desse gênero. Daí a ter o que se chama "Casa de pensão" só vai um passo, e a cousa faz-se quase sempre do seguinte modo: - Como o malandro nada mais tem a fazer durante todo o mês do que cobrar os aluguéis no dia primeiro, enche as horas de calor a ensinar habilidades ao seu cão ou ao seu papagaio, e nas horas frescas vai para a calçada da

rua cavaquear com os vizinhos. Entre estes há sempre uma quitandeira de quem o dono da casa de cômodos, começando por merecer a simpatia, acaba por conquistar a confiança e o amor. Juntam-se e, quando ela dá por si, está cozinhando e lavando para todos os hóspedes do eleito do seu coração, sem outros vencimentos além das carícias, que lhe dá o amado sócio. Assim chega a empresa ao seu completo desenvolvimento, e o dono da casa de pensão começa a ganhar em grosso, acumulando forte, sem trabalhar nunca, nem empregar capital próprio, até que um dia, farto de aturar o Brasil, passa com luvas o estabelecimento e retira-se para a pátria, deixando, naturalmente também com luvas, a preciosa quitandeira ao seu substituto. E, quando algum dos inquilinos fala mais alto no seu quarto, ou quando os estudantes e as costureiras dão para rir e cantar, acode o locador e ordena que se calem, gritando que não admite barulhos em "sua casa". Sua casa! Ora, eis aí, ao meu ver, uma cousa singularíssima. O aluguel daquele prédio é pago pelos hóspedes, como é a mesa, o gás, a água e o serviço dos criados. Tudo que ali está dentro foi comprado pelos locatários e não pelo locador; ali só há um homem que não trabalha e que não paga o lugar que ocupa, nem a comida que consome, nem o serviço dos que o servem; e é, no entanto, esse homem justamente quem só tem ali o direito de dizer que está em sua casa e o único que grita e manda como verdadeiro dono. Será legal, mas é injusto e é duro. Se ao menos o especulador tomasse a responsabilidade do que se passa dentro da "sua casa", vá, mas nem isso acontece, porque quando os inquilinos são vitimados pelos gatunos, ninguém lhes responde pelo objeto subtraído. Entrássemos lá agora, neste instante, e espiássemos para dentro de cada quarto. Neste veríamos um pobre homem a fazer charutos; naquele uma mulher a coser camisas; mais adiante um artista a desenhar; outro a decorar um papel de comédia; outro a escrever; outro a consertar relógios; e aqui um estudante às voltas com uma caveira e um compêndio de medicina; e ali um fotógrafo a preparar *clichês*. E, se indagássemos o que fazem os hóspedes ausentes cujos quartos estão fechados e não garantidos por ninguém, saberíamos que todos eles andam a ganhar a vida, ao balcão, na rua, nas oficinas, nas secretarias, nas redações das folhas e nos escritórios de todos os gêneros. Pois bem! Enquanto toda essa gente moureja, o que faz o locador? O locador, defronte do seu papagaio, estala os dedos com a mão no ar e, risonho, a babar-se feliz, diz-lhe pela milésima vez: "Papagaio real, para Portugal! Quem passa meu louro? É o rei que vai à caça!" Todavia, certo é que dentre toda aquela gente, é ele o único que tem imputabilidade social em nosso meio. Será justo? Não sei, mas parece-me que o direito de ter casa de alugar cômodos ou casa de pensão devia ser conferido pelo governo, como um privilégio de recompensa, somente aos inválidos da pátria, que já não possam trabalhar, ou às viúvas dos militares, dos artistas e dos filósofos, que se tenham sacrificado em nossa honra e morrido na pobreza. Que diabo! não vale a pena fazer propaganda de imigração para termos belos malandros que ensinem papagaios a falar!

Aluísio Azevedo

FILOMENA BORGES

I

Sabemos que é geral a ansiedade por descobrir o mistério em que se envolve a individualidade conhecida pelo nome que encima estas linhas. De há alguns dias conhecíamos parte do romance - se romance podemos chamar a uma história tristemente verdadeira - de que é heroína, protagonista, vítima, e não sabemos que mais, aquela mulher que é hoje célebre por andar o seu nome por toda esta população, repetido de boca em boca. E sabíamos da sua história, porque nô-la referira a pessoa que assina a carta que abaixo transcrevemos, e que, tendo dela ligeira notícia, dirigira-se pessoalmente a tomar informações, e voltara trazendo-as, e as mais preciosas. Encetaremos, pois, brevemente, a história da vida de Filomena Borges, escrita pelo conhecido romancista Aluísio Azevedo. Eis a carta que ele nos enviou: "Sr. Redator da *Gazeta de Notícias*. - Não é uma questão de interesse próprio que me traz ao seu conceituado jornal. Também não venho tratar de política, nem de ciência nem de literatura. Não. Meu fim único, dirigindo-me a V. S., é cumprir um dever de consciência, um dever de justiça. Neste instante, Sr. Redator, acabo de chegar da casa de Filomena Borges, e é ainda dominado por

uma impressão violenta que lhe escrevo estas linhas. Nunca imaginei que o ódio, a intriga e a inveja conseguissem tanto! Nunca me persuadi de que o espírito do mal fosse tão longe! Bem sei que Filomena não é um modelo de virtudes domésticas; bem sei que na febre de suas paixões mais de um futuro se tem estiolado; bem sei que muito coração ainda hoje sangra a ferida de seus ósculos vermelhos. Mas será ela porventura a maior culpada de tudo isso, será ela a única responsável pelo mal que fez e pelas fortunas que destruiu?! Não caberá alguma parte dessa culpa a nossa sociedade, aos nossos costumes, à nossa educação, e finalmente ao triste meio onde cresceu e palpitou essa desventurada e formosa criatura?! As mulheres são fatalmente aquilo que os homens decretam que elas sejam. Filomena Borges é um produto legítimo dos vícios e da covardia de seus pais. Se não a educassem no falso luxo; se não lhe ensinassem todas as misérias de uma pobreza sem coragem e sem dignidade; se não a vendessem ao primeiro noivo rico e brutal que a desejou: Filomena Borges seria talvez neste instante o melhor modelo das mães de família. Eu também a detestava; eu também a temia. Não foi sem escrúpulo que cheguei ao lado dela. Mas, depois que a encarei de perto; depois que lhe sondei todos os arrebatamentos da alma apaixonada; depois que a ouvi nesses momentos terríveis da desgraça em que se não pode fingir, ah! então compreendi que, melhor do que o desprezo, merecia a infeliz, compaixão e consolo. Hoje ninguém ignora o que há a respeito dessa pobre criatura desamparada; todos sabem a perseguição de que ela é vítima, e toda a grande tempestade de cólera que lhe paira sobre a cabeça. Formaram-se grupos, inventaram-se clubes para a perseguir. Homens poderosos e mulheres felizes pedem o seu quinhão de vingança, como esfomeados que exigem pão. Multiplicam-se as cartas, os artigos., os cartões postais, os ditos maldizentes, as pequenas conversas intrigantes; e, todavia, Filomena Borges, a temível, a medonha Filomena, chora e pede por amor de i)eus que não a condenem sem a ter ouvido. Ainda ontem um cidadão, cujo nome abstenho-me por ora de citar, chegou a quebrar-lhe os vidros da janela, depois de me dirigir da rua os maiores insultos. Um capitão do exército jurou que lhe havia de meter uma bala no miolos, se ela não tratasse quanto antes de sair do Rio de Janeiro. A Sra. baronesa X... mãe de três rapazes, e em vésperas de ser avó, remeteu-lhe unia carta, que faria temer um oficial de artilharia. E, no fim de contas, qual é o motivo de tanta guerra?! De que lado esta a razão?! Isso só o público decidirá, depois de ler o apanhado de todos os fatos, o extrato de todos os documentos, que me foi permitido descobrir a respeito de Filomena Borges. Não hei de inventar, nem esconder coisa alguma; a verdade aparecerá nua e limpa, ainda que tenha de arcar com o ressentimento de algumas pessoas.

Rio, 4 de outubro. Aluizio Azevedo *O Pais*, outubro de 1883.

II Antes de principiar

- Leste *Filomena Borges*! - Li.- Que tal? - Uhm! Assim!... - Por quê? - Pouco enredo... pouca forma... e, com franqueza, achei tudo aquilo falso.- Falso? Não! Isso tem paciência'. Tudo aquilo é vasado na observação e na verdade! - Talvez seja por isso mesmo! Nesse caso há excesso de fidelidade e a cousa parece falsa. Às vezes um retrato a óleo é mais verdadeiro do que uma fotografia.- Ora essa! - Parece-te unia asneira o que acabas de ouvir, mas não é, acredita! Nada é tão inverossímil como a própria verdade, quando ela se apresenta com toda a brutalidade de seu peso.- Estás metafísico, homem! - Não sei se estou metafísico, o que te afianço, é que não gostei da tal *Filomena Borges*, tão apregoada, tão ansiosamente esperada. Confesso, achei-a fraca, desengraçada, inútil. Pode ser, se o romance não fosse tão anunciado, que eu achasse bom, porém puxaram tanto pela minha curiosidade, tanto mexeram comigo, que, palavra de honra, esperava outra cousa.- Ora! Isso não é crítica! - Mas que queres, filho... Tenho eu culpa que a tal *Filomena*, uma mulher que leva o seu histerismo à loucura, não me haja agradado?! Tenho eu culpa de não poder suportar o tal *Borges* com a sua ingenuidade pulha?... O *Guterres*, com a sua má língua; o *Barroso*, sempre feliz em público e desgraçado consigo mesmo? Sou o responsável por não acreditar naquela viúva *Perdigão*, naquele *Barradinhas*, naquele *Urso*?!... Não! Tem paciência! Mas o tal Aluizio pode limpar as mãos à parede! - O seu novo romance é um atentado contra a verdade! - Ora, deixa-te disso! Tu mesmo, na tua vida, atravessaste já algumas das situações que se encontram em *Filomena Borges*; tu mesmo já passaste por muitos daqueles transes; não negues! Bem sabes que eu conheço a tua vida tanto como a minha!... - De acordo! Convenho que aí esteja descrita muita cousa que se tenha dado comigo.

Mas será isso uma razão para gostar do livro... Não me parece que seja!... Eu quero que um livro me faça rir ou chorar, não há dúvida; mas, com os diabos! quero que ele me faça rir com os ridículos alheios, e chorar com as dores que não são minhas! Quero chorar para me divertir, e não para sofrer, percebes tu?- Mas, filho, olha que estás a cair em contradição, porque, se todos pensarem como tu pensas, não haverá meio de fazer um romance real!- Sim; mas é que há umas tantas verdades que estão conosco, em nossa inteligência, e que, todavia não existem na vida de ninguém; por exemplo...- Não! não cites! Já vejo que não chegaremos a um acordo; quanto mais citares, é pior!Eu, por mim, digo-te ingenuamente: não desgostei de *Filomena Borges*. Achei-a fora do comum, despreziosa e divertida.- São opiniões! Eu não lhe descobri nenhuma dessas qualidades! Não sei qual seja o fundo filosófico daquela obra, não sei o que ela prove, o que ela afirme!- Nem eu, mas fico satisfeito em saber que ela divertiu, que ela me prendeu a atenção por muitos dias! E, digo-te agora: certas cenas que encontrei ali, fizeram-me pensar... Acredito que em tudo aquilo há uma intenção muito acentuada, há a intenção de...- É inútil continuares! Já sei do que me vais falar, e a esse respeito temos conversado!- O que eu vejo, é que é muito difícil escrever romances no Brasil!... O pobre escritor tem a lutar com dois terríveis elementos - o público e o crítico. O público que sustenta a obra e o crítico que a julga e às vezes a inutiliza; o público que compra um livro para aprender, e o crítico que exige que o livro sustente as suas idéias e pense justamente com ele - crítico.- E daí?Daí é que tudo isso seria muito razoável, se o público caminhasse ao lado do crítico; mas assim não sucede - aquele navega ainda no romantismo de 1820, e este não admite literatura que não esteja sujeita às regras de 1883. A dificuldade está em agradar a ambos, ou, ao menos, não desagradar totalmente a nenhum dos dois. Isso, quero crer, é a grande preocupação de *Filomena Borges*. Ela tanto pertence ao público como pertence ao crítico.Será este o diálogo que se travará depois do último folhetim de *Filomena Borges*?Pode ser. Em todo o caso, a obra principiará a sair de amanhã em diante no rodapé desta folha, e o leitor que a julgue à vontade, que diga o que entender, que a condene ou que a proteja, porque eu cá tenho as minhas razões para não a ter feito melhor nem pior.Boa ou má, esta é a única *Filomena Borges*, legítima, verdadeira, a *Filomena Borges* da "*Gazeta de Notícias*", aquela que mandou o seu cartão a vários cavalheiros desta cidade e aquela de quem até hoje se tem ocupado a nossa imprensa e o nosso público.Sirva isso de resposta às cartas dos Srs. A. P. Ramos de Almeida, Niemeyer, L...., O. Borges, P. de Oliveira e tantos outros que me honraram com as suas letras; como igualmente sirva de réplica ao Sr. Júlio Alberto Machado, que não teve o menor escrúpulo em aproveitar aquele nome para título de um romance de sua folha, e, outrossim, ao velhaco que publicou há pouco tempo um detestável fascículo intitulado: *Filomena Borges, a mulher demônio*.O público que evite as contrafações e desconfie das *Filomenas* que não trouxeram o seguinte carimbo:

Aluísio Azevedo

Gazeta de Notícias, 1883

Aluísio Azevedo

VIDA LITERÁRIA

I

A Giovani

(*Particular*)

Querido desconhecido. - A tua carta é a primeira carta anônima que respondo, das muitíssimas que até hoje tenho recebido. E a razão disso está simplesmente no modo aseado por que me falas. Deitaste um pequenino dominó de seda, mas mo descalçaste as meias e não arregaçaste as mangas da camisa.

Para dizer tudo - creio até que em ti percebi uma banda de luva amarrotada na mão esquerda.

Entra, pois, assenta-te, toma um charuto, e conversemos. Não precisas tirar a máscara; pediste que te não procurasse reconhecer, e eu, apesar de minha curiosidade, estou resolvido a fazer-te a vontade.

Antes de entrarmos no assunto verdadeiro de tua carta, convém declarar-te uma cousa: - Estou reconhecido pelas palavras lisonjeiras que me dedicas e mais ainda pelo interesse que mostras pelas minhas produções.

Nada é tão agradável para quem escreve, como saber que seus escritos preocupam de qualquer forma a atenção de quem quer que seja.

Ofereceste-me obsequiosamente para anotar o meu romance *O Mulato* e eu aceito e agradeço o oferecimento, sentindo apenas não possuir um exemplar para pô-lo à tua disposição.

Hoje é muito difícil encontrar um volume *d'O Mulato*.

Quanto ao que dizes a respeito das *Memórias do condenado*, pesa-me confessar-te uma cousa: - Tu tomaste muito a sério essa obra.

Que não nos ouçam os leitores do rodapé, mas impõe-me a franqueza declarar-te que as *Memórias*, enquanto não aparecerem em volume, não merecerão desvelos de ninguém.

Romance de *au jour le jour*, escrito para acudir às exigências de uma folha diária, está, como facilmente se pode julgar, eivado de erros e descuidos, que só na revisão para o volume poderão desaparecer.

Além disso, os erros tipográficos são tantos e tão constantes, que constituem uma verdadeira calamidade. Ainda no último folhetim, eu escrevi - *belos brilhantes*, e os tipógrafos disseram - *velhos brilhantes*; em outro lugar falo de *pedras limpas*, e eles emendaram para *límpidas*. Isto sem querer citar as repetidas transposições que alteram completamente o sentido do que está escrito; as palavras incompletas, os saltos e mil outros inimigos do estilo e da boa lógica gramatical.

Entretanto, manda-me as tuas notas - elas me poderão ser de grande utilidade. Quando fores razoável, seguirei o teu conselho e quando não fores não seguirei; em todo caso nada perderemos com isso.

Mas vejamos as tuas três primeiras emendas:

1.º) *Queima como pus*.

Se bem que isto não seja unia frase completamente verdadeira, tem todavia algum fundo de verdade. Há certo *pus venenoso*, que possui propriedades de cáustico, e queima a epiderme. Podes facilmente verificar esse fato nas feridas venéreas. Contudo não disputo a frase, porque não reconheço nela valor algum.

2.º) O abuso das frases - *Que diabo! com os diabos! etc., etc.*

Não me pareces nisso muito razoável, mas enfim pode ser que tenhas razão.

3.º) Pedes a supressão de certo adjetivo, porque ele pode lembrar desgostos a uma senhora, que ambos nós respeitamos.

Quanto a isso, só me resta declarar-te uma cousa: - Para poupar um desgosto a uma senhora de minha estima, eu seria capaz de sacrificar um dedo, quanto mais um adjetivo.

Creio que te fiz a vontade; espero por conseguinte que sejas mais severo nas tuas notas. Vê se dizes alguma cousa sobre a concepção artística de meus trabalhos.

Pena é que as *Memórias* estejam a expirar.

E com esta - adeus, fico-te obrigado e à espera de mais.

ALUÍZIO AZEVEDO

Gazetinha, Rio,

II

Colaboração

Há uma cousa verdadeiramente horrorosa para todo o desgraçado em cujos dedos a triste sorte enfiou uma pena, ainda mesmo quando essa pena seja tão desatilada e tão romba como a minha - é a obrigação de concorrer com algum produto de sua lavra sempre que os amigos se lembram de realizar qualquer empresa ou empreender qualquer negócio.

Essa pequenina obrigação, que vista isoladamente não tem o mínimo valor, transforma-se todavia em um compromisso grave, em um martírio implacável, desde que ela representa a promessa de vinte, trinta, cem, mil artigos, destinados aos fins mais diversos e mais descontraídos.

E a graça é que não se pode a gente recusar a nenhum dos amigos, porque todos eles querem muito pouco: "Duas palavrinhas! Apenas duas palavrinhas, com o nosso nome por baixo!..." Ou então querem uma simples carta, uma simples notícia, um ligeiro pensamento, uma frase, um verso, uma palavra.

Este deseja que lhe escrevamos um anúncio de gosto, com que ele possa chamar a atenção do público sobre os seus queijos ou sobre os seus chapéus de pêlo: aquele quer apenas que lhe façamos uma boa resposta a uma certa carta que lhe enviou certa e determinada pessoa; estoutro não exige de nós senão uma página no seu álbum; aqueloutro contenta-se com um discurso que ele tem de pronunciar por ocasião do aniversário natalício de seu sócio; aqui é uma reclamaçãozinha pela imprensa a respeito dos escândalos que se dão em tal rua; ali uma introdução para o livro de um amigo e colega que vai estreitar; mais adiante um artiguinho para encher o número do jornal, que nesse dia está fraco. Hoje - a poliantéia do senhor fulano; amanhã - o número especial da folha do Dr. Beltrano; depois - folhetim sobre os trabalhos de cicrano, rodapé pr'a cá, artigo de fundo p'ra lá, crônica para acolá.

Uf! É um nunca terminar de pequeninas maçadas que, reunidas são o bastante para nos amargurar a existência.

Chega-se a perder o gosto de sair de casa, de procurar os amigos de fazer a sua palestra; porque a cada passo surge-nos um dos tais credores de artiguinhos e pensamentos filosóficos.

"Então, fulano, aquilo!..."

"Aposto que ainda não fizeste o que te pedi!..."

"Trouxeste o artigo que prometeste?... "

"Quando estarás disposto a dar um passeio pelas nossas colunas?..."

"Queres ou não queres aprontar a correspondência?..."

E cada um, por que pede muito pouco, entende que não merecemos ser desculpados pela demora.

- Oh! Duas linhas! Duas linhas escrevem-se em três minutos!

- Mas filho! é que me falta a idéia! Estou seco, não sei o que te escreva!
- Qualquer cousa, homem!
- Enche aí duas tiras. Seja o que for.
- Seja o que for?... Pois bem, ora espera! Vais ver como te ensino!

Rio, 24 de dezembro de 1883

III

Um fruto da época

Ontem, quando saí do trabalho, para ir tomar o aperitivo do costume antes do jantar, dou com o nosso querido escritor, o Ernesto Branco, que eu não via há muito tempo.

- Olá! exclamei. Bons ares te restituam à rua do Ouvidor. Como vai isso, poeta? Que tens feito? Qual é agora o teu livro? Qual é o teu novo amor?

Ernesto respondeu-me a tudo isso com um gesto seco, acompanhado de um triste sorriso, que até então nunca lhe vira nos lábios.

E notei que a sua inteligente fisionomia perdera a primitiva expressão de alegre coragem, e parecia agora fechada sobre um surdo desgosto, desses que nos acabrunham, não pela violência da dor, mas pela pungente convicção de que não há esperança de remédio para eles.

- Que tens? perguntei-lhe, encarando-o. Parece-me doente.
- Tédio, murmurou o meu amigo, fechando por um instante os olhos e levando lentamente o charuto à boca.
- Tomaste já o teu *vermouth*?
- Já não tomo *vermouth*
- Tomarás hoje. Vem daí.

Subimos até ao largo de S. Francisco e fomos ter àquela confeitaria onde há um viveiro de passarinhos.

Uma vez instalados ao canto mais sombrio do botequim, disse-nos Ernesto enquanto o servente esperava as nossas ordens:

- Não bebas *vermouth* francês. Li numa revista médica muito séria, que essa detestável bebida é de todos os veículos alcoólicos o mais rápido para chegar à morte ou ao *delirium tremens*. Depois dele é que está classificado o ilustre absinto, e em terceiro lugar o *piperment*.
- Pois tomemos uma passagem de segunda classe. Garção, dois absintos!
- Com goma?
- Não! com água e gelo. Para que adoçar os meios de morte?...

E, voltando-me de todo para o meu amigo, atirei-lhe misteriosamente a nova pergunta a respeito do que ele fazia nesse momento. Era impossível que Ernesto, o fecundo trabalhador das letras brasileiras, não tivesse em mão um novo livro. Quem sabe mesmo se não seria o excesso de trabalho o que lhe dera ao semblante aquele ar de fadiga e aborrecimento?... Escrever com arte é cousa tão penosa e acabrunhante!... E eu sabia perfeitamente que Ernesto

era desses artistas que, quanto mais produzem, melhor e mais acabado querem produzir; desses que, ao terminar uma obra, pensam logo em principiar outra, porque aquela lhes parece ainda incompleta e falhada. Qual seria, pois, a minha desilusão, qual seria o meu desgosto, notando que Ernesto, em vez de responder ao sincero interesse da minha pergunta de admirador e de amigo, deixara pender a cabeça e olhava vagamente para o seu copo?

- Então?! insisti. E' segredo?! Fala-me do teu novo livro! Dize-me o que estás escrevendo agora...

- Nada...

- Nada?! Ora essa! Por quê?

- Não vale a pena!

- Ó injusto! Ó ingrato! Pois tu, o único homem de letras que ultimamente no Brasil tem ganho dinheiro... tu, que tens leitores certos; que tens editores para tudo o que escreves; tu, ó felizardo! tens a coragem de falar desse modo.... Vai para o diabo que te carregue! Não sei que queres tu então!

- Estás enganado... - replicou-me Ernesto sem se alterar. Estás muito enganado a meu respeito. Eu tinha com efeito três leitores, mas um abandonou-me para entregar de corpo e alma ao jogo da bolsa e agora só pensa em salvar-se do naufrágio em que o lançaram; o outro deixou-me pela política e, perseguido pelo governo atual, só pensa em salvar da fome a mulher e os filhos e em livrar do cutelo da legalidade a própria cabeça ameaçada. Bem vêes que quem tem a pensar em cousas tão preciosas - o dinheiro e a vida, - não se pode dar ao luxo de ler os meus livros.

- E o terceiro?

- Ah! com o terceiro não conto; não contei nunca para pôr o livro no prelo ou a panela no fogo.

O terceiro é o meu colega, é o literato, é o jornalista, é o crítico; é o leitor que foi muito meu amigo enquanto as minhas obras nada rendiam, e que começou a dar-me bordoadas de cego, desde que a cousa cheirou a sucesso de livraria.

Não o amaldiçoa; devo-lhe talvez mesmo a coragem triunfante com que trabalhei durante de anos; devo-lhe a convicção do meu valor e da minha energia, agora apagados; devo-lhe o cuidado crescente com que fui caprichando mais e mais toda a nova obra que eu produzia; mas não estou disposto a escrever só para ele, por uma razão muito simples, porque esse leitor não paga!

- Não! bradei eu com uru murro na mesa. Não tens razão. Ou te esvaziaste o teu sacco, meu rapaz, ou foste invadido pela preguiça! Os teus paradoxos são desculpas de cabo de esquadra! Dize-me que te esgotaste, e nada protestarei, mas...

- Não! Creio que não me esgotei, porque preciso empregar verdadeira violência para não continuar a escrever. Mas trabalhar para quê? por quê? para quem? em que língua? Nesta que falamos? Mas isso é escrever para a família; isto é o mesmo que falar para dentro de um garrafão vazio? E' ridículo escrever na língua portuguesa!

- Uma bela língua!

- Qual história! Uma língua incompleta e difficilima; uma língua sem prestígio, sem utilidade, sem vocabulário técnico para a ciência e para as cousas da vida moderna; unia língua que nem sequer tem ortografia, porque não tem ainda um dicionário definitivo; uma língua tão mesquinha, que não tem palavras de tratamento. - O homem é *senhor*, a mulher é *senhoira*, e acabou-se! *Demoiselle*, *Miss*, *Senhorita* não têm tradução em português. Uma língua em que é

preciso errar, quando se não quer ser afetado na linguagem, porque não se há de fazer os personagens tratarem-se por *vós*, quando o que se usa é *você*. *Você* é gíria, é uma asneira que não existe autorizada por língua nenhuma do mundo!

- *Você* é a corrupção de *Vossa Mercê*.

- Não é tal! *Vossa Mercê* é um tratamento respeitoso, e eu não posso perguntar a urna senhora a quem falo pela primeira vez: "*Você* como vai?" o *Usted* espanhol, sim, é que pode ser usado e corresponde em respeito e legalidade ao desusado e inútil *Vossa Mercê* da língua portuguesa.

- Não! Pode-se perfeitamente falar ou escrever a boa língua portuguesa sem errar.

- Sem afetação clássica é impossível. Diz-me a gramática que o imperativo consta de "*Faze tu; fazei vós*"; e eu digo todos os dias ao meu criado: "*Faça isto: faça aquilo*". Um horror! Pois eu posso lá continuar a escrever em semelhante língua?... Maldita a hora em que nô-la impingiram os donos dela, A língua portuguesa foi um presente grego!

- Ninguém pode negar que é um idioma elegante...

- Elegante e limpo: A barba que se usa por debaixo do queixo chama-se "Passa-piolho". A nostalgia da pátria chama-se "Morrinha galega".

O Antônio Castilho para dizer numa página que, no lugar descrito por ele, havia grande número de raparigas, exprimiu-se assim: "havia moçame à tripa forra"... Que elegância! Que distinção!

- Não concordo contigo.

- Pois não concordes. Ainda não há muito tempo, o Azeredo Coutinho, fazendo a tradução de uma comédia francesa, viu-se em sérios embarços, para dizer em português um diálogo travado entre dois personagens de sexo diferente, porque os dois não deviam, nem podiam tratar--se por tu, mas também não deviam tratar-se por *senhor*, que é tratamento muito cerimonioso; e como não existe ou não se usa em português o tratamento de *vós*, o nobre tradutor, para não abandonar a sua obra, teve de fazer, sabes o teve de dar um título a cada um dos dois personagens, a mulher fez *baronesa*, e ao homem *conde*, para que eles pudessem conversar do seguinte modo, sem se tratarem por tu, nem por *senhor*: "A Baronesa é cruel", "Não diga isso, Conde", "A Baronesa não quer ouvir-me, mas eu hei de fazer-me ouvir pela Baronesa...", "Oh, o Conde não tem razão, mas eu perdôo o Conde". Delicioso! Mas ainda assim, prefiro que os senhores tradutores vão imitando Portugal na farta distribuição de títulos, ruas não imitem os atuais escritores portugueses que, apertados como o Azeredo na dificuldade do tratamento, recorreram ao passivo *si*, fazendo-o concordar com a pessoa com quem se fala; de sorte que, escritas por esses mestres aquelas frases citadas, ficariam assim: "A Baronesa não quer ouvir-me, ruas eu hei de fazer-me ouvir por *si*", "O Conde não tem razão, mas eu perdôo a *si*". Ah, bandidos! E queres tu, meu amigo, que eu escreva em semelhante língua, e para semelhante público de imbecis?!... Não! antes uma boa morte!

E Ernesto, com a resolução de um suicida, gritou para o moço do botequim:

- Garçon! traz um expresso de segunda ordem, bem carregado, bem forte, bem rápido, que me atire o mais depressa possível ao outro inundo! Ao menos lá hei de falar alguma língua que não seja a do padre Sena Freitas!

O Combate, 5 de março de 1892.

IV

Gasparoni

Ora, até que afinal apareceu um livro de literatura amena. E' o primeiro que surge depois que O

Combate existe.

CONTOS DE UM *DILETTANTI*

por *Alexandre Gasparoni*

Seja bem vindo!

O autor é um bom rapaz, simpático e honesto; inteligente e trabalhador, que, em vez de dar as suas horas de descanso à pândega ou à preguiça, entendeu de aproveitá-las escrevendo contos para diversas folhas; e agora, depois de reuni-las em volume, oferece-os ao público.

Como declara logo no prólogo, o Sr. Gasparoni não tem pretensões artísticas e não tem filiação literária. Faz contos, como o Sr. Taunay faz música e como o espirituoso escritor França Júnior fazia pintura, por gosto, para matar o tempo e divertir os amigos.

Nada mais natural e mais de direito. Eu, porém, é que não vou com semelhante sistema. A arte é cousa muito séria e respeitável para ser cultivada assim, nas horas vagas, descansando de outros trabalhos.

A vida inteira de um artista é muito pouco ainda para a sua obra. Na arte, seja literatura, música, pintura ou estatuária, não há meios termos - ou é arte ou não é arte!

Se é arte pertence ao público, pertence à nação, pertence ao mundo, se não é arte pertence ao dono ou dona da prenda, e não deve sair de casa do autor; deve ficar na sala de visitas, sobre os consolos, entre os *bibelots* e os bordados da família.

Se é arte, pertence à crítica que a julgará, sem nunca tirar nem pôr do seu merecimento. Forte, ela atravessará os séculos, marcando eternamente na história a época em que veio ao mundo; fraca, morrerá logo ao nascer, desconhecida de todos e esquecida até pelo próprio autor.

A arte é honesta e só se entrega a quem a ama mediante rigoroso casamento. Não quer amantes passageiros. É egoísta e cruel: não admite que o seu idólatra volva uni só momento os olhos para outro ideal; quer que ele se dê todo inteiro, todo de corpo, todo de alma; quer beber-lhe a existência, gota a gota, instante a instante, até deixá-lo totalmente vazio, seco, inutilizado para todas as outras aspirações da vida.

O artista não vive: o artista trabalha. O artista não descansa: o artista pensa. Deitado, passeando, comendo, enquanto as mãos deixaram o pincel, ou o escopro ou a pena, o pensamento continua a executar a obra interrompida.

Dormindo, ele trabalha ainda. Não é raro vê-lo levantar-se ao meio da noite, no meio do sono, e, esquecido da mulher que tem ao lado na cama, ir, como um sonâmbulo, acender a vela e correr ao seu quadro, ou à sua estátua, ou ao seu poema, para modificar uma linha ou corrigir uma frase.

A obra concebida nestas condições, o filho legítimo dessa união indissolúvel do artista com a sua arte estremecida, não pede desculpas quando aparece, nem aparece ao público enquanto não se sente capaz de impor a sua passagem.

A arte nunca deve pedir; deve sempre surgir de pé, armada e pronta, altiva, superior, e seguir tranqüilamente o seu destino, sem olhar para trás, nem para os lados, nem para o chão.

Como, por conseguinte, aceitar, no prólogo de um livro de contos, esta confissão do autor: "Sou apenas um *dilettanti*" o que quer dizer: "não sou um artista; não sou um escritor"?

Mas, valha-me Deus! se não é escritor, não escreva! Se não é pintor, não pinte! Se não é flautista, para que se mete a tocar flauta fora de casa, em concertos públicos?

Isto faz-me lembrar certos quadros que às vezes se expõem por aí com esta declaração por baixo: "O autor não aprendeu desenho!"

Como se fosse preciso semelhante declaração, quando o quadro aí está para não deixar dúvidas a esse respeito.

E, no entanto, a declaração mais necessária não a faz o autor, explicando por que diabo é que ele pinta e expõe quadros, tendo consciência de que não está habilitado para isso.

Mas o Sr. Gasparoni, apesar de pregar por debaixo do seu quadro um letreiro em que declara não passar de simples *dilettanti* despretenso e sem preocupação de escolas literárias, diz-nos também que, para escrever, se inspirou "na encantadora simplicidade de linguagem destes três mestres da literatura francesa: Alfonse Daudet, Guy de Maupassant e Paul Bourget".

E' caso para dizer: Bem lembrado! Unicamente convém notar que a chamada simplicidade desses três escritores parisienses, que nada têm de comum com as nossas letras, é resultado de muita arte, de muito esforço e de longos anos de trabalho e de estudo.

Qualquer desses três artistas para alcançar essa bela simplicidade sedutora, de que fala o Sr. Gasparoni, deu em troca, durante uma vida de calceta, tudo o que de melhor possuíam: a sua força cerebral e a sua força física. Daudet está moribundo em conseqüência de esgotamento nervoso, e Maupassant está perdido e louco para sempre; de Bourget nada me consta por enquanto, mas não dou muito pela integridade dos seus músculos e dos seus nervos.

Tome cuidado o Sr. Gasparoni e mude de mestres enquanto é tempo! Além de que, não há necessidade de pedir esmolas à literatura francesa, tendo a quem recorrer na própria, e até aqui mesmo, em nossa querida pátria. Volva o Sr. Gasparoni as vistas para Machado de Assis, para Lúcio de Mendonça, para Raul Pompéia, para Artur Azevedo e para os nossos outros bons narradores de contos e me dirá se o engano!

E é isso principalmente o que não perdôo ao estimável autor dos *Contos de um dilettanti*, é a sua pretensão de ser discípulo daqueles três escritores franceses. Não perdôo, porque além de tudo, não é verdade. O seu livro, onde figuram *mulatinhas parafinas, das que gostam de ser beliscadas na festa da Glória*, e de primos *Jojocas*, nenhum parentesco tem com a doentia, preciosa e amorfina literatura parisiense; o seu livro é um netinho franzino dos nossos velhos e engraçados escritores; descendo do Pena, do Mace do, do França Júnior, e um pouco também do diletantismo alegre e burguês de Ferreira de Araújo.

Que isso que fica dito não seja traduzido por má vontade contra o autor; que sirva antes para lhe chamar o apetite de trabalhar forte e rijo nas letras, porque no seu livro há revelações de bons qualidades, que, uma vez cultivadas a sério, podem desabrochar em trabalho de arte.

Será com o maior prazer que um belo dia, falando de Alexandre Gasparoni, em vez de "Bom rapaz", tenha eu que dizer "Bom escritor".

O comércio e a bolsa perderão um dos seus agentes mais esperançosos, mas as letras pátrias rejubilarão de gozo.

O Combate, 12 de março de 1892.

V

Do vendeiro ao poeta

I

Meu Deus! como o Rio de Janeiro ainda está longe de ser uma cidade artística e principalmente um centro literário.

Nas grandes capitais do velho mundo civilizado a primeira camada social é formada pelos homens de espírito, pelos sábios, pelos homens de letras, pelos artistas de talento, pelos investigadores e reformadores científicos, pelos exploradores notáveis; depois seguem-se os políticos em evidência, os estadistas de pulso e os militares distintos pelo saber profissional, pela honra e pela coragem; depois os grandes funcionários jurídicos; depois os homens da alta indústria, os que movem grandes massas de operários; depois os banqueiros milionários; depois os grandes agricultores; depois vêm os artistas auxiliares, os cortesãos de merecimento, os reprodutores dos quadros vitoriosos, os propagadores da ciência e das letras, os peritos executores da boa música, os cantores, os gravadores, os tipógrafos, os atores de gênero ligeiro; enfim, todo esse mundo de habilidosos, que são incapazes de criar, mas que servem de veículo à grande obra dos artistas criadores; e afinal, em último plano, chega a vez dos mercadores, isto é, daqueles que, por falta de talento para conceber e por falta de técnica para executar ou reproduzir qualquer trabalho científico ou artístico, limitam-se a servir de intermediários entre a ciência, a arte e a indústria e entre o público que o consome.

Esta última camada social constitui o comércio, em grosso e a retalho. Na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, e na Rússia, as portas da boa sociedade lhe são vedadas escrupulosamente.

A França, depois que se democratizou, limita-se a empurrá-la para o fim da ordem social, e, se lhe não fecha as portas da alta sociedade, faz pior: despreza-a, trata-a com desdém e até com repugnância.

Em França, hoje essa classe só serve para fornecer sogros ricos e noivas com bom dote.

É que a França vê no comerciante o homem que nada produz e mais lucra; o homem que vive exclusivamente para a ganância e para a especulação.

E o negociante, com efeito, ao mesmo tempo que é o intermediário entre o produtor e o consumidor, é o feroz parasita do homem de ciência, do homem de letras, do artista e do inventor industrial.

Estes quase sempre acabam pobres, e o negociante acaba rico, rico e são, porque durante toda a sua vida de lucros nunca fez o menor esforço intelectual e por conseguinte nunca se gastou nervosamente. Em toda a extensa classe social o negociante é o único que não trabalha.

A sociedade dá-lhe o direito de viver sem produzir, comprando por dois para vender por dois e meio; mas o negociante abusa sempre desse direito, comprando por dois e vendendo por quatro quando não vende por seis ou por oito. A consciência do comércio é muito elástica quando se trata de negócios, porque faz parte dos principais requisitos do seu ofício enganar o comprador. E tanto assim é, que eles inventaram para uso prático, provérbios da ordem filosófica deste: "Amigos, amigos - negócios à parte".

Efetivamente, entre os negociantes não se respeita a amizade, nem se observam certos deveres de consciência quando se trata de vender. Uma vez recebi de certa família do interior, a quem devo obrigações, o pedido de comprar aqui uma dúzia de certos lenços especiais de cambraia de linho que então estavam em grande moda e custavam bastante caro.

Como não entendo de fazendas e não queria servir mal a quem me fez a encomenda, dirigi-me a certo dono de armarinho, que eu conhecia de muito tempo e a quem tinha na conta de homem sério.

- Não podias cair melhor! disse-me ele, quando lhe expus o que me levava à sua casa. Não encontrarias em outra parte fazenda como a que tenho no gênero que precisas. É o que há de melhor, vais ver!

- Não preciso ver, porque, já disse, não entendo da matéria. Uma vez me afianças que tens o que procuro, é quanto basta.

Ele embrulhou os lenços, paguei e saí.

Daí a alguns passos encontro outro negociante meu amigo.

Paramos a conversar um instante e contei-lhe a compra que fizera, dizendo que supunha aviar bem a encomenda recebida.

Ele pediu para ver os lenços, observou-os um instante e segredou-me:

- Foste enganado... Isto não é cambraia de linho. Se queres servir bem a família que te encomendou os lenços, não lhe mandes estes, vai à casa do Leite (e ensinou-me onde era) que é o único no mercado que possui hoje dessa fazenda. E tive de ir eu de novo comprar os lenços, pagando também quanto paguei pelos primeiros.

E agora digam-me com franqueza: Fui ou não fui roubado?

E se com efeito fui; se o dono do primeiro armarinho é um tratante, porque motivo hei de eu tratá-lo com mais consideração do que aos outros gatunos, menos velhacos e que mais se expõem, desses que roubam um queijo à porta de uma venda?...

Esses ao menos são mais sinceros e arriscam a dormir na cadeia.

Os negociantes, em geral, são como o amigo que me vendeu os lenços falsos; unicamente, eles lá na sua alta filosofia comercial entendem que não praticam ato desonesto quando nos impingem gato por lebre.

Concordo que assim vivam; concordo que enganem o freguês sempre que possam; concordo que enriqueçam, sem jamais produzir, concordo que o livreiro seja rico e que o autor que mais o enriqueceu morra de fome; concordo que o empresário de teatro tenha milhões, enquanto os artistas que trabalham para ele, escrevendo comédias, representando os papéis, fazendo música, pintando cenografia, não tenham onde cair mortos; concordo que o especulador engorde e que o produtor entisique e estoure de esgotamento nervoso a força de trabalhar; mas com um milhão de raios! não queiram que o parasita ignorante e sem escrúpulo venha colocar-se ao lado do artista de talento, do escritor de espírito, do homem de ciência ou do soldado de honra.

Dois proveitos não cabem no mesmo saco! As cocotes não sofrem as provocações da mulher honesta, mas também não gozam das regalias que esta goza!

Pois bem: para se calcular com justiça do nosso estado de civilização e cultivo intelectual, basta lembrar-nos de que aqui a escala social acha-se rigorosamente invertida.

Aqui, a primeira camada é feita pela classe comercial, e a última pelos homens de espírito.

Rompe a marcha na ordem social, em primeiro plano, o glorioso e brutal comendador, o vendeiro com o seu ventre de monstro, a sua indecorosa fortuna e a sua obscena estupidez.

E quando precisamos alugar ~a casa, diz-nos o proprietário:

- Não alugo sem carta de fiança de vendeiro ou negociante matriculado.

Não! Definitivamente o Brasil poderá ser um país civilizado, enquanto a grande revolução, a verdadeira, a única, não o tomar pelas duas extremidades e sacudi-lo violentamente, até deslocar todas as camadas sociais e obriga-las a tomar o lugar que lhes compete.

Antes disso, não passará esta terra de um grande porto comercial, onde os estrangeiros aventureiros vêm procurar fortuna rápida.

II

Começo a convencer-me de que esta seção não tem razão de ser e não devia existir, porque infelizmente a vida literária de hoje no Brasil é uma cousa tão hipotética como a vida elegante na costa d'África.

Dantes surgia ainda um livro de vez em quando; vinha à tona, de longe em longe, um volume de versos ou de contos; mas agora, valha-me Deus! não aparece com que dar à gente uma hora de regalo ao apetite de letras pátrias.

E no entanto, o que dantes inspirava versos aos poetas, e o que dantes fornecia aos romancistas capítulos de enredo ou páginas de observação, continua por aí afora, inalteravelmente, enchendo a vida de cousas bonitas, de cousas tristes e de cousas heróicas.

O amor, o grande manancial onde os líricos e os românticos abeberaram por longos séculos as suas musas, não nos consta que fosse também deposto, antes pelo contrário parece que se tem desenvolvido ultimamente e que hoje é o único que não morre de fome no Brasil.

Eva continua, como Jesus Cristo, a atravessar as gerações de braços abertos, à espera dos aflitos que precisam de consolo e que se queiram abrigar na religião da ternura e do carinho. As flores, ao que me consta, nada perderam da integridade do seu perfume primitivo e as rosas continuam a ser belas e os lírios a ser cândidos que faz gosto. Os lagos e os vales, afogados de verdura, perseveraram em ter-se misteriosos e as brisas não deixaram ainda de ciciar depois que o Sr. Floriano tomou conta da República.

Segundo as minhas observações, o azul do céu não desbotou e está novinho em folha como saísse da fábrica; as estrelas são inalteravelmente as mesmas; e eu seria capaz de apostar que os sabiás cantam tal qual como no bom tempo de Gonçalves Das, e que as roas não são menos legítimas e gemebundas que as do falecido Casimiro de Abreu.

Por que pois acabaram-se os poetas? Se há azul de céu, se há crepúsculos, e há lua, como pois não há versos?

Como diabo não há versos e poetas, havendo tudo aquilo e, o que é mais, o soberbo e inestimável elemento da fome, da fome e da miséria?

Os senhores sabem quanto vale a fome para os poetas!...

Não sei que mais desejam, os exigentes!

Boa lua, mágoas de primeira ordem, estrelas a discrição, um ditador sanguinário no poder, que é uma tetéia; mulheres que só desejam ser cantadas e decantadas; lágrimas e luto por toda a parte, do que se pode desejar de melhor; uma ótima peste desoladora, um belo sol de rachar, uma falta absoluta de residências, e, por cima de tudo isso, que já é muito, a carne seca a 1\$200 o quilo!

Pois mesmo assim, com todas essas vantagens, incrível! os senhores poetas conservam-se na moita e - nem pio! nem um verso!

Os romancistas e os contistas e novelistas, pelo eu lado, também não sei do que se possam queixar. Já não há Portelas para desviá-los do trabalho literário; o governo da legalidade fornece-lhes por dia assassinatos e tenebrosas perseguições, que dão para uma enfiada de volumes; os conspiradores esfervilham de todos os lados; há no ar gritos de agonia e fartum de sangue; rosna-se a respeito de fuzilamentos e cabeças cortadas e assaltos a mão armada; um tesouro!

E os romancistas - moita!

Pelo teatro a mesma cousa: as revoluções sucedem-se; os chefes políticos lutam como atletas; os estados transformam-se em campos de batalha; a peste e a fome, de mãos dadas, invadem a casa do pobre e promovem cenas de grande sensação. E, no entanto, não aparece um dramazinho, uma tragédia, e nem sequer uma comédia em um ato, apesar de que o elemento cômico não abunda menos que o dramático, se dermos crédito ao vizinho da *Vida fluminense* que conhece muita gente engraçada e capaz de provocar as maiores pilhérias e as mais largas gargalhadas.

Os Melos, por exemplo! Como aqueles dois gaiatos irmãos estão a pedir por amor de Deus que os ponham em cena, de cócoras, um defronte do outro, a torcerem-se de patriotismo! E que belo efeito não faria o Floriano de guarda ao tesouro, como o descreveu *Pierrot*, de espingarda ao ombro e vela de sebo ao lado? E o batalhão patriótico a gingar na frente da música? E a manifestação popular, obrigada a balõezinhos chineses e descompostura às folhas da oposição?

Oh! definitivamente, não vejo razões para não haver comédias, dramas, romances e poemas!

Se os Srs. literatos não aproveitarem esta boa ocasião, se não aproveitarem enquanto Brás é tesoureiro do Estado do Rio de Janeiro, nunca mais pilharão outra tão boa.

E é pena, porque o momento histórico que atravessamos, devia passar à história, cantado em prosa e verso, para gozo e regalo dos futuros brasileiros.

Um Floriano não se bispa duas vezes no mesmo século!

Vamos, coragem, meus senhores! mãos à obra, que a literatura brasileira precisa, para a sua glória, de ter também, como a literatura italiana, o seu Bertoldinho e o seu Cacasseno.

Vá o país à garra, mas salvem-se as letras, com um milhão de raios!

O Combate, 10 de março de 1892.

VI

Literatura nacional

I

Agora, sempre que por aí se fala de literatura nacional, diz-se que ultimamente há grande desfalecimento entre os escritores brasileiros e que diminui o numero de volumes publicados, e que só se escreve sobre finanças e sobre política.

É exato. Mas a culpa não é dos escritores; é das dificuldades que se apresentam hoje em dia para realizar a publicação de qualquer trabalho. A falecida baronesa de Mamanguape levou os seus timos anos de vida a publicar; na casa Pinheiro, um volume de versos, que nunca veio à luz e lhe abreviou naturalmente os dias de existência.

Aluizio Azevedo, tem há quase ano e meio, um volume de contos a publicar-se na casa Mont'Alverne, hoje Companhia Editora; e, apesar de haver pago adiantado a primeira folha de composição, ainda não teve o prazer de ver uma página impressa do seu livro; outros e outros homens de letras queixam-se de iguais contrariedades, e não é natural que alguém se disponha a escrever com boa vontade, tendo uma obra encalhada no prelo.

Repetimos: a culpa não é de quem escreve; a culpa é dos que imprimem. Hoje, no Rio de Janeiro, dar um livro à publicidade é quase tão difícil como viver, ou talvez mais ainda, se atendermos ao que por aí vai pelas tipografias e casas editoras.

É que no Rio de Janeiro atualmente, ninguém quer trabalhar. A febre do jogo, criada desde o ministério Ouro-Preto e desenvolvida depois pela revolução, o desespero de enriquecer forte e

rapidamente, o desalento causado pelos graves prejuízos trazidos pelo descalabro de companhias, que eram a grande esperança dos ambiciosos; tudo isso transformou a maior parte da população fluminense num infernal bando de jogatineiros *decavés*, doidos perdidos, furiosos, desanimados, sem vintém e sem ânimo para o mais insignificante trabalho honesto.

Vai-se a uma tipografia para imprimir uma obra. Aparece-nos o dono da casa, triste, desorientado, pensando nas suas tantas mil ações sem valor, e ouve-nos distraidamente, sem conseguir ligar importância ao trabalho que lhe encomendamos; e, quando lá voltamos, o homem já nem se lembra do que lhe dissemos a primeira vez.

Mas, se apesar de tudo, a encomenda fica feita, por um preço paradoxal, e tornamos lá para ver as provas, ai! que triste espetáculo nos espera! Cada tipógrafo é também uma vítima da bolsa; cada tipógrafo tem em casa, inúteis como um baralho de bilhetes brancos de loteria, unia infinidade de títulos de companhias arreventadas.

E, macambúzio, dedos enterrados no cabelo, cotovelos fincados na caixa de composição, cada desgraçado desses olha sonambulamente para os tipos empastelados, mortos, emudecidos e cobertos de pó, e não encontra em si coragem para compor um *paquet*.

Compor! Trabalhar! Para quê?... Para receber uma soldada que, com os preços atuais do pão, mal chega para não morrer de fome?... Ganhar 5\$000 por dia, quando, se não rebentasse tal companhia ou banco tal, deveríamos empolgar 300 ou 400 contos?... Não! definitivamente não há valor de homem capaz de ir até lá!

E o tipógrafo, convencido de que não vale a pena trabalhar tão resignadamente para ganhar tão pouco, faz como a maior parte dos operários, toma o chapéu, despede-se da casa em que está empregado, e sai de cabeça baixa e o coração encharcado de desalento; vai pedir dinheiro emprestado a um amigo, ou empenhar alguma joiazinha da mulher, para correr à roleta, que nada mais e do que a caricatura da bolsa; a roleta a ultima esperança de lucro rápido; a roleta, donde o infeliz nunca mais voltará ao trabalho e à dignidade da vida, porque a engrenagem daquela máquina infernal jamais largou a presa que lhe caiu nos dentes!

E diz o dono da tipografia, quando o autor vai à vigésima vez, pelas provas do seu pobre livro:

- Vê, meu caro senhor?... Estou sem gente!... Os operários foram-se todos! Estou disposto a pagar o duplo do que pagava dantes, mas ninguém aparece! E se isto continua assim - fecho a porta!

E a verdade inteira é que este dono de tipografia está morrendo por fazer como fez o tipógrafo: correr à roleta! Correr à tavolagem!

E lá, em volta dos malditos trinta e oito números, de 00 a 36, ou à música implacável do *Trente et quarente* irá ele encontrar como em uma praia de desilusão todos esses náufragos da megalomania, arrojadas à casa do jogo pelas ondas do oceano da bolsa.

Todos lá vão ter, desde o assombroso titular até o magro poeta, que interrompeu os estudos, para meter-se no ensilhamento. Banqueiros, doutores, funcionários públicos, artistas, caixeiros, todos, todos!

Triste e desconsoladora romaria que só tem uma fé - ganhar. Só tem uma esperança - levar a banca à glória.

Todos e tudo lá vão ter à praia da tavolagem. Sim, meus senhores, aqueles belos carros, aqueles cavalos de raça, aqueles diamantes, tudo isso rolará para sempre na areia e, com os tipos da composição e com as páginas, os poetas e prosadores.

II

Ontem encontrei de novo o meu querido romancista Ernesto Branco. Vinha ainda com o ar enfasiado e, ao ver-me, foi logo me passando o braço pela cintura e levando-me para a confeitaria dos pássaros.

- Estou furioso contigo! disse me ele, quando nos assentamos, e depois que o garçon se afastou para ir buscar uma garrafa de cerveja. - Furioso, mas o que se pode chamar "Furioso!".

- Por quê?

- Por causa do tal artigo de ontem Li a tua detestável *Vida Literária!* Aquilo não se faz! É uma infâmia!

- Mas o que fiz eu?

- Fizeste pilhéria com as letras!

- Ora!

- Ora não! Não admito que se brinque com a cousa mais séria que há no mundo! Não admito que se meta a ridículo a Literatura, a sagrada e imaculada arte de escrever! Sabes tu o que é um poeta pobre, meu amigo? sabes quanto é venerável essa criatura de sapatos rotos, que só vive da amarga desgraça de não ser imbecil ou medíocre, e que vai atravessando cinicamente e corajosamente a dantesca escala de todas as torturas e de todas as misérias, olhos fitos no ideal e pé calcado sobre a convenção burguesa e sobre as conveniências sociais?

Sabes tu o que é esse sombrio boêmio que a multidão acotovela e que os felizes desdenham e odeiam; esse negro espetro que tem a alma branca e palpitante como as estrelas da manhã? Esse, que entre toda essa magra canalha que luta inconscientemente para comer e respirar sobre a terra, é o único que sofre, porque é o único que tem inteira consciência da lama em que se arrasta, com as asas inutilizadas pelo lodo da miséria? esse é o poeta, e ao poeta tu ofendeste com as tuas abomináveis chufas de *cabotin* de imprensa! Queres fazer graça? Que diabo! imita o *Pierrot* ou o *Clown*; toma as marionetes do governo; enfileira-as defronte de ti, sobre a tua mesa de trabalho, e pinta-lhes bigodes; põe-lhes chifres; puxa-lhes pela língua até ao umbigo; rasga-lhes a boca até às orelhas; prega-lhes rabos de papel; dá-lhes piparotes no nariz; toma-as entre as palmas da mão e boleia-as até reduzi-las a uma grande pílula; atira com esta ao ar, torna a apanha-la, torna a atira-la; deixa-a cair ao chão; levanta-a com ponta do pé; atira-lhe outro antes que ela torne a cair; mas, por amor de Deus, por amor de quem mais ames! não fales de carne seca, quando falares de poesia! não exijas versos aos poetas que dormem para não ver o que vai pela República! não peças gracejando obra literária, quando o nosso país geme apunhalado por um salteador político!

- Mas, por isso mesmo, respondi eu, esquentando-me também. Por isso mesmo que o Brasil chora de dor; por isso que o Brasil é traído, é saqueado, é reduzido a ruínas, é que os poetas deviam erguer-se cheios de indignação e arrancar das liras, ao menos para dar com elas na cabeça do governo! Tu mesmo, que estás aí a declamar a favor deles; porque não atiras agora ao público um livro patriótico, um grito de revolta que fizesse tremer o palácio de Itamarati e gelar nas veias o sangue desses assassinos que acabam de ensangüentar o Ceará?

- Eu? Por uma razão muito simples: porque o talento é como os títulos da bolsa - sobe e baixa conforme a procura.

O meu neste momento está muito por baixo. Ainda ontem quis principiar um trabalho: dispus o papel sobre a pasta, enchi o tinteiro, acendi um charuto, assentei-me corajosamente à mesa, molhei com energia a pena e... em vez de escrever, pus-me a pensar... E em que pensava eu? Pensava em uma carta do meu senhorio que nesse dia me comunicara amavelmente a sua generosa resolução de aumentar-me 50\$000 no aluguel da casa; pensava na minha *ménagère*

que me avisara na véspera que o dinheiro que eu lhe dou agora para as despesas diárias não chega, apesar de ser quase que o duplo do que lhe dava dantes; e pensei nos escandalosos preços que me cobrava agora o alfaiate, e pensei no chapeleiro, e no sapateiro; e, insensivelmente, fui pondo a pena de parte e levantando-me para ir assentar-me à janela, a contemplar o céu.

Fez-se noite e eu continuava a pensar em cousas alheias ao meu trabalho. Lembrei-me com mágoa de um amigo meu, tão bom rapaz, tão simpático e tão bem educado, o Garcia do Amorim, que na véspera tinha sido, como muitos outros, devorado pela maldita febre-amarela; lembrei-me de o ter visto quatro dias antes, bom e esperançoso, a falar-me de seus versos e de sua próxima viagem a Roma.

Fiquei triste com esta idéia, e pus-me então a cismar no estado e no destino desta pobre terra em que vegetamos, acabrunhados pela peste, pelo calor, pela infernal carestia da vida, ameaçados a todos os instantes pela guerra civil... Pobre República viúva! Pobre noiva a quem arrancaram o esposo ainda na lua-de-mel, para entregá-la à prostituição, para entregá-la à torpe sensualidade da maruja! Ah! maldito Floriano! maldita raça de traidores!

E de todos esses negros pensamentos ficou-me no espírito uma surda amargura, uma funda e dura tristeza, um vago desejo de desertar desta infeliz pátria, correndo à procura de um lugar onde se respire um ar menos assassino, onde a vida não seja tão amarga e tão tenebrosa, onde se não vejam cair tantas vítimas da peste e onde se não encontrem pelas praias cadáveres boiando misteriosamente. E uma dor imensa, terrível, sem esperanças de remédio, apoderou-se de mim e fez-me amaldiçoar a hora em que vim ao mundo. Imagina se trabalhei!

- E por que não aproveitaste a tua própria dor para fazer uma obra? Por que não fizeste da tua dor um poema?

- Porque era verdadeira demais para isso! Desconfia das lágrimas descritas em prosa e verso. A dor legítima é egoísta, é besta, é inútil, não serve senão para doer! A arte nasceu para cantar e não para chorar!

Ia replicar, metendo as botas no governo, mas o meu amigo cortou-me a palavra, segredando-me rapidamente:

- Caia-te! Esse sujeito que se assentou agora atrás de ti é um espião de polícia... Cuidado!

Embucbei.

O Combate, 11 de março de 1892.

Aluísio Azevedo

RENDAS E FITAS

I

- Olá! exclamei eu, vendo saltar do bonde de Botafogo o meu querido Ernesto Branco. Bons ares te tragam! Como vais tu? Mas que diabo de cara tens agora? Estás zangado?- Ora! Não me fales! Não estou zangado; estou aborrecido. Aborrecido com esta vida infernal do Rio de Janeiro; aborrecido com este calor selvagem, este calor inimigo da civilização e do trabalho; e aborrecido principalmente com as nossas patricias, esses monstros de olhos sedutores e sorrisos virginiais!- Ó diabo! a cousa agora é mais grave... Dar-se-á o caso de que o meu espirituoso amigo levasse tábua de alguma moça com quem estivesse para casar?...- Hein?! Casar?! Eu?! Com quem?!- Oh! com qualquer moça do teu gosto...- Por quê ! Que mal fiz eu, para me condenarem assim, sem apelação nem agravo!... Casar! Casar com uma dessas criaturinhas que neste instante acabam de encher-me de indignação e de vergonha? Casar com uma dessas moças ignorantezinhas, pretensiosas e malcriadas? Oh, nunca! Nunca! Nunca! Antes ser cão de

cego; antes ser ministro do Sr. Floriano; antes ser leitor do *Fígaro*!- Mas, que te fizeram, Santo Deus! para te ver neste estado de cólera contra o sexo mimoso?... para te ver assim terrível e feroz contra essas belas flores com alma, que são o encanto da nossa vida, o perfume do nosso lar, a segurança da nossa felicidade?...- Que me fizeram? perguntas tu! Oh! dir-se-ia que nunca viajaste em um bonde em que vão patricias nossas! Dir-se-ia que nunca cedeste o lugar a uma senhora, para vê-la aceitar a tua fineza, sem voltar sequer o rosto, quanto mais dizer "Muito obrigada!"- Acanhamento!...- Qual acanhamento! São acanhadas para cumprir com tão insignificante preceito de boa educação, mas não lhes falta desembaraço para protestar com uma careta, e às vezes até com um muxoxo, quando lhes chega a vez de se incomodarem para te dar passagem!E o modo afrontoso e impertinente com que elas observam e esmerilham, medindo da cabeça aos pés, as pessoas que entram no bonde, será também acanhamento ...- Curiosidade de mulher...- De mulher mal-educada! E' muito feio que uma moça, pressuposta inocente e virginal, ou mesmo uma senhora já casada ou viúva, não possam ver entrar uma cocote no bonde, sem se voltarem de nariz torcido, sem a medirem com desprezo e azedume, arriscando-se a ouvirem uma merecida resposta! E não é preciso que seja uma de chapéu *tapageur* e vestido de cor *criard* a pessoa que entre no bonde, para ser analisada deste modo; basta ser uma estrangeira, uma estrangeira que não se vista pelo detestável gosto com que se vestem as nossas damas; quer dizer que não venha coberta de seda e veludo por um dia de sol ardente e não traga em cima de si todas as cores do céu e do inferno!- Tu exageras!- Não exagero tal! Agora mesmo acabo de presenciar revoltado uma dessas cenas. Estava uma família ocupando o banco em frente do meu: uma velha, uma senhora de meia idade, e duas moças de quinze a vinte anos; todas as quatro tudo que há de mais tipo brasileiro e de mais ridículo.O grupo formava uma orgia de cores, de flores e de fitas; uma loucura de sedas, de lãs, de veludo, e de algodão.Entra um casal americano do norte. O homem de calça e paletó de brim, chapéu de palha com toalha em volta, e guarda-sol de pano claro, a mulher com um singelo vestido de linho cor de palha, enfeitado de rendas da mesma cor, e na cabeça um *abat-jour* de linho branco, preso despretensiosamente ao pescoço por duas pontas largas de cadaço.Pois, meu amigo, não imaginas o rebuliço que se produziu naquela família com a chegada deste casal, que aliás, nada mais fez do que entrar, assentar-se e pôr-se a conversar em voz baixa, natural e discretamente.Oito olhos arregalados cravaram-se imediatamente sobre a americana com tal insistência que a nobre senhora começou a examinar-se, e perguntou depois ao seu cavalheiro se ela tinha em si alguma cousa que chamasse a atenção."Deus te livre!" disse a velha, com arrelia, dando um estalo de língua e torcendo enjoada a cabeça, como para não continuar a ver um espetáculo indecoroso."Iche! desdenhou por sua vez a quarentona. Esta gente não tem vergonha de sair assim à rua?... Parecem mascarados, Deus me perdoe!"E as duas moças começaram, de lenço contra a boca, a emitir consecutivas gaitadas de riso, e a remexerem-se no banco, e a cochicharem tão impertinentemente, que os americanos voltavam a cabeça de vez em quando, patenteando na fisionomia o mais completo ar de intriga e de assombro.Não ouvi o que eles disseram lá entre si; vi, apenas, o desdenhoso movimento dos seus lábios e senti venetas de estrangular aquela família brasileira, tão tola, tão ridícula, tão chinfrim!E ainda me vens falar em casamento! Mas a idéia que me dá ânimo para continuar a viver; a única razão por que não me atiro ao mar; o meu único momento de felicidade, é quando me lembro de que aqui no Rio de Janeiro, onde todos são mais ou menos casados, eu me conservo solteiro como no dia em que nasci! E, juro-te que não é da febre-amarela, que tenho medo, nem das bexigas, nem do beribéri, nem da legalidade do Sr. Floriano, nem da queixada do Sr. Aristides, é daquilo que ali vem. - Olha!E Ernesto apontou para um grupo de três mocinhas que se aproximavam de nós, muito risonhas, acompanhadas pela mamãe; e deitou a fugir como um louco em direção contrária, a gritar.- Livra! Livra!E foi-se.

O *Combate*, 15 de março de 1892.

II

Não, Ernesto, vem cá. Senta-te aqui; conversemos tranqüilamente. Não comeses a gesticular como um louco e a dardejar paradoxos a torto e a direito! Ouve-me quieto e responde com bons modos, se não me queres ver tomar o chapéu e desaparecer pela porta da rua.- Vamos lá!- Foste ontem injusto e severo demais com as nossas patricias. Concordo que nem todas as

brasileiras mereçam a minha defesa; sei que há por aí muita mocinha impertinente e muita senhora insuportável, mas ninguém pode negar que a brasileira em geral é meiga, virtuosa e asseada,- Não foi disso que tratei!- Ouve. Tu conheces bem o tipo da inglesa, com a sua barriga de tábua, com o seu cabelinho louro grudado à cabeça e enrolado pobremente sobre a nuca; com a sua cintura de lâmina, muito estreita vista de lado, muito larga vista de frente; com os seus pés espalmados e longos, como uma canoa de pescador emborcada sobre a praia; conheces a famosa *Miss*, tão celebrada pelo lápis de Gavarni; essa misteriosa criatura de olhos celestiais, que em viagem se parece com um guarda-chuva inglês, metido cuidadosamente dentro da capa, e que em casa, no interior, lembra um vaporoso e fino caramelo encimado por uma trouxa de fios de ovos. Conheces a mulher inglesa?.- Se conheço! *Theóphile Gautier*, o meridional romântico, o beduíno francês, que viveu para adorar as mulheres, e que amava e cultivava os gatos, por não poder fazer o mesmo com a pantera (que, depois da mulher, é o bicho mais feroz de criação), *Theóphile Gautier* dizia e repetia que as inglesas são as mulheres mais formosas do mundo!- É exato. O que não impede que os outros franceses, ao vê-las atravessar o *boulevard*, tenham, sempre para ela as pilhérias mais terríveis e os ditos mais ridículos. Mas, passemos adiante: conheces igualmente a espanhola?- Oh! Pergunta-me antes se conheço *Byron*! Não conhecer o tipo da espanhola!... Dançante seguidilha de amor que se transforma em mulher! Oh! se conheço! Mantilha, leque, castanholas e touros! Sou louco por ela! Vamos adiante!- Pois, meu amigo, fica sabendo que as espanholas têm cousas detestáveis nos seus costumes. À mesa, por exemplo: não há espanhola, por mais bem educada, que não leve a faca à boca, como se fosse um saltimbanco engulidor de espadas; e todas elas lambem os dedos; tiram com a língua o que fica de comida entre os dentes, e...- É falso! É mentira! Não prossigas, ó caluniador! que te estrangulo aqui mesmo!- E a italiana?...- Oh! oh! O velho amor cavalheiresco! Beijos e punhaladas. Lábios grossos e quentes; punhais frios e penetrantes. Um conde assassinado ao luar, debaixo de uma ponte; a condessa veneziana fugindo com um tenor de olhos ardentes!...Conheço! conheço! mas tudo isso cheira-me um pouco a macarrão e realejo!- Quando não cheira pior... porque, meu caro, debaixo de todo aquele romanesco lírico e daqueles transportes de paixão, com punhal, cabelos soltos e dentes cerrados, mal sabes o que vai! A italiana em *geral* é boa para ser vista de longe. Só tem efeitos cenográficos. Não te aproximes muito dela, se queres conservar a bela impressão artística que recebestes!- E da francesa? que me dizes tu da encantadora francesa?...- Digo-te que é a mais vulgar de todas as mulheres... a que menos tem a linha original...- Socorro! Socorro! Este homem acaba de enlouquecer!- Não! Não enlouqueci! Não confundas a francesa com a parisiense. Fala-me desta, e eu te direi que a parisiense é a mulher mais feia e mais sedutora entre todas as filhas de Eva; eu te direi que só ela tem o segredo do amor que ri, e canta, e brinca; o segredo da amabilidade que satiriza e confunde como um piparote na ponta do nariz. Não é uma mulher, é uma bonita fantasia feita de cançonetas, aljôfares de *champagne* e rendas valencianas!- Seduzem-no mais o espírito do que os sentidos. E' a primeira mulher do mundo.- Não! A primeira mulher do mundo, meu querido Ernesto, é a brasileira.- E por que não a portuguesa? - Porque a portuguesa aos trinta anos, idade da grande afeição da beleza feminil, em geral começa a barbar e a criar umas singulares bochechinhas ao lado do queixo, que lhe tiram todo o encanto e lhe dão ares de abadessa.- E a brasileira então? A brasileira aos trinta anos está coberta de sardas; já se não aperta; já se não penteia; anda em casa com o roupão desabotoado sobre o ventre; arrasta os chinelos, e, às vezes, fuma até cachimbo!- Não é verdade! Ou tens consciência de que estás mentindo ou não sei que diabo de brasileiras conheces tu! Repito: a brasileira é a primeira mulher do mundo. Sela se reúne tudo o que as outras possuem de melhor; ela tem a graça e o donaire da espanhola; tem o calor e o arrebatamento da italiana; tem o coquetismo da francesa, tem o asseio e a virtude das inglesas e o talento doméstico da alemã.- Só lhe faltam, para ser completa, as barbas à portuguesa!- Mas tem uma cousa ideal, que nenhuma outra possui como ela, e é a meiguice, o carinho profundamente sincero, a dedicação sem limites pela pessoa amada. Só a brasileira, só ela no mundo, tem o segredo de dar cafunés e de fazer certos quitutes e certos doces que nos arrebatam! Só ela...Mas Ernesto não me deixou prosseguir, ergueu-se indignado e exclamou, enterrando o chapéu na cabeça:- Ora, vai-te para o diabo! Estás apaixonado por alguma pasteira! E eu a dar ouvidos a este comilão!E foi-se.

Aluísio Azevedo

HAMLETO

Todo o homem inteligente, que tenha lido durante a vida mais de dez livros de literatura, sente um delicado abalo e um ligeiro frêmito nervoso agitarem-lhe o coração, todas as vezes que vê anunciado, por um ator de nome, o inabalável *Hamleto* de Shakespeare. E só com o *Hamleto* acontece isto. Donde lhe virá tão transcendente privilégio? Qual o segredo da magia dessa misteriosa obra de arte, que assim acorda ao mesmo tempo mil impressões, sem que destas nenhuma entretanto se definisse até hoje claramente? Todos conhecem *Hamleto*; muitos o discutem; ninguém e nega; todos o aceitam; todos o desejam; todos o amam doidamente; mas ninguém o explica; ninguém o define, porque o próprio Hamleto não se explica, nem se define a si mesmo. Não se define, porque ele próprio é a mesma dúvida; é a mesma contradição; ele é o indefinido afeiçoado por um poeta de gênio. Anunciado o *Hamleto*, correm todos a vê-lo ainda uma vez; mas, por melhor que seja a interpretação que lhe dê o artista ninguém até hoje saiu do teatro amplamente satisfeito por ter visto mover-se em cena o Hamleto sonhado pelo seu coração e pela sua inteligência. Nenhum trágico deu jamais ou será capaz de dar ao vivo esse tipo-enigma, esse idolatrado mito, que vive na imaginação de todos, porque fia Hamleto, posto que muito humano, não é homem. Não é um personagem em arte, é um símbolo. É a dúvida, intangível e incorporável como o indefinido. E nisso está o seu valor. Todos o compreendem, mas ninguém o define em crítica, nem o traduz em cena satisfatoriamente. Todos o sentem; todos o compreendem; todos o conhecem, como a um íntimo e querido companheiro da sua própria alma e da sua própria incerteza. Pelo espírito de todo o homem inteligente, por mais curta, mais longa, mais tranqüila ou agitada que seja a sua vida, já pelo menos uma vez, atravessou essa misteriosa sombra, com o seu olhar estranho, embaciado pela indefinida tristeza da dúvida. E essa sombra nunca mais se apagou desse espírito. Por todo o cérebro, iluminado pelo menos por uma idéia, já algum dia se arrastou gemendo a desvairada melancolia de Hamleto, perguntando à dor da sua própria dúvida, o irresponsável "ser ou não ser"? E o eco desse gemido sem resposta aí ficou gravado para sempre, como a saudade de um amor, ou como o remorso de um crime. Shakespeare, que formou genialmente os seus tipos com a intensidade das próprias paixões que eles sintetizam; ele que criou o Ciúme com o próprio ciúme; a Loucura com a própria loucura; a Avidez com a própria avidéz e o Amor com o próprio amor - fez o Indefinido com o próprio indefinido. Se Hamleto não fosse contraditório; se fosse explicável e coerente, seria incoerente e contraditório, e nunca seria Dúvida. Ele é todo feito de contradições; é enérgico e vacilante; indiferente e apaixonado; vingativo e carinhoso; louco e sensato; hipócrita e sincero; paciente e desensofrido; prudente e arrebatado; generoso e pérfido; é bom e é cruel; é bom filho, e é mau filho. As suas lágrimas são escarninhas e o seu sorriso dói. O seu amor é uma queixa contra o seu próprio amor, e o seu ódio é a seiva e é a vida do seu coração. Ele é a Dúvida, que só se define pela dúvida. Ele é a Contradição, que só se afirma pela contradição. Ele é enfim o indefinido. Ele é o Indefinido quando diz a Ofélia que nunca a amou, mas que a ama agora, contanto que ela nada espere desse amor e se recolha a um convento. Ele é Contradição quando diz que todos os homens, sem excetuar nenhum, nem ele próprio, são miseráveis, tendo afirmado que seu pai, o rei da Dinamarca, era tão belo modelo de valor e virtudes que só aos deuses podia ser comparado. Ele é contradição no seu extremo amor filial, porque ele é o carrasco de sua própria mãe. Ele é Contradição quando, tendo já se encontrado e entendido com o espectro de seu pai, que lhe faz revelações imprevistas, vem depois, no célebre monólogo do terceiro ato, falar-nos dessa outra margem oposta à da vida, a morte, donde, afirma ele, nunca ninguém voltou ao mundo que habitamos. Ele é Contradição quando, tendo friamente assassinado Ofélia com a sua cruel indiferença, lança-se diante do cadáver dela, desafiando a quem na terra a possa amar mais do que ele.

Toda essa contradição é a Dúvida. E porque Hamleto é a Contradição, Hamleto é inexplicável, é vago, é sombra que escapa à grosseira vista dos sentidos, e só pode ser bem julgada e compreendida pelo espírito e pelo coração. Ele, só dentro de nós mesmos, existe real e perfeito;

desde que qualquer arte plástica pretenda dar-lhe forma, as suas fantásticas proporções logo se amesquinham, e Hamleto deixa de ser Hamleto como todos o conhecem.

Hamleto fora da nossa imaginação é um polvo fora d'água. Ele pertence a todos e pertence a cada um em particular. O abalo que se experimenta ao ouvir o seu nome mágico parece a cada indivíduo um caso privado de simpatia. É que Hamleto é a misteriosa expressão da dúvida de cada um de nós. Todos nos embriagamos com esse doloroso e eternal idílio entre o conhecido e o desconhecido.

Pensar em Hamleto é pensar em Ofélia. Menos ideal do que ele, mais terrena, mais sensual, ela é também ainda assim uma visão intangível. Ofélia, toda branca, toda loura, toda amorosa, esbate-se como sombra abraçada à sombra de Hamleto; mas a loucura que nele é sonho e embriaga, nela é realidade e dói. Só um instante ela é mulher. A sua carne de virgem desaparece desde que ela inclina a dourada fronte, vencida n'alma pela irresistível dúvida do seu príncipe incompreensível, e a pensativa sombra de Hamleto arrasta-a para o indefinido. Ofélia é triste e contraditória estrela, que se acende à luz do dia e desmaia à sombra da noite. E' uma estrela afogada na noite da Dúvida.

O seu diálogo com Hamleto é o melancólico idílio de uma luz que morre e suspira com a treva que geme e arqueja. Há por entre as suas frases doloridas todos os soluços da miséria humana, como entre as de Hamleto há toda a velha agonia da dúvida em que nos arrastamos na vida.- Eu te amei... Outrora...- Assim o supus...- Não devias acreditar... Eu nunca te amei...- Ai!...- Entra para um convento... não queiras ser mãe de pecadores. Nós somos todos miseráveis... Fecha-te num claustro...- Os mimos de amor que me destes aqui os tendes, levai-os... já não têm perfume... o coração que mos deu já me não ama...- Ah! Ah! és virtuosa?...- Senhor...- És... bela?- Meu senhor...- Bela e virtuosa. Separa a tua formosura da tua virtude, porque a beleza tem garras fortes e a virtude fraca defesa...- Meu senhor...- Entra para um convento... Eu supunha que te amava dantes... Só agora é que te... Faze-te freira... E a estrela apaga-se de todo e a treva fecha-se na treva, deixando para sempre no espírito de quem escutou o seu idílio a saudade de unia música indefinida, feita de suspiros e de soluços.

* * *

E, pois, quinta-feira passada corri ao teatro Lírico. E o Sr. Novelli disse-me do palco, não sei em nome de quem, que Hamleto era "Histrião por vingança". E, com efeito, um calculado doido começou com a sua calculada loucura a intrigar, nem só todos os outros personagens da peça que se representava, como a mim próprio e aos outros espectadores que o ouviam. Desconheci a tragédia. No fim de algum tempo perguntava a mim mesmo quem seria aquele violento intrigante, aquele sensual dinamarquês que vociferava contra os seus companheiros de cena. E, à proporção que o Sr. Novelli refundia Shakespeare, Hamleto, a misteriosa sombra que persiste dentro de todo o homem que já leu dez livros literários, ia-se a pouco e pouco afastando de mim, até que, ao terminar o espetáculo, quando o falso doido estica-se e morre, já o meu querido e misterioso Príncipe da Dúvida, que nunca me abandonara o espírito desde que o conheci, tinha de todo me fugido; e eu comecei a sentir-me só, frio, abandonado moralmente, viúvo de um velho companheiro espiritual. Tive vontade de chorar. E então apoderou-se de mim um desejo forte, desensofrido de ver Hamleto, de ouvi-lo para matar saudades, de senti-lo vivo, para me convencer de que o Sr Novelli não o tinha assassinado para sempre.

Corri a casa e reli avidamente o divino poema da Dúvida. Ah! felizmente, antes de adormecer, já de olhos fechados, achei de novo a querida sombra pensativa; estava defronte de mim, imóvel, a fitar-me com um triste olhar de tédio e de desdém, como se eu tivesse culpa do que. sucedeu quinta-feira no teatro Lírico.

Ela voltou, felizmente, mas do susto de a ter perdido é que já ninguém me livra.

E, agora, juro que o Sr. Novelli não ma roubará outra vez, ainda que por cinco minutos. Nada, com cousas sérias não se brinca!

O País, 23 de junho de 1895.

Aluísio Azevedo

FLUXO E REFLUXO

FACÉCIA EM TRÊS ATOS

ATO PRIMEIRO

Cenário a duas tintas - branco e cor-de-rosa. A cena representa a plena ilusão de uns vinte anos em flor. Há formosas mentiras e claros sonhos de esperança voando pelo ar. Num doce clarão de aurora pestanejam, quase a fechar os olhos, as últimas estrelas. No primeiro plano crescem discretamente as primeiras violetas de junho e brotam em superabundância versos líricos, que ainda mal se firmam nos pés, ambos muito orvalhados, aquelas de rocio matutino e estes de lágrimas de amor platônico.

ELA e ELE

(Ele, primaveril e cato, contempla embevecido a natureza que desperta, e procura uma rima, Ela, outonal e bela, ardendo em dissimulados desejos, tem n'Ele os olhos postos e n'Ele concentra todo o seu enlevo).

ELA

(Tomando-lhe uma das mãos, sem que Ele dê por isso). Por que me não atendes, senhor dos meus pensamentos?... Por que me não arrancas com teus braços desta agonia que me mata?

ELE

(Distraído e trescalando o aroma da puberdade). Surgem ao longe sobre as montanhas os primeiros raios do sol... O mar deve a estas horas estar já crescido e belo, e a enchente há de trazer-me boa inspiração... Não fica longe a praia. Corramos!

ELA

Não! Atende um instante; atende por amor de Deus!

ELE

Ah! Estavas aí? Que de mim queres tu, mulher que eu mal conheço e encontro a cada passo em meu caminho?

ELA

De ti só a ti próprio quero.

ELE

Pois queres justamente o que te não posso dar.

ELA

Adeus.

ELE

Fica ao meu lado

ELA

Ingrato!

ELE

Impossível, filha; tenho que terminar o meu poema.... *(Consulta o relógio)* Cinco e meia! A preamar será às seis. Não há tempo a perder! Adeus! adeus!

ELA

Oh! Atende, meu amor! *(Segura-o pelos braços)*. Não partas assim sem mais nem menos; tem pena de mim, que há longo tempo te sigo e te busco pelos cantos da cidade e recantos dos subúrbios, fazendo de meu desejo a sombra da tua indiferença. Não me escapes ainda desta vez, sem me deixares uma palavra de esperança... uma palavra ao menos!

ELE

(A olhá-la por cima do ombro). Uma palavra? Que palavra queres de mim?

ELA

(Arrebatadamente) Uma palavra de amor!...

ELE

Não tenho, filha... Minhas palavras de amor dei-as todas aos meus versos... Lê meus versos e contenta-te com isso... Já não é pouco... Adeus.

ELA

Cruel!

ELE

Adeus.

ELA

(Prendendo-o nos braços). Não! Olha! Escuta! Se não tens palavras de amor para me dar, dá-me então teus lábios, desses creio que não dispuseste ainda... Não sonegue o copo à boca do ébrio sedento!

(Ele sorri, e Ela, deixando-lhe os braços, cobre o rosto com as mãos e põe-se a soluçar).

ELE

(Perplexo, volta-se para Ela e passa-lhe a mão pelos cabelos). Então! então! Não te mortifiques desse modo, que isso me penaliza... Vamos! não chores, e deixa-me ir, preciso contemplar o oceano em preamar.

ELA

(Cingindo-o violentamente contra o colo e quebrando-lhe o frio sorriso dos lábios com um beijo ardente, que o penetra todo até à medula dos ossos).

És meu!

(CAI O PANO)

ATO II

Cenário a duas tintas - cinzento e roxo. A cena representa a Dor. Há gemidos e suspiros soltos no ará ao fundo, um sinistro pressentimento de morte; no primeiro plano, flores murchas, estrofes inacabadas, contas de botica, receitas de médico e cautelas de casa de penhor. Numa das receitas lê-se o nome do Dr. Cabizo

CENA ÚNICA

ELE e ELA

(Estendida no seu leito de dor, com Ele ajoelhado junto à cabeceira). Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Sinto ir chegando a hora tremenda! Tento os membros tolhidos como os de ma estátua do Almeida Reis... Creio que o médico quando vier já me não encontrará com vida. E não haver em casa um coto de vela para me ajudar a morrer! Vá! acende tu um charuto, se o tens, e enfia-o cá entre meus dedos hirtos... Salvem-se os princípios!

ELE

(Com a alma a derreter-se em lágrimas). Cala-te, meu amor! Não vês que essas tuas palavras me despedaçam o coração? Tu viverás, minha vida! tu viverás em meus braços, à sombra dos meus beijos... Ainda nos restam a coleção completa do Lamartine e o *Curso de Literatura* do Silvio Romero; vou torrâ-los hoje mesmo!

ELA

Só deploro morrer, canalha de minha alma, porque te deixo aqui na terra, a ti, com esses olhos, com essa boca e com esses cabelos, com todo esse tesouro que era o bem da minha vida e a alegria da minha carne, e que, ai de mim! aí fica para as outras!

ELE

Não! não morrerás, ou morrerrei contigo!

ELA

Ah! Fala-me assim! Muito obrigada, meu amor! Se eu com efeito esticar desta, não me deixes ir sozinha... bem sabes que detesto a solidão. Vem comigo; fecha-te comigo na mesma treva, unidos como em nossas noites de delírio, e penetremos juntos no frio mistério, como juntos descíamos ao fundo ardente do nosso amor...

ELE

Sim, sim, não te abandonarei, ainda que tenha de abandonar a vida! Hei de na morte conservar-me fiel ao teu lado, como fiel aqui me tens ao lado dos teus gemidos. Sem ti, de que me serviria a existência?!

ELA

Meu amor!

(Calam os dois, num supremo arranco, os lábios febris com tão formidável beijo, que até a própria Morte, que nesse instante sorradeira ia entrando pela Esquerda Alta, se espanta e foge).

ELE

Estás salva!

ELA

(Saltando da cama). Ai, filho! corre então à modista, para que me mande os últimos figurinhos. Domingo há baile nos Tenentes do Diabo! Anda! Não percas tempo!

(CAI O PANO)

ATO III

Cenário a duas tintas - vermelho e negro. A cena representa a parte do Inferno conhecida vulgarmente pelo nome de "Ciúmes". Há dúvidas cruéis e desconfianças assassinas que se cruzam no espaço, bramindo ameaçadoras. Ao fundo terríveis pesadelos, ânsias de sangue e amargores de fel. No primeiro piano perfídias, ingratidões, móveis partidos, páginas rotas, versos em cinzas, muita volubilidade feminina e camélias frescas com um cartão de visita.

CENA ÚNICA

ELE e ELA

(Arrancando os cabelos, o olhar em brasa e o coração em carne viva). Oh! Cala-te! Cala-te por piedade! Agora já me não resta a menor dúvida - ele é teu amante

ELA

(Sorrindo indiferente, e de novo bela). Que seja... E daí?...

ELE

Ingrata! *(Com uma explosão de soluços).* Ó meu Deus, por que consentiste tu que, eu a salvasse da morte com os meus desvelos?. Por que consentiste que eu mergulhasse no lódo terciário, donde arranquei esta terrível naufraga que agora me estrangula?

ELA

Que incoerência a tua! Pode lá alguém ser amado quando solta pela boca todas essas ridículas asneiras que estás dizendo, e verte pelos olhos todas essas insuportáveis lágrimas que estás chorando? Naufrago és tu, que te afogas no próprio pranto. Não gosto de afogados, nem tenho jeito para salva-vidas. Adeus!

Não! Perdoa! Atende! Não me fujas assim; não te vás, sem me deixares ao menos uma palavra de arrependimento!...

ELA

De arrependimento? Impossível, filho! já não tenho palavras de arrependimento; gastei-as todas com a leitura dos teus versos. Adeus.

ELE

Dá-me então teus lábios! Não negues o copo à boca do ébrio sedento!

ELA

Não. Isso foi noutra momento, à branca luz de uma aurora, já tão passada tomo a ilusão que me deste; agora, bem vês, é noite, noite funda e embriagadora, e tu, meu rapaz, não és companheiro para esta outra banda do amor. Volta ao faro das tuas rimas ariscas e às tuas madrugadas em jejum; vota sozinho, preciso mergulhar de novo nos meus mares negros, para cevar esta gulosa carne, que está caindo de fome.

ELE

Cruel! Perjura!

ELA

Qual perjura! Meu capricho por ti foi um mórbido sintoma. Hoje estou boa e não quero ouvir falar no que me lembre a moléstia.

ELE

Mas repara que é a morte que me dás com essas tuas cínicas palavras!

ELA

Pois morre tranqüilo, filhinho; não estarei a teu lado para arreliar-te a hora extrema com os meus soluços, como desastradamente tentaste fazer comigo. Morre em paz. Adeus!

ELE

(Exalando o último suspiro). Deus te perdoe!

ELA

Ora até que afinal! Não há tempo a perder. O Cassino fecha à meia-noite e já passa das onze. Hoje é maré cheia, e a enchente deve trazer bom peixe... Corramos!

(CAI O PANO)

Salto Oriental, 1903.

Aluísio Azevedo

EPISTOLÁRIO

A ALBERTO DE OLIVEIRA

s/d.

Meu Alberto - Ainda não pude ir fazer-te uma visita; tenho estado a braços com a formidável tradução do *Rol s'amuse*; conto porém que me desculparás semelhante irreverência. - Contava, entretanto, ir agora com o Rodrigo, mas o Vasques acaba de sair daqui, onde ele veio pedir-me que aprontasse o trabalho de maneira a fazer-se a leitura logo depois do carnaval, e ainda há tanta cousa a fazer! - Recebe um abraço meu e até breve. - Teu *Aluísio Azevedo*.

A EDUARDO RIBEIRO

Rio, 1 janeiro 1896.

Ribeiro, ~ Desculpa que eu só agora te escreva, já em vésperas de deixar nossa terra e tendo, de mais a mais, de desvirtuar um pouco o espírito desta carta com um pedido que te não posso deixar de fazer. Se, porém, não te tenho dado de mim sinal de vida, tenho ao contrário recebido as melhores e mais constantes notícias tuas, já pela imprensa e já pelas pessoas que aqui chegam desse opulento Estado, que governas com tanto brilho; e aproveito o ensejo para te enviar as minhas retardadas, mas profundamente sinceras felicitações. - Por mais de uma vez o coração me tem querido saltar para o papel e enviar-te pelo correio saudades do nosso bom tempo e dizer o muito que ele te quer ainda, mas o demônio desta vida de escrivinbador fez-me da tinta preta e da folha branca os terríveis espetros do meu tormento; de sorte que - *escrever* - tem sido até hoje aqui no Rio de Janeiro a minha grilheta, muito pesada e bem pouco lucrativa,

da qual livro pulsos e tornozelos sempre que posso. Todavia, como não são só o comer e o coçar que estão só no começar, conto seguro que continuarei a impingir-te cartas minhas do velho mundo, que para mim vai ser o novo. Fui nomeado para o vice-consulado de Vigo, e conto seguir para lá todo este mês. A isto se prende o pedido que espero realizado em honra da nossa velha e boa amizade. É o caso que, sendo o ordenado de Vigo bem pouco animador, lembrei-me de arranjar contigo uma agência de imigração para o Amazonas, com os resultados da qual pudesse eu disfarçar pecuniariamente a precariedade do meu cargo. Parece-me que a circunstância de ser eu vice-cônsul (em Vigo não há consulado, é só vice-consulado) justificará aos olhos do público a escolha que porventura fizeres da minha pessoa para agente de imigração do Amazonas naquele porto. - Eu poderia ter obtido um mau consulado em alguma das bibocas republicanas da América do Sul, mas fiz questão de ir para a Europa, ainda que para um vice-consulado, porque é minha intenção desenvolver os meus magros cabedais literários e fazer em boas condições a reimpressão de todos os meus livros. - É verdade! Envio-te por esta mesma via um exemplar do meu último romance. Desculpa-me não o ter feito antes.

.....
(Falta o resto desta carta).

A PEDRO FREIRE

Rio, 1 janeiro 1896.

Pedro Freire - Boas festas! Há de surpreender-te esta carta, primeira que te escrevo depois que há tantos anos nos abraçamos em despedida. Mas crê, velho camarada, que até hoje nunca meu coração se esqueceu de ti e que eu prezo a tua boa amizade tanto quanto nos belos tempos em que, com o Ribeiro e os outros companheiros, nos digladiávamos valorosamente embastilhados no nosso glorioso *Pensador*. - Envio ao Governador um exemplar do meu último livro a ti oferecido. Como vou para o vice-consulado de Vigo, peço ao nosso Ribeiro que me arranje para lá a agência de imigração do Amazonas, o que corrigirá a exigüidade dos vencimentos daquele magro cargo. Peço-te meu Pedro Freire, que te interesses por aquela minha pretensão e que, lembrando-te da nossa velha camaradagem, disponhas deste teu fiel companheiro lá naquela terra..., para onde vou com intenção de melhorar de sorte. - Recomenda a teus filhos que evitem a carreira das letras no Brasil, - é um aviso de amigo experimentado. - Recebe um abraço do sempre teu - *Aluizio Azevedo*.

Resposta para o vice-consulado de Vigo.

Vigo, 13 abril 1896.

Querido Pedro Freire, bom amigo. - Tua bela carta de 10 de fevereiro foi a minha maior alegria destes últimos tempos. Senti vibrar nela o teu largo coração de velho camarada generoso e leal, como senti reviver o mais risonho período da minha vida. Agradeço-ta do fundo d'alma, tanto quanto te agradeço o valiosíssimo obséquio que ela me transmite. - É inestimável o socorro que, com tanta amabilidade, me obtiveste do nosso Eduardo. Foi providencial. Imagina que encontrei esta repartição consular sem um móvel, mesmo dos mais indispensáveis ao serviço, nem um armário para o arquivo, nem um cofre de ferro para guardar o produto dos emolumentos, e que tenho pois de montar tudo à minha custa, e além da casa tenho de pagar um indispensável auxiliar, sem o qual seria impossível dar conta de todo o trabalho a fazer, que aliás não é pouco. Com uma ajuda de custas calculada de um ordenado de 4:000\$.000 anuais é muito difícil transferir-se um cidadão (mesmo regrado como eu) do sul do Brasil para o extremo norte de Espanha, tendo de fechar lá uma vida com todos os seus velhos compromissos e abrir aqui uma vida nova com todos os seus novos encargos; e mais difícil ainda é ter de montar um consulado, que só possuía o escudo com as armas nacionais e um mastro com a competente bandeira. De sorte que, ao receber tua salvadora carta, desafogou-se-me o coração, e pude, confiado nela, fazer logo algumas compras a crédito. Dizes

que aí o Tesouro já teve ordem para pôr os seis contos à minha disposição, mas até agora ainda não recebi ordem, nem participação de nenhuma casa bancária desta praça. Não sei se te chegou às mãos um telegrama em que te peço ordem ou aviso para o recebimento; o telegrama foi dirigido ao "Secretário do Governo do Amazonas, Manaus". Escreve-me alguma cousa a este respeito, porque receio que uma grande demora me acarrete embarços desagradáveis. Aguardava o recebimento para escrever-te, agradecendo, mas sinto-me impaciente por dar-te sincera cópia da minha justíssima gratidão - Vou reunir alguns jornais que tratam de mim, para enviar-tos com esta. recomenda-me muito ao querido Eduardo e dispõe do teu - *Aluizio Azevedo*.

Vigo, 2 maio 1896.

Querido Pedro Freire - Salve! Já debes ter posse de uma carta em que te peço expedição daquela providencial ordem que me arranjaste. Até agora ela se não acusou aqui de nenhum modo, e principio a lutar com embarços. Faze-me o obséquio de providenciar nesse sentido, que será para mim um dia de descanso aquele em que eu receber os abençoados 6:000\$000 de adiantamento. Se até ao momento de receberes esta, não se tenha ainda resolvido a remessa da ordem, corre a fazer com que a realizem, que o caso é urgente e traz-me sobressaltado. Em todo caso não me deixes de escrever duas palavras. Li e admirei a mensagem do nosso Eduardo, é uma valiosa peça de administração. Leva-lhe os meus sinceros elogios e recebe um abraço do teu velho camarada - *Aluizio*.

Vigo, 9 junho 1896.

Meu bom Pedro Freire - Não sei se teus recebido as cartas que te escrevi, tão cheio de esperanças. Deve a minha gratidão, a ti e ao nosso querido Eduardo, um dos melhores momentos da minha vida destes últimos tempos; foi aquele em que li a carta em que deste a consoladora nova de que o teu Governo me nomeara auxiliar de imigração, e, melhor, que o Tesouro desse glorioso Estado já tinha ordem de acudir com o seu benéfico orvalho, na forma de seis contos de réis, à maldita seca em que me tenho ultimamente esterilizado. Mas é preciso completar essa felicidade que me deste, providenciando a que a tornem evidente e que o generoso orvalho me chegue à pele. Até à presente data ainda não recebi sobre o caso aviso de ordem ou cousa que o valha, e confesso que este fato me tem sobressaltado sobremaneira. Teria acontecido alguma novidade? Sobreviria (*sie*) algum danoso contratempo? É impossível! Escreve-me, por quem és, peço-te ardentemente, para que me tires por uma vez do espírito a terrível apreensão em que estou de que mais esta bela esperança, que lá do nosso Norte me sorriu tão carinhosamente, se tenha desfeito em sonho banal e fútil de pura fantasia. Ah! nem pensar nisso quero, pois, se agora, me viessem a escapar esses providenciais recursos, que já entraram na disposição da minha vida aqui, seria para mim uma verdadeira calamidade, da qual muito dificilmente me poderia sair bem. Não, não acredito que tal aconteça. Manda-me dizer o que há - suplico-to com o máximo empenho.

Sempre que despacho imigrantes para o Pará, o que é freqüente, aproveito a ocasião para fazer propaganda em favor do Amazonas. Se me tivessem chegado os relatórios e mais papéis concernentes ao assunto, já teria eu rompido a campanha por aqui; vê se me apressas a remessa disso; estou impaciente por corresponder com trabalho à boa vontade com que o Eduardo e tu, meu bom Pedro Freire, corresponderam ao desesperado apelo do - velho camarada - *Aluizio Azevedo*.

Vigo, 24 junho 96

Meu bom e querido Pedro Freire - Ora, venha de lá esse abraço! Ainda há pouco, às 8 horas da manhã, quando o correio me entregou a tua carta de 1.º do corrente e no sobrescrito dela reconheci tua letra, confirmada pelo dístico da tua secretaria, tive tão vivo prazer, que este dia, dia de S. João, de insípido e mau, como ameaçava ser, à semelhança dos anteriores, se me fez alegre e feliz. E esse prazer cresceu logo de intensidade ao ter posse do que dentro vinha escrito é que eu ansiava por essas tuas palavras animadoras com mais sobressalto que o namorado

quando espera aflito a resposta definitiva do pai da moça com quem quer casar. Muito obrigado! Ah! que alívio, meu bom Pedro! Imagina que a minha situação aqui começava a melindrar-se perigosamente, porque, confiado, e com razão no teu socorro, endividei-me um pouco para montar casa e vai pingar justamente agora a data do pagamento. Pela que marcas para me chegar ao pelo o revigorante sopro áureo Amazonas, estarei sem dúvida salvo e desembaraea4o Sim, senhor respiro boje um pouco melhor! Meu desejo, acredita, era poder dar braços e lábios a todas estas garatujas que me estão saindo da pena, para que te cobrissem de beijos e abraços agradecidos. Mas é impossível que estas palavras escritas ainda sob a impressão imediata da alegria que me deu tua carta, não respirem alguma cousa da felicidade que me dilata o coração e me alegra o rosto. Sinto-me contente. Puseste-me a alma em dia de festa: abriste-me as infernizadas janelas deste velho castelo já meio desmantelado; acendeste-me os poeirentos lustres que há muito jaziam esquecidos e mortos, sinistramente dependurados do teto, como inúteis esqueletos de antigas alegrias já extintas; arrancaste-me os instrumentos dos estojos em que dormiam como cadáveres, levantaste a tampa do piano, e eis, meu Pedro, que os meus formosos e travessos demônios dos dias felizes, tão raros, aliás, sobem já do porão, onde cabeçavam de tédio, e atiram-se aos saltos e aos guinchos, a rir e a cantar, cá acima para o sótão, onde hoje há festa e onde neste instante se preparam para dar um concerto em tua honra e em grata homenagem ao bem que me fizeste. - A minha louca de casa, essa doida e amada Fantasia, que tem a culpa de todas as tolices que tenho escrito até hoje; essa, pudesses vê-la tu! anda neste momento às braçadas com as flores para engrinaldar o castelo que reanimaste com a tua carta, e supõe, a tonta! que vai receber tua visita. E hoje é dia de S. João! e todo esse bulício festivo que vem das ruas até à mesa em que te escrevo, me parece um prolongamento dos preparos da minha festa. - Como e poderoso o efeito de uma boa notícia! - ainda ontem à noite e mesmo já hoje ao levantar-me da cama, irritavam-me as gaitas gregas e os cantos folgazões dos que passavam na rua. Não tive ânimo de sair ontem à noite, recolhi-me triste e com o coração encharcado de desconsolo e saudade, e eis que agora me alegram e fazem bem aos nervos esses mesmos bandos que continuam, pelas ruas, a passear o menino S. João entre cantigas populares e música de bombo, guitarra e gaita! Pois viva S. João, com mil bombas e outros tantos foguetes de estalo ou sem estalo; e viva tu, que para mim também foste um Batista, derramando-me na moleira ressequida a pinga reanimadora. - E agora, enquanto os meus demônios azuis folgam e se divertem, deixa que te diga que a tal Espanha salerosa de que falas só perdura na imaginação dos que sonharam com Byron e outros encantadores mentirosos. Queres saber o que isto é ~ é uma cousa que faz saudades do Brasil por tudo e todos os motivos. Se comparasse uma a uma as comarcas deste velho país com os tenros Estados do Brasil, a vantagem seria toda nossa. E particularmente de Vigo, dir-te-ei que isto é uma espécie de Maranhão, mas sem a índole hospitaleira de nossa terra, sem o oriental asseio dos nossos costumes entre ricos e pobres, sem aquela doce ingenuidade das famílias do norte do Brasil e aquela proverbial virtude das senhoras de toda idade e condição, e, principalmente, sem aquela vivacidade satírica dos maranhenses e aquela dominadora inteligência dos nossos patrícios, que por toda a parte se espalha e por toda a parte domina. Este povo, ao contrário do nosso, é porco, é estúpido e é velhaco. A estupidez e a brutalidade andam aqui aos coices polo ar e são respiradas por todos os poros. Bestializo-me aqui de um modo fantástico, meu amigo; sinto brotarem-me ferraduras por todo o corpo e ate na alma já me repontaram orelhas de burro. Felizmente tenho muito que fazer e o tempo que me sobrar do trabalho consular será absorvido pelas letras e pela pintura, pois ainda conservo o gosto por essa velha cachaça dos pincéis. - Termino pedindo-te ainda um obséquo: manda-me o teu retrato, que tenho aqui em casa, em uma das paredes do meu gabinete de trabalho, lugar reservado para ele, entre outros que amo. O meu aí vai por esta mesma via. - Teu *Aluizio Azevedo*.

Vigo, 30 outubro 96.

Meu bom Pedro Freire - Salve! Não sei se recebeste uma carta minha em que te peço a segunda via da letra de câmbio que em agosto me anunciavas ter remetido para cá e que desastadamente não me chegara às mãos, como não chegou até agora. Por causa disso ainda não recebi o dinheiro, o que me tem feito um desarranjo dos diabos - imagina! - A casa Barcena

y Franco recebeu ordem para pagar e tem o cobre à minha disposição, desde que eu lhe apresente a suspirada letra, cuja segunda via te peço de novo com o máximo empenho. - Desculpa-me importunar-te ainda com este assunto, que já te deve ter enfiado, mas que remédio? Sem a segunda via da letra não poderei receber o cobre que tão de coração obtiveste do Governo a meu favor. - Tem paciência. É preciso dar mais um empurrão ao bom e leal obséquio que me fizeste. - Acresce que eu, contando, dia a dia, receber a encantada letra de cambio, fui transferindo os meus agradecimentos ao Ribeiro e o ofício que tenho de escrever ao Governo daí, pedindo ordens e dados para começar a propaganda de imigração, e eis que me acho em falta também por esse lado e procedendo incorretamente. - Vamos, *un bon mouvent!* arranca-me daí a segunda via da letra e remete-a com urgência a este teu atropelado amigo que te envia as suas saudades e os seus agradecimentos de coração. - Teu *Aluizio Azevedo*.

.Vigo, 30 outubro 1896.

Meu bom Pedro Freire - Ainda ontem entreguei ao correio uma carta a ti dirigida, solicitando a 2.^a via da letra de câmbio, e eis que hoje, neste instante, às 8 horas da manhã, recebo do Tesouro Público desse Estado a 1.^a via da letra solicitada, letra que eu supunha extraviada. Apresso-me, pois, a desfazer a carta de ontem e a manifestar-te os meus sinceros agradecimentos. Agora, às 8 1/2 tenho de fazer uma conferência de imigrantes a bordo, e à volta oficiarei ao Alves Moniz acusando o recebimento. Não sou por isso mais extenso e também porque desejo que esta carta escrita a vapor não perca o pacote que sai hoje. Recebe o coração agradecido do teu velho e fiel camarada. - *Aluizio Azevedo*.

A OSCAR LEAL

Vigo, 26 novembro 1896.

Meu caro Oscar - Li de uma assentada, no meio da inaproveitável indiferença e do bestializante tédio que me causa este formoso rochedo que se chama Vigo, a sua palpitante novela pernambucana, em cujas páginas minha pobre alma de desterrado voluntário achou passagem para voar contente A amada pátria, hoje, ai de mim! tão perto do meu amor e tão longe da minha saudade! - Acordou-me seu livro novos e mais vivos anseios de volver à auriverde terra em que tivemos a ventura de nascer. A mim mesmo dou-me parabéns por o ter lido e a você pelo justo e real sucesso conquistado. - Agradecendo-lhe o bem que me fez a leitura do *Parteiro*, faço votos para que não seja muito grande o espaço que haja de separar esta sua obra de uma outra sua nova produção literária. - Aceite estas palavras que aí ficam como despretensiosos e sinceros cumprimentos de um dos seus admiradores mais amigos. *Aluizio Azevedo*.

A LÚCIO DE MENDONÇA

La Plata, 3 dezembro 1900.

Meu bom e querido Lúcio - Deu-me grande satisfação a tua amável carta de 8 do passado, pela qual fiquei sabendo que chegaste bom de regresso a nossa querida terra, onde naturalmente já estarás a estas horas descansado afinal dos banquetes, bailes, corridas e espetáculos de todo o gênero, com que a gentileza argentina estrompou a pobre comitiva presidencial de que fazias parte. - E terás com que regalo! substituído à tua mesa íntima os confraternizadores *foles gras* e as internacionais *mayonnaises* pelos nossos democráticos e saborosos quitutes brasileiros, entre os quais a aliança do camarão com o quimbobô produz, a meu gosto, resultados ainda mais felizes e harmoniosos do que a desejada aliança entre Roca e Campos Sales. - Onde não pode haver sombra de aliança, nem harmonia qualquer, é entre este platônico consulado e o espantoso e prático meio em que ele funciona: Esta minha nomeação foi uma vitória de Pyrrhus; ela só podia convir a um homem rico, pois os proventos de tal emprego estão na razão perfeitamente inversa das exigências sociais de La Plata, máximo para um brasileiro, e da escandalosa carestia da vida argentina. É tão crítico o meu aperto que, para te arrancar a doce ilusão de que és o "maior urso e o maior malcriado do mundo", como pretensiosamente insinuas em tua carta, vou mostrar-te, por minha vez, o que é saber ser malcriado e ainda por

cima impertinente, chorão e pedinchão, encartando, nesta resposta a uma missiva de pura cortesia, nada menos que um pedido de empenho para os altos poderes a cuja órbita pertences. - Ouve, meu Lúcio, e dirás depois qual de nós dois é o urso malcriado O nosso amigo Ciro de Azevedo, impressionado com a minha posição aqui, deseja há muito tempo melhorá-la, e agora, sabendo ele que vão vagar infalivelmente dois consulados simples, mas efetivos e de vencimentos fixos um no Porto e o outro em Salto, escreveu logo ao meu ministro, Dr. Olinto de Magalhães, pedindo-lhe que me nomeasse para uma dessas duas vagas, dando preferência à do Porto, porque isso, segundo a otimista opinião do solicitador, traria a vantagem de poder eu imprimir lá o meu livro já pronto sobre o Japão. - Ora, o Olinto é bom rapaz e já tem declarado a várias pessoas ter a melhor vontade a meu respeito, mas, como ministro, não gosta de arriscar o menor passo, sem previamente saber por onde é do gosto do Presidente que ele ponha o pé, e, se eu não tiver aí um amigo capaz de estabelecer a indispensável corrente de simpatia entre aquelas duas vontades, o pedido do Ciro cairá no arquivo das boas intenções de que não está calçado o paraíso. - Pois bem, o que eu desejo merecer da tua ativa e fecunda amizade, e da tua bondade, é que, ou seja diretamente, ou seja por intermédio de algum dos nossos mais válidos amigos, o Quintino, por exemplo. me arranjes propício campo para o pedido do Ciro, e consigas tira-me desta argentina cruz, onde estou crucificado à minha própria custa, pois que o Governo nada me deu para a viagem, nem o pseudo-consulado me dá para viver. Se conseguires a minha nomeação para o Porto ou para o Salto, far-me-ás o maior obséquio a que até hoje tenho aspirado em minha vida. Não há tempo a perder; se me quiseres salvar - mãos à obra! - Vou escrever sobre o mesmo assunto ao almirante Pinto da Luz, isso porém de nenhum modo deve enfraquecer a vontade que porventura te inspire eu de me socorreres, e se te declaro essa minha intenção é simplesmente porque tal franqueza me parece mais regular. - Desculpa-me a incorreção desta, tendo em conta que aos afogados não se pode exigir, quando tracejam aflitos, o rigoroso cumprimento das regras do bom-tom. - E acode-me! - Teu Aluizio Azeredo.

La Plata, 26 dezembro 1.900.

Meu bom Lúcio - Boas festas! - Chegou-me as mãos a tua querida resposta em pleno Natal, quando voltava eu de fazer o *Reveillon* com a encantadora família do Dr. Rodolfo Moreno, irmão daquele que foi aí ministro diplomático desta República; e tua carta foi a única nota de esperança que o correio me trouxe de nossa terra. - Em nada perdeu de valor o teu bom obséquio com as circunstâncias que deslocaram para o Cabo-Frio a tua intervenção a meu respeito; ao contrário, fiquei satisfeitíssimo com o caso, porque para o Campos Sales já arranjei uma cunha com o Pinto da Luz ao passo que para aquele (ministro permanente do Exterior, como lhe chamas) não tinha eu o menor elemento de empenho, lacuna tal que, só por si, poderia arruinar o resto do edificio. Acresce que, se porventura nada arranjarmos agora a respeito dos bons consulados apontados - Porto e Salto - (Vejo que o Olinto não se abala) pode o Cabo-Frio, no caso que movas com ele, e uma vez convencido da justiça das nossas reclamações, melhorar de qualquer modo as condições deste pseudo-consulado (para isso tem o Ministério a verba de Extraordinários do Exterior) e então mais tarde, quando dos céus vier outro ministro menos rebarbativo, atirar comigo num lugar definitivo, onde possa eu continuar a contar o meu tempo de Serviço e considerar-me de novo dentro da carreira. - O contra-almirante Pinto da Luz fez-me o obséquio de escrever, enviando-me a própria carta com que o Olinto respondeu ao seu pedido a meu respeito. Transcrevo a parte substancial da carta: "Apesar da minha boa vontade pelo seu candidato, Sr. Aluizio Azevedo, que também tem as minhas simpatias, não é possível contemplá-lo conforme deseja, porque ele não é cônsul de carreira, e desta categoria há vários funcionários em disponibilidade à espera de colocação". O Pinto da Luz não desanimou, e me disse que ia ter com o Campos Sales. Creio, porém, que é tempo perdido. Aquelas palavras do Ministro transformam o procedimento da Secretaria para comigo em um verdadeiro conto do vigário, e mostra que devo àquela Figura de Cera, a quem chamaste salafário e que outros chamam Prudente de Moraes, o maior mal que se pode fazer a um pobre diabo como eu. E, senão, vejamos:

Em 1895 fiz exame para cônsul de carreira na Secretaria do Exterior por sinal que me saí bem a ponto de me darem **DISTINÇÃO** - hupa! O Carlos de Carvalho, então ministro, não tendo um

consulado vago para me dar, nomeou-me vice-cônsul em Vigo, com ordenado e gratificação fixos e lugar no quadro consular, prometendo promover-me na primeira ocasião. - Depois de ano e meio de curtir a convivência dos (com perdão da palavra) galegos, o general Dionísio, sucessor do Carvalho, resolveu, sem dúvida por lástima de me ver crivado de ferraduras e orelhas de burro, nomear-me Cônsul no Japão, desde que o Congresso criasse esse lugar. Criou-se o lugar, e o Dionísio, por falta de verba ou por economia, decidiu fazer-me seguir para o Japão ainda na qualidade de vice-cônsul, percebendo eu apenas as ajudas de custas a essa categoria correspondentes, mas com a promessa formal de que, desde que eu lá estivesse, seria promovido a Cônsul. Fui, e só ao fim de um ano, graças a meu irmão Artur e ao meu bom amigo Graça Aranha, o Senado, de acordo com o Dionísio, resolveu, em minha intenção e só para me valer, transformar o Consulado Geral em Yokohama em dois consulados simples, suprimindo um chanceler e um vice-cônsul, de modo a não haver nenhuma alteração na verba orçamentaria votada para despesas consulares naquele Império. E só faltava a sanção da Grande Besta que alias tinha sido previamente ouvido sobre o caso pelo respectivo ministro. - O Aranha e o Artur davam a cousa por feita e escreveram-me nesse sentido; mas o Salafrário, em vez de me nomear nomeou o Jacinto Ferreira da Cunha, sobrecarregando desse modo o tesouro com uma ajuda de custas de cônsul para o Extremo Oriente, que é a mais cara do Corpo Consular, e ainda com os gastos da minha repatriação, equivalente a metade da outra despesa; despesas que se evitariam se as cousas seguissem o rumo ajustado. - E quando o general Dionísio, depois de ceder à pressão presidencial, perguntou ao Salafrário porque lhe fizera faltar ao prometido, arredando um candidato que lhe parecia digno, o Salafrário lhe respondeu que "A pedra da bexiga passara para o sapato..." referindo-se a uma quadrinha de *Gravoche* no *País* a respeito da enfermidade visical daquela besta, quando o Manuel Vitorino acabava de receber o formidável coice que o pôs fora do Governo. - De sorte que, porque meu irmão publicou uma quadrinha, satirizando aquele tipo, o tipo, nem só não me deu o lugar que se criou para mim. como ainda me prejudicou seriamente no meu futuro, como agora se vê da carta do Olinto. - E a cousa chegou a este extremo pelo seguinte processo: A nomeação do tal Cunlha era *ipso-facto* a minha exoneração por extinção de lugar. O Henrique Lisboa, então ministro no Japão, telegrafou ao Dionísio sobre as desvantagens da minha retirada daquele país (conhecia ele de leitura o livro que eu estava engendrando sobre *Dai Nippon*) e o Dionísio que me julgava lesado, resolveu conservar-me como vice-cônsul honorário, pago, com os mesmos vencimentos anteriores, pela verba de Extraordinários do Exterior. Consultou-me sobre o caso por telegrama, e eu resolvi ficar para poder continuar a fazer o meu livro. Note-se que o telegrama me surpreendeu já em S. Francisco da Califórnia, perdendo eu três meses nesse passeio forçado, e quase naufragando à volta, a bordo do vapor inglês *Coptic*.

Instalo-me de novo em Yokohama, mas ao fim dum ano, o Congresso passa esponja na verba destinada à representação do Brasil no Japão, e eu rodo de lá com os demais, perdendo, seguindo agora a opinião do Olinto, todos os direitos até então adquiridos nesta brilhante carreira. - Será tudo isso muito legal, mas acho injusto, e até odioso. - Desculpa-me abusar da tua paciência, impingindo-te toda esta história, que nem tempo tenho de passar a limpo; mas ficarás, de posse dela, sabendo dos antecedentes da minha atual posição e, se te merecer a nossa velha amizade ainda uma boa investida como a primeira ao lado do Cabo-Frio, já terás com que lhe firmar que a este teu amigo do ofício de cônsul só os ossos tem cabido em partilha, apesar de habilitado pela respeitável congregação examinadora da Secretaria para cônsul de carreira a não honorário. *Um susto e unta carreira* é que me parece o que fizeram comigo. - Amanhã cedo sai um pacote para o Brasil, é possível que esta carta ainda chegue a tempo de me ser útil. Não posso escrever ao Artur; se o vires, dá-lhe lembranças minhas e tu, meu bom Lúcio, recebe, com os meus agradecimentos um abraço tão apertado como a situação em que me vejo. - Teu *Aluizio Azevedo*.

La Plata, 26 setembro 1901.

Meu bom Lúcio - Se as apoquentações desta Niterói argentina me tivessem já envenenado de todo o ânimo com pessimismo e amargura, a tua carta só por si me curaria de semelhante morbus; além de uma boa colherada de esperança, tonificou-me ela com um hausto de amizade e franqueza em primeira mão. Que consolo! Obrigado. Li-a como leio as cartas do Artur - com o

coração nos olhos e a alma escancarada. Graças que não me sinto esquecido e desamparado! Bem sei que o Olinto pode talvez descascar-me das Relações Exteriores antes de lhe aparecer vez de meter-me em linha no quadro consular; sei que, com o caminho que leva a intriga feita dia a dia pela *Prensa*, a guerra de quarentenas contra o Brasil está prestes a travar-se de novo, e com ela a terrível situação do ano passado, que me deixou a ver navios - em lastre e vencimentos por um óculo; mas sei também, meu bom Lúcio, que do teu fecundo interesse por mim alguma semente há de pesar e há de florescer, apesar da indiferença da terra em que semeias. Também a bordo, em mar contrário, o reverso estômago do infeliz enjoado rejeita tudo que lhe dão; mas, entre carga e descarga, já fica sempre algum resquício de alimento, que serve de resistência até ao porto de salvamento. Hei de agüentar-me até chegar. - A minha situação aqui não seria tão arriscada, se não fosse a constante ameaça das tais quarentenas; pondo porém de parte o interesse próprio, revolta e dói a guerra que, com esse pretexto nos faz a imprensa argentina, mormente a *Prensa*, que entre ela é a folha de mais eco. É tão calva a má vontade a nosso respeito, que, enquanto se fala de peste bubônica, não aparece uma palavra sobre febre-amarela, como se de repente este mal tivesse desaparecido por encanto; mas, desde que se esgote a bubônica, aí volta todos os dias uma ferroadada contra o Brasil a propósito da formosa febre. E, como aqui os artigos de jornal são à moda norte-americana, encabeçados de muitos e gordos títulos, vai a perfídia ao ponto de imprimir no escandaloso sumário em letras enormes: "Febre-amarela no Rio de Janeiro", e embaixo, na discriminação da notícia: "Até agora não fez ainda este ano no Brasil a explosão que costuma fazer o terrível flagelo". Com a peste bubônica dá-se o mesmo: antes de se terem desenvolvido as perversas noticiuzinhas que ultimamente vêm na *Prensa*, já muito antes, só para dizer ao público que não havia peste bubônica no Brasil, vinha todos os dias um telegrama do seguinte teor: "O Brasil e a peste bubônica", ou ainda "As pestes no Rio de Janeiro". E isto sempre, sempre, desde Ano Bom a S. Silvestre, pingando gota a gota, com uma tal maldade, que, francamente, a vontade que dá à gente é, se fosse governo, arrumar logo p'ra aí com cinqüenta dias de quarentena contra a Argentina, e deixar que esta bufasse embuchada com a sua farinha e com todo o seu charque, que no Brasil tem o melhor e único mercado sério para expansão.

A "Semana brasileira", que é como aqui se chama a visita Campos Sales, foi um manhoso parêntesis nessa odiosa campanha, e temo, visto não haver esperança de nova visita presidencial, que as cousas voltem afinal ao descabro do ano passado. Outro objeto de intriga jornalística contra o Brasil são as boas relações internacionais deste com o Chile, e essa não me parece menos odiosa e ridícula. A *Prensa* não dá notícia, nem telegrama do mais simples ato brasileiro referente àquela república nossa amiga, sem carregar intencionalmente nas cores dos adjetivos de ternura, de modo a fazer crer à intransigência patriótica do argentino que nós, apesar deste não admitir senão ódio pelo Chile, vivemos em perenal e calculado idílio com os chilenos. Não sei quem é aí no Rio o correspondente telegráfico da *Prensa* mas seja quem for, pode gabar-se dos seus bons serviços à causa que serve e de ter conseguido a primor o seu *desideratum*, reduzindo até o governo argentino de decretar quarentena de seis papelão, pois a verdade é que não há até agora declaração oficial do Brasil a respeito de peste bubônica e, a despeito de que os cónsules argentinos no Brasil, segundo afirma a própria *Prensa*, confessaram não haver se declarado aquela peste nos seus competentes distritos consulares, acaba o governo deste complicado país a verdadeira figura de dias para as procedências do Rio de Janeiro.

Já vês que se não pode dizer que a cousa não passa de molecagens de jornal. - E isto de quarentenas argentinas é como comer e coçar. Elas nada mais são do que azedume e ressentimento contra nós; é a tal questão do tratado definitivo, em cuja isca o Brasil não mordeu, e é o fato de conservarmos com o Chile as estreitas relações que sempre tivemos. - Esquecem-se estes senhores argentinos que não é com vinagre que se apanham moscas, quanto mais *macacos*, que é bicho muito mais esperto. Não se lembram eles de que, enquanto para a Argentina o Brasil era um país de escravos e continua a ser um país de negros e de outras cousas piores, não perdia e não perde o Chile ocasião de tomar-nos a sério, respeitando-nos como a mais honesta, a mais pujante e a mais equilibrada das nações sul-americanas. - E, à falta de outra arma, essa inconfessável guerra de quarentena,

procurando agravar o descrédito de salubridade do Brasil não só com a velha chapa da febre-amarela, mas ainda com a outra, nova em folha, da peste bubônica. Oh! faz raiva semelhante guerra, principalmente pela estupidez que a reveste: o Brasil, para expansão dos seus produtos, exceção feita do mate, pode sem sacrificio dispensar o mercado argentino, ao passo que a Argentina, desde que lhe fechem as portas de Santos, Rio, Bahia e Pernambuco, há de fatalmente cair em crise financeira, porque ela com o Chile não quer negócio e com a República Oriental bem pouco contará. Não me posso enganar a esse respeito, sou número um neste consulado, todos os despachos de navio para o Brasil são feitos por mim exclusivamente, e estou também a par do que se passa no consulado de Buenos Aires. A Argentina precisa comercialmente muito mais do Brasil do que este precisa dela, e, apesar de que a minha posição neste pirrônico emprego depende das quarentenas, digo e repito, - o meu gosto seria ver o Brasil carregar-lhe em represália uma surra de quarentenas, não de dias, mas de meses. a ver se então a fanfarrona voltaria contra nós as armas que tem aparelhadas contra o Chile.

E por tudo isso, meu bom Lúcio, quando o nosso Pontes me comunicou ultimamente que o Olinto lhe prometera (e lhe autorizara a comunicar-me) pedir ao Congresso (não sei se para consulado ou vice-consulado) verba aqui para La Plata, conservando-me no cargo, tive grande satisfação, porque, muito ou pouco, um ordenado certo me deixaria a abrigo das vicissitudes emolumentares produzidas pelas quarentenas ou, melhor, pelas intrigas da *Prensa*, e bem ou mal me arrancaria deste penoso estado de incerteza e sobressalto incompatível com qualquer equilíbrio de vida e com a linha que deve ter quem representa o seu país. Perdoa-me esta choradeira, mas a falta de expansão não é das menores provas desta marombagem em que vivo. Não exagerei minha alegria ao sorver as palavras de esperança que me mandaste, nem creio o Olinto tão perverso que se estivesse a divertir com a agonia de um quase afogado. Se ele tem, com efeito boa vontade a meu respeito e se, até largar a pasta, não se lhe oferecer uma vaga em que me arrume, pode então, atendendo aos meus serviços nesta carreira, a contar de 31 de dezembro de 1895, quando fui nomeado para Vigo, e atendendo ao muito que ao serviço dela tenho amargado, pode então fazer uma cousa - mandar considerar-me cônsul de carreira (para isso fiz o meu exame na Secretaria) e mete-me no quadro, pois que assim o seu sucessor muito mais facilmente me daria lugar definitivo. - Adeus. Vou juntar a esta carta alguns dos últimos números da *Prensa*. - Teu Aluizio.

A BATISTA XAVIER

Cardiff, 12 abril 1905.

Amigo Batista Xavier - Bato com estas tiras de papel às portas do seu jornal. São resposta a um artigo do *Correio do Povo* de 2 de fevereiro, que só agora me chegou às mãos, escrito pelo Sr. Homero Batista (nunca vi mais gordo), a pretexto de umas facécias de *La Nacion* de Buenos Aires sobre um trecho de uma carta íntima por mim dirigida ao tradutor do meu romance *O Mulato*.

Não daria tal resposta, se aquele senhor se contentasse em alfinetar o meu modesto nome de autor com as suas inofensivas ironias, mas o demônio do homem vai muito mais longe: nem só procura intrigar-me com os meus compatriotas do Rio Grande, apontando-me como ingrato brasileiro e mau representante de minha pátria no estrangeiro, como ainda por cima tenta excitar a velha e estúpida prevenção que, apesar do esforço de algumas pessoas bem intencionadas, persiste entre brasileiros e argentinos de certa ordem.

É triste que haja brasileiros capazes de fazer dessa ridícula prevenção um dos aferidores do seu patriotismo, e o autor do tal artigo pertence a esse desvairado grupo; aos seus olhos quixotescos, os inocentes motejos do jornal argentino tomaram logo gigantescas proporções de "períodos venenosos", e ei-lo a investir contra mim às cabeçadas, sem ver onde punha os pés, invadindo todos os terrenos, até o dos pobres cocheiros, a quem me parece deve pertencer por direito de conquista o terreno da mentira.

Entre outras cousas, eis o que ele diz:

Não sei medir o que mais desagradou-me: se o desconforme da expressão, se o desacerto dos conceitos emitidos pelo romancista. Quero fazer-lhe uma concessão: agiu irrefletidamente. Ao ver a tradução d'O *Mulato*, a vanglória, de asas pandas, levou-o até ao deslumbramento. Sentiu-se superior ao meio em que se fez escritor de distinção, etc.

.....

"Para aquilatar da injustiça praticada pelo escritor brasileiro, citarei este fato. Não quis verificar o grau de aceitação das obras de Aluizio pelas três delas que honram minhas estantes; fui procurá-las na biblioteca desta pequena cidade, esquecida num recanto da nossa fronteira, e ali encontrei os quatro seguintes: *O Mulato*, 2ª edição de 1889, *O Cortiço*, 4ª edição, *Casa de Pensão*, 3ª edição e *O Homem*, 5ª edição. Creio que não serão essas as últimas edições desses romances. Por elas e pelo uso constante que denotam ter, nesta cidade, pode-se dizer com segurança que são aceitos e lidos com satisfação. A julgar por esse fato, aqui ocorrido, os romances de Aluizio gozam de muita aceitação e estima nesta terra brasileira, que ele acaba de desprestigiar, deprimindo sua língua e seu meio literário. Não posso crer que os conceitos de Aluizio, na carta a *La Nacion* traduzem uma gentileza ao jornal platino, no pressuposto deste exultar com o nosso descrédito e com os louvores à língua castelhana. Seria seu ato, então repulsivo. Como quer que seja, sua conduta é injustificável; e a cada um de nós que preza a boa fama de sua Pátria, assiste o direito de censurar o escritor que tão mal corresponde ao apreço de seus compatriotas, e o cônsul que espontaneamente e infundada-mente espalha o desprestígio do país que representa. Vejo que, despercebidamente, emaranhei-me demais no assunto. Eu apenas queria chamar a sua atenção para o triste sucesso e pedir que o amigo ou o ilustre *Leopardo*, que bem maneja a nossa ultrajada língua, desse uma lição de civismo a esse escritor, que fez praça de desamor e de ingratitude ao nosso país."

Quanta cousa falsa!

Nunca escrevi carta a *La Nacion*, como, aliás, vem explicitamente declarado no trecho transcrito no próprio artigo do Sr. Homero; "Uma carta que dirigiu de Inglaterra a seu tradutor, na qual..."; nunca exultei com o nosso descrédito, nem procurei desacreditar a quem quer que seja, nem posso tampouco compreender como tantas cousas feias se depreendam do rápido elogio que fiz à língua castelhana, chamando-lhe apenas "ilustre e lida". Desafiou outrossim a que me mostrem no trecho publicado uma única palavra a respeito do Brasil ou do nosso meio literário. - A minha carta a Costa Alvarez não pode ser mais íntima, nem de estilo mais familiar, é uma carta de amigo sem a menor pretensão à publicidade, na qual, só por incidente, lhe agradeço a sua tradução e lhe peço, como era do meu dever, transmitir iguais agradecimentos a *La Nacion*, acompanhando tudo isso com um velho remoque à língua portuguesa, que, disse eu, "non es sino un cementerio de ideas y pensamientos". - Disse, porque assim o entendo, e agora, transformando o motejo em formal declaração, acrescento que esse frio cemitério regurgita de nomes dignos de melhor sorte, dignos de luzir além, lá no alto, no apogeu da fama, no fulgor da glória universal e eterna em que vemos os nomes de Cervantes, de Föe, de Boccaccio, de Raspa (Munckhausen), de Gogol ou de Le Sage. - Ao contrário porém disso, todo o longo e inapreciável cortejo apontado pelo Sr. Homero, desde Sá de Miranda até o nosso Gama, todo ele, exceção feita de Camões, jaz esquecidamente sepultado para a grande parte do mundo, e a memória dos seus altos pensamentos e das suas divinas idéias só persiste na sincera, mas estreita, adoração de alguns portugueses e de alguns brasileiros cultos. - E a todos os cordões de poetas e prosadores que vieram ao depois escravizados à mesma língua, todos eles não tiveram nem terão melhor destino; hão de suas vozes quedar abafadas pelo mármore que as sepulta.

Quem conhece o nosso idioma, está farto de saber que em beleza não cede ele o passo a nenhum outro, nem se pode conceber língua mais rica, mais harmoniosa, mais literária e enfim mais completa. Nada disso, porém, impede que ela seja infelizmente pouco lida, e por conseguinte obscura. - Quer o Sr. Homero que ela seja falada por 25 milhões de pessoas, e lida e compreendida por maior número. Aí está um dos seus enganos. Compreendida será ou não será, lida é que não é com certeza, e, para que uma língua não seja obscura e sim ilustre, não lhe basta ser falada por muita gente, tem que ser igualmente lida. O chinês é ' longo tempo o

idioma falado no mundo por maior número de indivíduos, e isso não lhe tira de ser tão obscuro como o holandês ou o polaco. - Língua ilustre não quer dizer língua bela, mas sim corrente, universalmente conhecida e celebrizada. O inglês é uma língua paupérrima, sem harmonia, sem lógica, impulsionada como um automóvel por explosões contínuas, mas é um língua ilustre, perfeitamente ao inverso da portuguesa que é formosa e riquíssima, mas obscura, porque no mundo, pelo menos por enquanto, a sua cotação é íntima em comparação àquela e outras. - E porque sustento eu esta inexorável verdade. pareço aos olhos do Sr. Homero o menos patriótico dos brasileiros, como se patriotismo fosse cousa que se pudesse sustentar com falsas alegações. - Imagine-se quão ridículo não seria um japonês que, para ostentar patriotismo, pretendesse fosse a sua língua mais ilustre e corrente que a castelhana! Entretanto, note-se bem que a língua japonesa é lida, positivamente lida, por mais de quarenta milhões de indivíduos.

O erro principal do Sr. Homero talvez consista na interpretação que dá ele ao termo *ilustre e* restringindo-o ao sentido de *preclaro e insigne*, quando hoje esta palavra quer dizer *célebre*, mais que *célebre*, significa uma certa notoriedade universal, que só mesmo aquele galicismo pode exprimir com precisão. - Da obscuridade ou da celebridade de qualquer língua participam, em linha direta e na proporção do seu valor, os que nela escrevem. Quem conhecer por exemplo a obra de Castelo Branco e conhecer também a de Gaboriau, de Paul Féval ou de Ponson du Terrail, não porá dúvida que a destes não vale a quarta parte da obra do escritor português, e, no entanto, qualquer dos três franceses têm muito maior fama e maior nome do que ele. O mesmo, sem tirar nem pôr, acontece com Georges Ohnet comparado a Júlio Diniz, com Pierre Loti comparado a Ramalho Ortigão, e com Prosper Merimée a Bento Moreno. O ratão de Paulo de Koch ou o estrambótico Xavier de Montepin são mais celebrizados e por conseguinte mais ilustres que o mais celebrizado romancista português, porque a língua francesa dá àqueles elementos de celebridade que a este não pode dar a portuguesa. - Com as outras línguas vulgarizadas acontece a mesma cousa. Compare-se o nome, já não direi de Dickens, mas de Goldsmith, ou de Turgenev ou mesmo de Eschich, com o do adorável Eça de Queiroz; compare-se o nome do nosso José de Alencar com o de Cooper ou de Harriett Beecher; oponham-me o nome de um novelista, da língua portuguesa ao nome de Vélez de Guevara, ou de Walter Scott, ou de Manzoni, ou de Edgard Poe, ou de Goethe, ou de Tolstoi, ou de Dostoiowski, ou dos moderníssimos D'Annunzio e Gorki. - Estará Gonçalves Dias ao lado dos que de fato deveriam ser seus pares, ao lado de Schiller, ou de Pope, de Musset, ou de Espronceda? Qual! nem se quer emparelha o vôo com Alfredo de Vigny e é até menos conhecido que o medíocre Becquer, autor das célebres *Golondrinas*.

E porque não se assenta Garrett ao lado de Byron, de Longfellow ou de Lamartine? E porque não tem Alexandre Herculano a auréola de Chateaubriand ou de Edgar Quinet? Será por falta de merecimento próprio? Ninguém o crê. - E se entrarmos pelo passado até os clássicos, iríamos encontrar a mesma desoladora iniquidade nessa partilha de celebração e de fama. Basta dizer que Nicolau Tolentino e Diniz são muito menos cotados na literatura universal do que Piron e Quevedo, cujo real merecimento não chega ao daqueles dois. E quem conhece fora de Portugal e do Brasil um poeta que se chamou Bocage? Quem por lá conhece um prosador que se chamou Antônio Vieira? E deste era tal o valor, que ele deixou nome na Itália, mas não como escritor português e só pelos eloqüentes discursos em latim que proferiu em Roma. Uma língua morta pode dar ao seu talento a supervivência que lhe negou para além da pátria a sua própria língua viva. - Toda a preclara tribo dos quinhentistas portugueses, onde há patriarcas como Damião de Góis, Lucena, Luiz de Sonsa, Rezende, Freire de Andrade e tantos outros, não passa, para a gente culta que não fala a nossa língua, de uma impenetrável nebulosa, cujas estrelas de desconhecida grandeza nem sequer figuram de nome na maior parte dos dicionários bibliográficos que correra mundo. - Só Camões, repito, escapou desse imerecido obscurecimento, como para levar além de Portugal a notícia de que existia na Europa uma língua chamada portuguesa. E esse mesmo, coitado! sabe Deus como é às vezes tratado por esse mundo de Cristo: uns o querem imitador do Tasso, outros lhe chamam - "Épico espanhol".

Na minha peregrinação longe do Brasil, quando encontro gente com fumaças de filologia comparada, afetando não ignorar da existência da língua portuguesa, já tremo de antemão,

porque sei que vou ouvir dislates do seguinte teor: "O português é o mais belo dialeto da língua castelhana", ou "O português nada mais é que o espanhol mal falado - o português é para o espanhol o que o auvergnat é para o francês", ou "O espanhol que se fala em Portugal é o mesmo que se fala na Galiza". - E tudo isso por quê? Só porque a língua portuguesa, apesar de encantadora, é desgraçadamente ignorada e obscura.

Uma vez, quando Ramalho Ortigão, de passagem no Rio de Janeiro, pronunciou um solene discurso no Gabinete Português de Leitura, ouvi dizer a esse belo escritor que o Brasil "havia recebido de Portugal dois presentes reais - a escravidão e a língua portuguesa" - Dois belos presentes, não há dúvida! Do primeiro já nos livramos, e sei o trabalho e os sacrifícios que isso custou a muita gente, mas do segundo não será tão cedo: temos que esperar que a língua brasileira se forme de todo, como lentamente já se vai formando, e se emancipe afinal da língua-mater, e se apure na obra de um Camões brasileiro, e então, falada, escrita e lida por mais de cem, de duzentos milhões de habitantes do Brasil, se espalhe e se imponha triunfante por toda a superfície do globo. - Pelo exposto, já vê o Sr. Romero que não foi por irreflexão que chamei a língua portuguesa "cemitério de idéias e pensamentos", e vai ver também que isso não foi tampouco pelo "deslumbramento" que me causou ver um dos meus livros traduzidos para o castelhano. - Esse pueril deslumbramento (e quem mo dera agora!) tive-o eu, feliz e completo, há mais de vinte anos, quando o Dr. Labarrière, de saudosa memória, traduziu para o francês, no seu jornal *Le Brésil*, aquele mesmo meu romance *O Mulato*. Então sim, o entusiasmo afogou-me o coração de alegria, fazendo-me até esquecer por um doce instante as amarguras que eu curtia na dura existência de escritor brasileiro; mas depois, ao ver o meu *Livro de uma sogra* vertido para o espanhol, aliás com muita competência e com amor, pelo poeta madrilenho Aureleo Romero, em lindo volume precedido de minha biografia, não há dúvida que me senti lisonjeado e grato, senti prazer, mas nesse prazer, confesso, já não havia o menor vislumbre do primitivo arrebatamento. - E, se eu aos vinte anos, não cheguei a perder de todo a cabeça com a rotineira tradução do *O Mulato*, quando a tinha cheia de ilusões, porque haveria de perdê-la agora quando a tenho cheia de desenganos e de cabelos brancos? Além disso, *O Mulato*, muito antes de aparecer em volume na *Biblioteca de La Nacion*, tinha sido já traduzido em Buenos Aires e dado em folhetins naquela mesma folha. Ora, parece-me que, se as traduções de meus livros tivessem com efeito a inquietante propriedade de fazer-me perder a cabeça, já a experiência me haveria ensinado a ter mão nela nesses momentos de apuro, e com certeza a tradução do meu amigo Costa Alvarez não me apanharia desprevenido. - O que é para fazer perder a cabeça, ou pelo menos a paciência, é a pretensão do Sr. Homero em querer fazer de mim um inimigo da língua portuguesa e de si um defensor dela, quando eu, a essa retraída e formosa deusa, consagrei a minha mocidade e as minhas vigílias, amei-a, não com palavras, mas com obras, não sonhando, mas trabalhando, e o meu amor não foi corno esse que o Sr. Homero alardeia agora, foi fecundo, seus frutos lá estão, para prova, na própria estante de livros desse platônico namorado, que naturalmente não pode ver com bons olhos uma feliz paternidade desse gênero. - E do mesmo modo que é ele, e não sou eu, o amigo da língua em que escrevi todas as minhas obras, assim é ele, e não sou eu, o amigo da pátria, que eu nelas procuro estudar e servir. - O seu patriotismo é como o seu grande amor pela língua pátria, só se demonstra no ardor do ataque com que aos outros nega esses naturais sentimentos. - Por afirmar arrogantemente a minha falta absoluta de patriotismo, supõe ele deixar bem evidenciado que o possui em grau elevadíssimo, e tão longe vai na fúria de tal demonstração que, não contente com chamar sobre minha pobre cabeça o anátema geral, açula contra mim, para me dar lições de civismo, nada menos que um - *leopardo*.

Entretanto, enquanto eu mourejava no Brasil a fazer livros, uns após outros, sem resfolegar, procurando, bem ou mal, na medida das próprias forças dar combate a todos os males, a todos os vícios, a todos os defeitos e preconceitos inimigos de minha terra, e procurando, por outro lado, pôr em relevo as suas belezas e as suas virtudes, que diabo andaria fazendo pelo Brasil aquele grande patriota, para que seu nome só a mim chegasse pela primeira vez trazido agora pela sua maldição? - Não sei. - E a estas horas, no momento atual, enquanto um dos meus livros em pleno vigor dos seus 25 anos, é consagrado num país estrangeiro, honrando conseguintemente a terra donde ele saiu e o povo donde saiu o seu autor, que faz, em bem da

pátria, o grande patriota? - Não sei o que fará ele além do seguinte: chamar-me "desprestigiador de minha terra" e "escritor ingrato". - Paciência! Todavia é preciso que o Sr. Homero saiba de uma cousa: eu, na minha humilde qualidade de escritor, não sou nem posso ser ingrato para com o público que me leia ou porventura me aplauda, pois, o publico jamais lê ou aplaude por obséquio a quem quer que seja. - O público nunca faz favor a ninguém, faz justiça, e a justiça não reclama gratidão de quem a recebe.

Do mesmo modo que eu nunca me poderia revoltar contra o público se ele me voltasse o rosto, nada também lhe fico a dever no caso que aplauda meus livros. - Nada, absolutamente nada, devo pois aos meus leitores, caso existam; ao contrário, se, com efeito, como diz o muito patriota Sr. Homero meus livros são em nossa terra "bem aceitos e lidos com satisfação", quem tem de agradecer a satisfação recebida, são naturalmente os meus leitores a mim, e não eu a eles o trabalho que tive em procurar diverti-los a escrever os meus romances. - Quanto ao direito de cada qual me censurar por ter eu, segundo julga o Sr. Homero, mal correspondido ao apreço dos meus compatriotas, chamando a nossa língua *cemitério*, isto é lá com a competência de cada um, os nossos patrícios não precisam de que ninguém se encarregue de pensar por eles, pensam por conta própria, e muitos talvez julguem da língua portuguesa ainda pior do que eu julgo.

Enfim, para outra vez, quando se meter o Sr. Homero a defender em público a língua de Camões, nunca mais deixe escapar frases como estas e outras das suas:

"Não sei medir o que mais desagradou-me."

"Nenhum deles sentiu-se."

Pois isso, meu caro, e não as minhas pancadas de amor, é que deveras ofende e envergonha a língua portuguesa.

Aluizio Azevedo

A FIGUEIREDO PIMENTEL

Consulado do Brasil

Cardiff, 5 de julho de 1905.

Amigo Figueiredo Pimentel! Acabo neste momento de mandar para o correio o - "Grimnis Fairy Tales", que você me encomendou, ilustrado pelo divino Artur Racknan. É uma edição barata, mas a impressão das gravuras é de primeira ordem; chegam certas vezes a parecer água-forte. Quanto ao valor do texto, nada posso dizer, porque mal tive tempo de correr a vista por algumas páginas - dois períodos ou três que li me pareceram exageradamente infantis. Aceite o livro como presente meu. - Ah, meu amigo, você não se enganou quando disse que este emprego não é uma sinecura. Os consulados do Brasil não são como os de Portugal, por exemplo; quando o nosso governo faz alguém cônsul, quer para aí o trabalhinho ou reclama que lhe despejem o lugar. Isto não é como era o consulado do Eça de Queiroz em Bristol, para onde ele foi mandado, não para desunhar em ofícios e legalizações de papelada de navios, mas para ter tempo folgado e farto de escrever seus adoráveis livros. - Sem ter a mínima pretensão de me comparar com Ele (a esse sim é que se pode chamar Mestre), força é confessar que um ponto nos contacta, dadas as devidas proporções, e é a obrigação de não deixar de continuar a obra senão com a extrema interrupção da cova. Assim pensava eu, quando escrevia com todo o ardor meu livro sobre o Japão, mas tive que atirar para o lado o trabalho que me custava oito horas por dia, e deixei que a forja esfriasse, que a bigorna emudecesse e que as impressões *d'après nature* se apagassem de meu espírito.

Ah! quanto é duro interromper uma obra, quando todo o nosso ser se empenha em dar-lhe corpo e vida. Mas assim foi necessário; depois amigos meus na Câmara dos Deputados (entre eles o bom Guanabara e o bom e querido Nilo Peçanha) conseguiram criar-me um lugar no

Japão, para onde devia eu voltar e onde devia terminar e imprimir meu livro nas condições que deixara lá ajustadas; mas seu Olinto de Magalhães não quis - o lugar foi criado, mas não se votou no orçamento a modesta verba destinada. para manter-me. E isso foi arranjado à última hora, quando tudo já estava combinado no Senado, depois de ter passado na 1ª Câmara. O Olinto correu ao Catete; o Campos Sales falou pelo telefone ao chefe da Comissão, que era o Quintino, e o meu lugar rolou da mesa deste ao chão e desapareceu entre as escarradeiras, arrastando consigo a minha esperança de terminar meu livro. - Entretanto, é preciso uma boa dose de boa vontade para insistir um brasileiro em escrever em nossa língua, porque só para brasileiros escrevemos, visto que nem mesmo os portugueses tomam a sério o que se escreve no Brasil. Estive em Lisboa duas vezes e não me ficou a menor dúvida sobre a opinião que lá formam dos poetas e prosadores brasileiros, que não foram formados e consagrados em Portugal. O Batalha Reis, que é um dos maiores e melhores espíritos de Portugal (atualmente cônsul em Londres) disse-me com a melhor intenção deste mundo: "Acabei de ler o seu romance "O Mulato", que me emprestou o ministro do Brasil, e gostei imenso da obra, mas não compreendo porque o amigo faz o seu protagonista, que foi criado em Portugal, falar igualmente em *brasileiro* como os demais personagens do livro". Eu soltei uma risada e disse-lhe que, se eu afetasse linguagem de Portugal na boca de Raimundo, mataria, de ridículo, ao meu herói, porque no Brasil a maneira de falar à portuguesa faz rir. É preciso notar que o Batalha Reis é de veras meu amigo e incapaz de ridicularizar as cousas do Brasil.

Vou juntar a esta carta um artigo que dei em resposta a um ataque feito no Rio Grande do Sul por um tal Homero Batista (pelo nome não se perca) por onde se vê que, além de ser ingrato escrever em *brasileiro*, é perigoso ser traduzido em outra língua. E já que você mostra interesse por notícias de cá, juntarei também um retalho de jornal inglês, que trata de uma festa oferecida ao Corpo Consular pelo Mayer de Cardiff. Mas não sei que ilusão há a respeito das cousas inglesas, quando aqui verdadeiramente só sabem fazer bem feito uma cousa: esgotos e calçamentos de mia. O inglês é bruto, estúpido para as cousas d'arte, de compreensão lenta, é em geral bêbado e quase sempre tratante. A sua inteligência limita-se à ladroeira. Nisso é que nenhum outro povo o excede. Todas essas cousas consagradas a respeito da Inglaterra são falsas ou pelo menos não correspondem no que em geral se pensa aí pelo mundo. - País da liberdade. - Polícia modelo. - Pontualidade inglesa. - Asseio inglês. - Conforto inglês. - Tudo isso é falso! A tal liberdade, como o tal conforto - são chapas que ficaram desde o tempo em que o resto da Europa, em contínuos sobressaltos medievais, invejavam à Inglaterra a sua carta constitucional e um par de almofadas colocadas ao lado do fogão; mas depois disso a revolução francesa espalhou direitos e liberdade por todo o mundo, e a indústria começou a fabricar conforto ao alcance de todas as bolsas, enquanto a ronqueira Inglaterra, fechada no seu egoísmo e no seu injustificável orgulho, ia pondo remendo sobre remendo sobre as suas almofadas e sobre a sua famosa liberdade. As frases porém estavam consagradas e até hoje vão sendo repetidas - Conforto inglês -- País da liberdade. - Com o asseio dá-se a mesma cousa: a Inglaterra conserva os seus calções do tempo antigo, forrados de linho ou de algodão, teimando em não mudar de ceroulas, porque estas são substituídas pelo forro fixo das calças, o que é uma porcaria. Quem dei fé do que se passa no interior das casas inglesas, inclusive em Londres, não terá dúvida de que o inglês do povo é tão porco quanto o galego (falo da Galiza.) e mais que o napolitano. Aqui, o que há é muito snobismo, muita afetação, e principal mente muita hipocrisia. O inglês faz se sério e até carrancudo para que não percebam a sua velhacaria e a sua libertinagem. O povo inglês e o mais imoral do mundo, guardando sempre as suas aparências de grande seriedade. É este o único país em que tenho visto gente a amar com insistência pelas estradas públicas e por todos os cantos da cidade, e isso para guardar as aparências, porque é inadmissível levar uma mulher para casa. A polícia faz o mesmo. Outra patrulha é a respeito da atividade inglesa. É também este o único país em que há três domingos na semana, porque às quartas-feiras não se abrem as casas de comércio a retalho, nem mesmo as boticas. Aos sábados toda a gente se consagra ao passeio e à borracheira, fecha-se todo o comércio à uma hora da tarde, e aos domingos ninguém faz nada, creio porque estão todos de ressaca. Nos outros dias o comércio abre as portas às nove horas da manhã no verão, e à dez no inverno. O alto comércio fecha às 4 ou 4 1/2 horas da tarde, e o miúdo às 8 da noite. O inglês é o povo mais preguiçoso do mundo, tanto que chega a comer cru e sem tempero, pela

preguiça de fazer a cozinha. É também o povo mais intemperante; quando não está comendo, está bebendo, ou está roubando o que comer ou o que beber. Não usa palitos porque não pára de comer, não cospe, porque não pára de beber. Entretanto, vomita pelas ruas e dá esbarrões em todos os transeuntes, sem pedir desculpa, nem voltar o rosto sequer. O inglês da sociedade não vai, como todo o mundo, jantar sem fazer *toilette* especial, porque, ao chegar a hora do jantar, não se acha capazmente limpo para apresentar-se à mesa; entre eles foi preciso criar a palavra *gentleman*, para se poder ficar sabendo quando se fala de um inglês que não é bruto como o geral. - Mas seja um simples *man* ou um *gentleman*, não há um só que não fume cachimbo ou não masque...

Até outra. - *Aluizio*.

A COELHO LISBOA

Cardiff, 12 de dezembro de 1905.

Meu querido Coelho Lisboa - Acabo de ler no *Diário Oficial* de 21 do mês passado o teu palpitante e generoso discurso a respeito dos talentosos filhos de Aurélio de Figueiredo, e ainda vibro de entusiasmo por esse eloqüente grito de revolta, que só podia sair mesmo de um peito como o teu, e só podia ser sinceramente dado por um irmão intelectual daquelas vítimas apontadas por ti, vítimas da indiferença do meio, da insuficiência e obscuridade da língua, em cujo pote atrofiador nos entalaram para sempre nossos ex-empresários e verdadeiros compra-chicos - os portugueses.

É a primeira vez que do cimo do parlamento brasileiro se atira ao ar uma girândola de verdades a respeito da língua que nos sepulta. Abençoados foguetes! Vou juntar a esta carta um artigo que sobre ela escrevi em resposta a um ataque que me fizeram no Rio Grande do Sul, e só o faço, porque agora me acho em boa companhia com o teu discurso. Se ainda não conheces esse artigo, terás margem para alguns sorrisos.

Esta carta não é só de parabéns, é também de agradecimento e gratidão, não tanto por mim, como principalmente pelos nossos amigos e meus ex-companheiros de galês, que ainda hoje mourejam nas ingratas letras brasileiras, atacados por todos os lados, perseguidos por todos os mosquitos da feroz imbecilidade pública e, ainda por cima, arrolhados pela deliciosa língua portuguesa. Pretendi, como disseste, criar a profissão de homem de letras no Brasil - é verdade; mas nada mais consegui do que me descreiar a mim próprio, e até conseguiria afinal desalmar-me (?) de todo, se tão depressa não arrepio carreira e não trato de fugir para bem longe, pela chaminé da Secretaria de Exteriores, trepando-me pelas benditas pernas do saudoso Carlos de Carvalho e fazendo trampolim das postilas do bom Pimenta Bueno.

Ah, meu querido Lisboa, ainda respiro aliviado! Ainda dou graças a Deus! E quando me quiseres fazer bem, se ainda bem me queres como dantes, o melhor meio para isso e me amparares o melhor possível neste meu emprego com essas tuas mãos fortes de amigo válido, tão habituadas a fazer bem. Mas o emprego de cônsul do Brasil não é nenhuma sinecura, que dê folga a outras nações - Portugal, por exemplo. Um cônsul no Brasil, a não querer fazer de si um empregado relaxado e não merecedor do ordenado que recebe, tem muito que puxar pelo corpo e muito que desunhar no trabalho; sinto-me, porém, verdadeiramente feliz com o meu serviço, e é com satisfação que procuro diariamente dar conta dele. Os meus patrões creio que estão satisfeitos comigo, e isso vale por minha cadeira na Academia de Letras. Contudo, juro-te que é infinitamente grato e consolador ver, aqui de longe, o próprio nome lembrado lá em nossa querida terra por uma voz que tem eco em todo o país, isto quando a saudade e o desengano das primitivas ilusões nos puxam insistentemente para ela o coração, que treme todo como uma agulha de marcar fascinada pelo seu norte.

Amor da pátria é o diabo! É o único amor que cresce incessantemente e com mais força quanto mais aumenta a distância e avulta a ausência.

Quanto a fazer literatura, isso é só para quem pode, é só para a gente das terras em que ela é deveras respeitável e onde ela dispõe de uma língua confessável.

E acabo por onde devia ter começado, isto é, desejando-te um feliz ano novo, a ti e a tua Exma. família. - Teu velho amigo - *Aluizio Azevedo*.

A PRIMITIVO MOACIR

Nápoles, 6-10-1906.

Meu caro Primitivo - Obrigado por você me ter dado ocasião de travar conhecimento com o Afrânio. É um rapaz encantador, de quem me fiz amigo logo desde o seu primeiro dia de Nápoles. E não nos deixamos de ver nunca durante os poucos que ele passou aqui. Jantamos juntos diariamente; ele vinha sequioso de falar português e V. pode imaginar que belas prosas lhe apanhei. Nunca vi um médico que, sabendo a sua ciência como ele sabe, conheça tanta literatura velha e nova e saiba filosofar com tanta segurança e tanta despreocupação e tanta despreensão. É um prodígio o diabo do rapaz! Com as nossas palestras fiquei a par do que é hoje o Rio de Janeiro, depois das suas transformações físicas e morais, como se de lá tivesse eu saído ainda ontem, ou melhor talvez. E isso tudo, todas essas virtudes e qualidades excepcionais, envolvidas numa calda de bondade e de franqueza de caráter, que só por si faria dele o ente digno de todo o amor e de toda a amizade. Não é exagero por conseguinte dizer que lhe agradeço a V. as linhas que me mandou a respeito dele e a ocasião que me deu de entrar no cordão dos seus amigos e dos seus admiradores, sem falar de que só assim eu apanhava notícias diretas de V., a quem continuo a dedicar aquela velha amizade que V conhece. - Se vir o dr. Heraclito recomende--me a ele. - Seu *Aluizio*.

A AFRÂNIO PEIXOTO

Nápoles, 9 outubro 1909.

Meu novo e grande amigo - Creio que dois bons cartões postais valem bem uma carta vulgar, e é por isso que esta aqui vai pejada de saudades a sua procura, para lhe agradecer não tanto os sábios conselhos do médico, mas a carinhosa bondade com que V. de longe pensa nas misérias desta minha passagem de outono para inverno. E não sei com que pé entre na extrema estação; no direito tenho pé de galo, e no esquerdo gota. Vou seguir os seus conselhos, apesar de que esteja convencido de que a minha bexiga não é nenhuma mulher caprichosa e sim uma pobre velha cansada e achacada. Enfim, como também há velhas caprichosas, não afrouxarei com ela. Se puder, mande-me a receita do iodureto para o meu artritismo, que lhe ficarei muito grato. - Escrevi ontem ao Primitivo Moacir, agradecendo o ter-nos aproximado, e disse-lhe como foi o *coup de foudre* de nossa amizade. E é esta a única vantagem deste Consulado sobre os dois últimos que curti, é arribarem por aqui, de vez em quando, alguns compatriotas, entre os quais pode, como agora aconteceu, aparecer um que corresponde a um prêmio grande, apesar de que nessa loteria, como em todas as outras, haja poucos prêmios e muitos números em branco. Ora eu, que só na leitura e numa boa palestra encontro (e não é de hoje) verdadeira distração, imagine como achei curta a sua passagem por aqui! O que não daria eu para, uma vez por semana pelo menos, encontrar-me com alguns velhos companheiros que já não vejo há oito anos! Tristezas do exílio! Precalços da amizade! Saudades da terrinha! - A senhora Lúquez muito se recomenda a Você. Até breve. -- *Aluizio*.

Nápoles, 3 dezembro 1909.

Meu querido amigo - Você deve estar dizendo com os seus botões: - Aquele Aluizio é um bugre insuportável - depois que me mandou uma sovínice de carta, não dá mais sinal de si, e eu cá a mandar-lhe cartões, depois de lhe ter dado em uma carta de seis páginas as minhas melhores impressões sobre Messina, Reggio, Brindizi, Trinacria, etc., etc. E V. tem toda a razão, mas pode consolar-se com a idéia de que até hoje não me consolo de não ter aproveitado a ocasião para fazer no Oriente unia viagem em sua companhia. E olhe, meu amigo, essa ocasião nunca

mais se oferecerá em tão perfeitas condições. Já tenho viajado muito sozinho, para estar perfeitamente escabreado dessa desgraça. Quantas vezes lá pelo Japão não me dei aos diabos por não ter ao meu lado com quem pudesse trocar as minhas impressões! Nesta minha vida nômade de Cônsul já devia estar acostumado a isso, e por bem dizer estou, mas em viagem nunca me acostumarei a sentir e impressionar-me calado, arriscando-me a cada instante a travar confidências com desconhecidos, que não me podem compreender e naturalmente me acharão ridículo. O que eu admiro mais em Você, *meu ilustre Doutor*, é o desdobramento pronto do seu espírito, é ver como V. acomoda no mesmo farnel tudo o que V. é, como homem de ciência positiva, e tudo o que é como observador comovido, com a sua impressionabilidade de artista e a sua comoção de poeta, sem nunca se afastar de um certo método inimigo da boêmia e parente próximo do gentlemismo. Esta impressão veio-me naturalmente do fato de interromper a leitura dos seus formidáveis *Elementos de Medicina legal* para ler a sua adorável carta de Taormina e os seus palpitantes cartões postais, em cada qual há sempre uma nota tão forte de alegria moça e de satisfação de viver, que eu nem nos seus discípulos acreditara existisse. "Pois será possível que estas cousas sejam do mesmo homem?" dizia eu cá comigo, lamentando não estar ao seu lado, para parasitar um pouco dessa dupla força vital. Não exagero. Sabe de uma cousa? Por sua causa, só com aquelas palestras lá em casa sobre literatura, tem me aparecido tais pruridos de trabalhar, que começo a ver na execução daquele livro que lhe falei uma necessidade imperiosa, começo a sentir que um carnegão quer ser exprimido e já não resisto ao desejo de tomar notas, desde que as idéias se apresentam. Fiquei satisfeito com uma que escrevi ontem antes de deitar-me. Ajude-me V. com o seu milagroso poder de vontade. Ressuscite este Lázaro. Você, que sabe tudo, indique-me alguns livros de biografias de santos e cousas religiosas; eu sou de uma monstruosa ignorância a esse respeito e nem sei onde ir buscar a lâ com que tento de encher o colchão do meu herói. Acabei de reler o *D. Quixote* na edição da Academia espanhola e fiquei assombrado por ver quanto o Cervantes estava a par de toda a literatura de cavaleiria, e para que meu livro tenha razão de ser, será preciso que eu, pelo menos, me aproxime um pouco daquele aparelhamento. Saberá V. qual seria um bispo, ou cousa que o valha, que só deixou de ser santificado pelo Papa do seu tempo pelo fato de que tomava rapé? Sei que existe esse quase santo e não sei como se chama e vou precisar dele no livro. Sabe? tenho cometido um abuso de confiança, lendo os seus volumes da correspondência do Flaubert. O Pastor comprou já *Les vies des plus illustres philosophes de l'antiquité*. - Até breve. Esta carta continuará. - *Aluítzio*.

Nápoles, 22 dezembro 1909.

Meu belo amigo - (Continuação) - Boas festas! Boas festas! Minha última carta foi interrompida nada menos de três vezes, e eu quase que não lha mando. Esta não sei quantas vezes será, porque igualmente a estou traçando no Consulado com o olho no padre e o olho na missa. Sabe que não lhe perdô a sua última carta com o cartão do Oliveira Lima. Creio que nada autoriza o meu amigo a supor que eu seja capaz de duvidar de suas palavras; seu ato só aproveita para acentuar no meu espírito uma convicção que nele há muito tempo existia, e é que, quanto mais escrupuloso e culto for o indivíduo, isto é, quanto mais merece ele a confiança dos outros, tanto mais desconfiado é da confiança alheia. Imagine uma mulher deveras formosa a desculpar-se por pretender por nos cabelos um ramo de lilás, com receio que a julguem pretensiosa e faceira. A sua justificativa, Sr. Professor, é um ato de injustificável modéstia, e peço que não faça tão pouco da capacidade de julgamento dos pobres de ciência, que estes também sabem avaliar à primeira vista, com calma e precisão. No mesmo dia em que lhe mandei meu cartão, escrevi ao Mário de Alencar, remetendo-lhe o meu voto, antes que por aí viesse alguns desses pedidos a que não podemos dizer não, como do Rio Branco, por exemplo, e se eu estivesse no Rio, havia de cabalar pela sua eleição, como cabalei pela do seu saudoso colega Chico de Castro, que era como V. um homem de ciência positiva e de muito boas letras. Essa vaga é que devia ter sido a da sua candidatura, mas nesse tempo V. seria tão mocinho ainda e tão estudante, que naturalmente não teria para a nossa Academia senão alguns maliciosos sorrisos de pilhéria. Sabe que, apesar de não aceitar a sua comparação com o Nilo (fluvial), sinto verdadeiros pruridos de trabalhar no meu novo livro? A questão toda é do tempo que me falta, tendo de ler tanto e de escrever com método. O plano que dei à obra agrada-me e o tom cômico que dei a

umas pequenas cousas já escritas dão-me a esperança de que o romance não terá gênero conhecido. Mas o diabo do livro é difícil como três mil diabos. Principia por uma ligeira notícia sobre a rivalidade da família Araújo com a família Maciel - mortes, depredações, incêndios, arrancamentos de tripas, e tudo isso a rir, tudo isso de um cômico que pretende tornar ridículo todo o sujeito com pretensões a guapo e valentão de província ou de vila. Imagine como deve ser esse trabalho, para ser coisa apresentável. Os *Sertões* do Euclides vão fornecer-me dados que eu terei de pôr do avesso. Os seus livros, que agradeço como faminto agradece comida, ainda não chegaram cá. Como será o nome todo de um colega seu, residente no Rio, chamado Queiroz mulato, careca e de óculos, professor de direito (creio eu) de um colégio particular, homem afável, conversador, limpo, católico fanático e praticante? Se souber, diga-me, que é grande favor. - (Continua) - *Aluizio*.

Nápoles, 3 fevereiro 1910.

Meu caro Afrânio - O meu procedimento para com V. tem sido inqualificável, a todos os seus obséquios e finezas, tão repetidas e tão abundantes de bondade, tenho respondido com um silêncio de bonzo da China, sem lhe acusar sequer o recebimento de três volumes com que V. me matou a sede sobre religiões. Li o *Orpheus*, que com o seu ar de livrinho é, tanto no fundo quanto a quantidade material, de enormes proporções. E' um livro feito de fatos, e por isso é formidável. Gostei dele imensamente e guardo pelo que ele me deu verdadeira gratidão. Hei de rele-lo e hei de consultá-lo muitas vezes. Estou lendo a *Catedral* mas o livro da Santa ainda conserva a camisa virginal em que veio envolta dos ninhos (?) tipógrafos. Tenho absorvido muita coisa, mas as minhas leituras em momentos fragmentados, em sobras das ocupações do emprego público, e isto creio que me faz mais ignorante do que já sou. Tenho ultimamente tido aqui ocasião de falar a seu respeito, porque não tem faltado visitas de brasileiros, os últimos foram seu colega Rodoval (?) e o Dr. Dória (Escragolle Dória) que fez duas conferências em Roma, unia em português e outra em francês, ambas com bom êxito, conforme me afirmou o Bruno Chaves por carta, e no que acredito, pois já as conhecia, graças à amabilidade do Dória quando aqui esteve. Estou triste: cuidava que a estas horas já o Governo me tivesse mandado para Marselha ou para algum consulado geral, e eis-me em Nápoles, quem sabe por quanto tempo ainda! Perdoe-me não lhe ter escrito mais freqüentemente, e que tenho tido trabalho até ao céu da boca, sem falar numa correspondência intransferível, que me absorve e me cansa. É natural que esse fastio se note me mo nesta carta. O monte de cartas q responder de frente de mim na secretária fiz me pensar no Sena em Paris, mas o Sena já esta diminuindo e o meu monte está a crescer, como dizem os donos da língua. Tenho tanta coisa, não para lhe dizer, mas para conversar, e é quase zangado que a vou afastando da pena por falta de ânimo para puxar por elas. Veja a que ponto pode a gente ficar imbecil, veja-o por esta carta tão desalinhada e mole, mas veja também quanto e preciso querer bem para vencer tudo e levar-lhe aí uma nota de amizade. - *Aluizio*.

Nápoles, 19 maio 1910.

Bom e querido Afrânio - Tenho vergonha de apresentar-me defronte de V., que tem sido prodigamente bom para mim e a quem tenho eu tão mal correspondido com a ausência de minhas cartas, quando, aliás, a dívida tem engrossado consideravelmente. - Você, depois de me desencolher o espírito com a mais vivificante palestra, consegue mantê-lo animado e de pé, beliscando-o de longe por meio de cartas e cartões postais; perdoe-me, pois meu silêncio só quer dizer falta de tempo, atrapalhação de serviço. Agora, porém, não podia deixar de vir dar-lhe parabéns de confrade acadêmico; muito mais que o acompanhei nessa festa boêmia. Acabo de receber carta do Mário de Alencar, que em sua pessoa não sei que mais venera e aprecia, se o amigo ou o médico; ele fala de ambos com o mesmo entusiasmo. Eu, por mim, sinto-me bom agora, graças ao meu Kneipp, há bom tempo que voltei de todo à água fria e tenho seguido à risca as prescrições do mestre curandeiro.- A Academia, com as suas últimas vagas, tem-me dado água pela barba; não exagero dizendo ter escrito mais de cinqüenta cartas a esse respeito; só com a vaga de Nabuco minhas cartas já davam para um volume. Acabei por votar no Alfredo de Carvalho autor da *Pré-história sulamericana*, depois de já ter votado no general Dantas Barreto que afinal desistiu da candidatura, cedendo os votos ao seu

concorrente, mas tudo isso mexido pelo C. N. e pelo Oliveira Lima. O Mário empenhou-se comigo pelo Lessa e pelo João do Pio para as vagas do Lúcio e do Guimarães Passos, eu porém tinha já cedido os meus votos a favor do Vicente de Carvalho e do João Barreto, este apadrinhado pelo meu velho e querido amigo Silvio Romero, mas dei um desses votos condicionalmente, a favor do João Barreto, tal era o meu desejo de votar no João do Pio não sabendo eu afinal se votei neste ou no outro Barreto. - Pensa V. que estou livre dos figos e dos queijos? Pois sim! isso é cousa que se não acaba, além disso este é o único Consulado que tem duas legações e tanto a junto ao Quirinal como a junto à Santa Sé representam para mim uma eterna candidatura à vaga do Nabuco, no que diz respeito à correspondência. Só queria que V. visse o que tenho escrito ao Fialho e ao Bruno Chaves, já em officios, já em cartas particulares. Quando qualquer dos dois nada tem para me escrever sobre serviço, sempre aparece alguma reclamação a fazer aqui ou algum assunto a deslindar sobre interesses de brasileiros extraviados. Ah! Já hoje escrevi seis cartas e ontem não sei quantas, de sorte que esta, onde por gosto poria muito de minha alma, vai, como vê, feita assim às carreiras, deixando perceber o meu cansaço e a minha falta de tempo. Mas conto que a sua bondade tudo me perdoará, vendo só nestas linhas o meu desejo de não perder a sua simpatia. - O Guimarães escreveu-me afinal, e que carta! O demônio só fala de amor e de mulheres, como se fosse Tenório a escrever a Lovelace, mas enfim deu-me a doce satisfação de ter notícias dele. - Entusiasma-me a idéia da vinda de V. aqui a Nápoles; eu porém é que talvez vá, antes disso, a Paris; preciso de um bom dentista para arranjar o que me fez na boca um dentista napolitano. Precisei chumbar um dente e o malvado me estragou um queixal perfeito e me alterou os outros com que eu mastigava, de sorte que receio pelo meu estômago. Esse miserável chama-se Gargano, e bem merece o nome, pois este principia como o do devorador Gargantua e acaba com as duas últimas sílabas de cigano, que é o que ele é, o tratante, além de devorador de pesetas. Procurei-o porque dele me haviam dado as melhores informações, e agora me aconselham outros igualmente famosos, mas igualmente napolitanos, o que faz com que eu considere, não já infelicidade, mas imbecilidade se pela segunda vez for eu vitima de um Gargano, e, como o Morinelli. ao passar diretamente por aqui, disse-me que aí em Paris arranjava os dentes com um excelente dentista, é natural que eu leve os meus queixos a esse providencial protetor dos dentistados. O que é fato é que esta infelicidade me atormentou muito estes últimos tempos; eu dantes mastigava e comia perfeitamente, e depois que o maldito Gargano me pôs a mão na boca, ir para a mesa constitui para mim um sacrificio ridiculo Não sei é se o Morineili já teria voltado a Paris da sua excursão aqui pelo Sul; escreveu-me de Nice e depois disso - nada, nem sei mesmo qual é o número do prédio em que ele aí mora à *rue Royale*. Desculpe-me toda esta lengalenga e desculpe esta carta, que não passarei a limpo, prometendo-lhe escrever-lhe em breve mais dignamente. Se vir o Guimarães ataque-lhe um abraço por minha conta e diga-lhe que já quase perdi as esperanças de Marselha, apesar de que o Pecegueiro está de prontidão. Agora vai passar afinal a projetada reforma no Corpo Consular, e assim talvez tenha o Rio Branco elementos para fazer um movimento em que entre eu. Os lugares, porém, na Europa sul são tão limitados e estão tão bem ocupados, que tremo de medo em ir dar com a carcassa lá por alguma republica boliviana da América do Sul. Ah! se assim for, antes Nápoles com a sua camorra, as suas infecções e porcarias. - Por meu gosto rasgaria esta carta estúpida e faria outra em melhor ocasião; deixo-a porém seguir o seu destino, porque ela ao menos lhe dirá que não deixa de pensar no Afrânio o - *Aluizio*.

A SILVIO ROMERO

Nápoles, 8 novembro 1909.

Querido Mestre e Amigo Sílvio Romero. - Agradeço à nossa Academia de Letras me ter dado ocasião de receber notícias suas diretas, o que se não mata saudades aviventa amizades velhas e sinceras, e agradeço a V. proporcionar-me ensejo de prestar ao distinto poeta Pereira Barreto a modesta homenagem do meu voto, para o preenchimento na Academia da vaga deixada pelo pranteado e querido Guimarães Passos, à qual tem ele direito pelo seu belo talento. Assim, peço a V. que se encarregue de representar-me nesse sentido por ocasião da respectiva votação, podendo servir-se desta carta para justificar o meu ato. - Continuí a querer bem ao seu velho

admirador e amigo de coração - *Aluizio Azevedo*.

A EURICO DE GÓIS

Nápoles, 21 novembro 1909.

Exmo. Sr. e ilustre confrade, Dr. Eurico de Góis. - Antes de tudo deixe-me agradecer-lhe a inestimável ocasião de ler o seu excelente livro *Os símbolos nacionais*, sem a qual, longe como estou de nossa terra e ocupado como vivo no meu emprego, é natural que, pelo menos por muito tempo, ficasse eu privado desse prazer e desse consolo; prazer porque o livro, bem escrito como está e instrutivo como é pelo cabedal de cultura em que se firma, prende e deleita o leitor desde a primeira à última página, e consolo porque, não tendo eu podido até hoje conformar-me com o desgracioso e antipático enigma pitoresco que nos impingiram por bandeira os devotos de Clotilde Devaux [sic], respirei esperançado vendo o inteligente, lógico, singelo e elegante modelo que o sr. se propõe opor-lhe, justificando esse feliz projeto de reforma pelo modo mais concludente, mais irrefutável e mais brilhante que se poderia desejar. As mesmas palavras devem ser aplicadas a respeito do escudo, e nossas Câmaras cometerão um crime de lesa-pátria e de lesa-bom-gosto se não aproveitarem a boa ocasião que o sr. tão oportunamente lhes oferece para corrigir o erro cometido pelo Governo Provisório. É preciso viver cá fora, como me acontece há muitos anos, para bem poder avaliar quanto nos prejudica aos olhos do estrangeiro aquela vergonhosa caricatura de armas e pavilhão com que temos de representar a Pátria, quando em verdade o tal arremedo de bandeira, pelo seu desgracioso arranjo nas cores e na disposição dos pseudos símbolos, nem sequer aproveitaria cabalmente para um teatro de mágicas, servindo de emblema a qualquer país fantástico e ridículo, feito à imitação dos que Swift deu a Guliver. Cada vez que tenho de arvorar a bandeira nacional à frente da chancelaria a meu cargo, confesso que sinto calafrios, porque de antemão estou prevendo certas perguntas entaladoras, que ela em geral sugere a quem a contempla com atenção; isso ainda não falhou por onde tenho andado a arrastar a carroça consular, isto é - na Espanha, no Japão, na Rep. Argentina, no Uruguai, na Inglaterra e aqui na Itália, nem se pode imaginar posição mais crítica e mais penosa para um representante do seu país, a quem cabe defender a própria bandeira, já não digo de uma palavra ofensiva, mas do mais ligeiro gesto de desrespeito, sentindo aliás no íntimo o que aqui estou segredando dolorosamente ao ouvido de um compatriota tão zeloso quanto eu da honra e do prestígio de nossa terra. A bandeira brasileira! ter de dar esse nome sagrado a uma cousa que repele os meus olhos! ter de chamar símbolo do Brasil a uma cousa que me irrita os nervos! ter de venerar e defender com todo o entusiasmo patriótico semelhante estandarte carnavalesco, que não vale em estética o dos Fenianos ou o dos Tenentes do Diabo! E' horrível! não há dúvida! - Não ser eu Deputado ou Senador! porque então poderia o meu ilustre confrade contar, nem só com o meu voto, mas com a mais feroz cabala para fazer vingar nas Câmaras o seu projeto. Ora, imagine por tudo isso qual não foi o meu desgosto, quando, ao receber a sua amável carta, já tinha eu, a pedido do nosso ilustre confrade Silvio Romero, disposto do meu modesto voto de membro da Academia de Letras a favor do poeta Pereira Barreto, ficando por conseguinte na impossibilidade de aproveitar este ensejo para prestar ao seu talento literário à homenagem a que ele tem todo direito. e para patentear ao mesmo tempo, não só com palavras, o meu entusiasmo pela campanha patriótica que o seu livro abriu a favor da nossa bandeira. E, confesso-lhe francamente, a vitória de sua idéia política me sobressalta muito mais do que a vitória da sua candidatura acadêmica, mesmo porque, das duas uma - ou O sr. será eleito e nesse caso o meu voto não lhe terá feito a mínima falta, ou não será, restando-me neste caso a esperança de poder ainda sufragar o seu nome por ocasião de uma futura vaga, desde que esta não seja aberta por mim próprio, o que a Deus não praza. - Em todo o caso bendigo a ocasião que nos aproximou um do outro e que me permite enviar-lhe os meus sinceros aplausos pelo seu valente, fecundo e generoso livro. - *Aluizio Azevedo*.

A MÁRIO DE ALENCAR

Vigo, 10 junho 1997.

Querido Mário - Desculpa-me não te ter escrito há mais tempo. Não resisto ao desejo de

enviar-te um abraço e um "Bravo!" pela tua "Marinha" do fascículo 57 da *Revista*. Recebe as minhas saudades. - *Aluizio*.P. S. - Lembra-te que tens em Yokohama um amigo que não deseja melhor do que servir-te em alguma cousa.

Nápoles, 20 dezembro 1909

Meu caro Mário - Desejo-lhe boas festas e o mais feliz ano novo. O nosso ilustre Afrânio Peixoto, que durante alguns dias que aqui esteve comigo, transformou a estima que eu já lhe tinha em muito boa amizade, escreve-me lá de Helouan, no Egito, pedindo o meu voto para a eleição dele a membro da Academia de Letras na vaga do malogrado Euclides da Cunha, a qual só deve com efeito ser preenchida por alguém do valor científico e cultura literária do Afrânio, individualidades essas que se não encontram a cada esquina, nem mesmo em cada ponto cordial de nosso país. Sei que V. se interessa por essa candidatura e é por conseguinte com satisfação que lhe peço que me represente em nossa Academia para esse fim, escrevendo eu a declaração de meu voto no verso desta página. - É verdade! porque não alvitra V. à diretoria acadêmica que estabeleça uma espécie de talão com os votos numerados, para os membros que estão cá fora no estrangeiro? Isso seria prático e estabeleceria uniformidade. - Seu velho amigo e apreciador sincero. - *Aluizio Azevedo*. [No verso] Para a vaga deixada na Academia Brasileira de Letras pela morte de Euclides da Cunha, voto no Dr. Afrânio Peixoto. - Nápoles, 20 de dezembro de 1909. - *Aluizio Azevedo*.

Nápoles, 17 maio 1910.

Meu caro Mário - Apesar de que sua carta me fala muito de moléstias e desânimos, nem por isso deixei de ter um sincero alegrão ao receber notícias suas imediatas, tais eram as minhas velhas saudades. Seis filhos, hein? E V. ainda me fala em neurastenia! Seis filhos são seis vidas que brotam em torno do tronco, multiplicando cada uma delas a razão e o sabor de viver da árvore que lhes deu o ser. Eu, a quem Deus deu nenhum, adotei dois, um menino e uma menina e neles me vou arrimando para poder galgar o resto do caminho, que não é tão liso e plano como o princípio, quando o sol me batia de frente e não pelas costas. - O meu voto para a vaga do Guimarães Passos dei, a pedido do Sílvio Romero, para o Pereira Barreto, mas com a condição de que, se este desistisse da candidatura, poder ser aproveitado para a do João do Rio, a quem deveras aprecio. Na do Lúcio votei em Vicente de Carvalho, a pedido deste próprio, e na do Nabuco havia votado no general Dantas Barreto, a pedido do Coelho Neto, deixando porém a tangente, para se não perder o voto, de aproveitá-lo em favor do Alfredo de Carvalho, no caso que o general desistisse da candidatura. Ora, é justamente isto o que me acabava de comunicar por carta o autor da *Pré-história sul-americana* remetendo-me um seu novo trabalho: *Daper e Montanus*. Assim, uma vez livre o meu voto, aí o mando satisfeito com a idéia de que isso dá prazer a muito mais quando, conforme me explica o Dr. Alfredo de Carvalho, houve entre este e o general Dantas Barreto perfeito acordo para se chegar a esse resultado, ficando eu obrigado a votar no general quando de novo se apresente candidato. Neste sentido vou escrever também ao Oliveira Lima, que se interessa igualmente por aquele distinto pernambucano, para quem havia ele solicitado o meu voto. - Quanto à sua amável pergunta sobre o que tenho eu feito, respondo declarando que "Quem joga não guarda cabras". Tenho feito relatórios, procurações e faturas consulares. E que o diabo não me ouça! - Tenha a bondade de informar-se por mim da Academia por que razão na reforma ortográfica - que eu, aliás, aplaudo muito - foi respeitado o artigo definido *O* e a sua respectiva contração com a preposição *D* - *DO*, que ninguém pronuncia senão *U* e *DU*? Creio que não há razão para tal exceção, bastando já que a conjunção *E* não seja escrita com *I*, de acordo com a pronúncia, como fazem os espanhóis com o *Y*. -- Do velho amigo do coração - *Aluizio*.

Buenos Aires, 22 novembro 1911.

Meu caro Mário - Desculpa o tempo que pus para confirmar o telegrama em que te pedi para contares com o meu voto a favor do Osvaldo Cruz na vaga do nosso saudoso Raimundo Correia; é que ainda não tomei pé nesta complicada Capital, nem pude até agora me libertar da maldita vida de hotel. Agora mesmo escrevo-te a correr, resistindo ao desejo de conversar um pouco, o

que há muito não fazemos. Ficarà a conversa para outra vez. Podes dirigir qualquer correspondência a meu respeito para o Consulado do Brasil aqui em Buenos Aires, onde vou todos os dias. - E venha de lá um abraço para o velho admirador e amigo de coração - *Aluizio Azevedo*.

A LUIZ GUIMARÃES FILHO

Assunção, 5 outubro 1911.

Belo e amado Luiz Guimarães - Estou numa dívida terrível com você: recebi o seu formoso livro *Samurais e Mandarins* e ainda nem sequer lhe agradei o mimo. É que eu contava escrever-lhe, não uma simples carta de agradecimento, mas alguma coisa que servisse também para engrossar na imprensa o ruído dos aplausos em torno da obra. Complicações de trabalho e de outras maçadas me arredam, porém, dessa grata intenção todas as vezes que tentei consagrar-me a ela, justamente como me aconteceu com respeito a *Esfinge* do meu querido amigo Afrânio Peixoto. Conto com o espírito de um e de outro para ser perdoado desse crime, do qual espero ainda reabilitar-me. Agora, eis--me às voltas com a minha bagagem - caixões e engradados, uns já prontos, outros em andamento, e outros por fazer, quer dizer - estou em vésperas de seguir para Buenos Aires, e escrevo-lhe às pressas, com as mãos empoeiradas da embalagem de meus livros e *bibelots*. Conto partir dentro de uma semana, se não for contrariado por qualquer contratempo, e de lá lhe escreverei sobre a sua justíssima candidatura à vaga do nosso pobre Raimundo Correia. Tenho umas peias a tolher-me o voto com a cabala pelo Osvaldo Cruz, mas se eu conseguir desembaraçá-lo, terei muito gosto em fazer dele uma manifestação positiva do grande apreço em que tenho o seu lindo talento de poeta e prosador, e pertencerei ao séquito que o há de acompanhar à nossa Academia de Letras. - Até breve, e queira bem ao seu de coração - *Aluizio Azevedo*.

A DONA LUIZA D. SAMOS VALIENTE

Nápoles, 8 agosto 1909.

Exma. Sra. D. Luíza Dias Samos Valiente.

Minha Senhora - Agradecendo o inestimável obséquio que me fez V. Exa. em ceder ao meu obscuro nome um imerecido lugar no seu ilustre álbum, rogo que me perdoe não ter com mais presteza me aproveitado de tão alto favor, pois a generosa carta que V. Ex.a veio encontrar-me a veranear em Sasamicciola, na ilha de Ischia, e só hoje de volta a esta cidade de Nápoles, onde resido, me foi possível ter a honrosa satisfação de respondê-la. É com legítimo prazer que, juntamente com esta carta, devolvo as folhas que V. Ex.^a se dignou de remeter-me em branco e agora voltam profanadas de tinta preta e pálidas expressões da homenagem que deponho aos pés de V. Ex.^a

Cumpre-me ainda agradecer as generosas palavras que V. EX.^a cativando a minha gratidão, prodigalizou a meu respeito e a feliz ocasião que me proporcionou de manifestar uma face inédita do meu entusiasmo por essa formosa Pátria Argentina, da qual, desde que se tenha a ventura de nela habitar uma vez, se há de guardar para sempre a mais grata saudade e a mais sincera admiração.

Queira V. Ex.^a dignar-se aceitar os respeitosos protestos da minha alta consideração e subido apreço. - *Aluizio Azevedo*.

DURA LEX

(Em uma página do álbum)

Ah! positivamente não há álbum, por mais rico e bem dotado, que não tenha, em

meio das suas gloriosas páginas, uma página perdida, e este, sem poder escapar ao seu implacável destino, deixa-me cair entre as mãos esta pobre folha imaculada e branca, para que eu a sacrifique á perpétua obscuridade com as minhas surdas e misteriosas palavras em português, quando, em outras mãos e alada por outro idioma, poderia ela acompanhar no vôo as suas ilustres companheiras de homenagem.

Mas não te revoltas, pobre folha caída, deixa-te ficar no chão, esse é o teu lugar de honra, essa é a verdadeira posição do divino preto, deixa-te ficar aos pés daquela a que te consagras, rendendo comovida vassalagem à graça da Mulher Argentina, triunfalmente representada pelo espírito, pela gentileza e pela distinção da mais formosa das intelectuais. E hás de cumprir inteiramente o teu destino, porque não porei em ti o seu nome encantador. Não terás o nome d 'Ela! Se eu te enriquecesse com ele, já não serias a humilde folha caída a seus pés, seria uma página iluminada de beleza e radiante de orgulho. Não! Não quero que te confundas com as outras páginas deste álbum, quero ao contrário que nesta festa de estrelas te distingas pela tua obscuridade. Na via-láctea mais vale ser saco de carvão do que astro perdido na multidão nebulosa.

Aluizio Azevedo

Nápoles, agosto de 1909.

A DONA JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Buenos Aires, 7 setembro 1912.

Meu ilustre confrade, Sra. D. Júlia Lopes de Almeida.

Trago-me os meus modestos aplausos pelo seu adorável romance - *A Intrusa* - que acabo de ler de uma assentada e do qual fui gostando cada vez mais à proporção que o devorava, chegando à última página com um acúmulo de entusiasmo perfeitamente comparável ao famoso resultado da multiplicação do grão de arroz pelos quadrados sucessivos do jogo do xadrez, como reza a velha anedota chinesa. O livro é, com efeito, de acumulativo interesse, é empolgante e forte, simples, original e verdadeiro, e nele a ironia e a sátira nunca vêm cruas ou sanguinosas, mas sempre refogadas com adorável tolerância e jovialmente polvilhadas de riso fresco e sadio. Gostei tanto dessa obra, que me não pude ferrar ao desejo de a aproveitar como elemento de aproximação entre este país e os nosso, cujos escritores ainda tão pouco se conhecem de parte a parte, e de tratar de que ela fosse traduzida para o castelhano e publicada aqui pelo excelente jornal *La Nación*, onde tal idéia despertou logo a mais viva simpatia. Por intermédio do nosso distinto patricio Alfredo Bastos (Jacques Petiot) pode-se conseguir seja feita a tradução pelo Piquet, que já com o *Braz Cubas* mostrou quanto é exímio em verter para bom espanhol bom português, e decerto não porá neste novo trabalho menos gosto e desvelo que consagrou àquele. Assim, pois, está tudo já combinado, só faltando o principal - a autorização da Autora; autorização que, curvado ao meio e de chapéu na mão, lhe venho pedir aqui com todo o empenho e reverência, convencido de que não poderia eu do melhor modo servir aos interesses morais de nossa terra, e ao mesmo tempo render à Carlota Broute brasileira um pouco da muita homenagem a que ela tem direito. Se a autorização vier acompanhada de um retrato da Autora, sem dedicatória, o favor será duplo. Rogo-lhe a fineza de estender meus cumprimentos até ao meu velho e saudoso amigo Filinto de Almeida, e dirigir a resposta desta à - "Legación del Brasil Calle Juncal - Buenos Aires".

Antecipando meus agradecimentos, é com muita amizade e apreço que me subscrevo - Criado af.^o e grato - *Aluizio Azevedo*.

A AFONSO CELSO

Rio, 25 de novembro de 1884.

Meu caro Afonso Celso. - Isto que aqui vai é uma carta antipática e mal conformada. Ela tem de principiar dando-te os parabéns pelo novo caminho que a ventura acaba de abrir defronte de ti, mais amiga e mais justa do que nunca, e tem de acabar por uma das minhas sensaborias do costume, por uma das minhas impertinências de eterno pretendente.

Se eu tivesse o talento e as razões do Nicolau Tolentino, comparava-me agora com ele, quando esse velho pedinchão cantava as suas lamúrias e rimava as suas lágrimas alegres aos pés do Marquês de Angeja ou do Visconde de Vila Nova de Cerveira; mas, nem só a mim faltam a ciência e a graça do pedir de Tolentino, como tu também não és o que foram aqueles figurões portugueses do século passado, que tanto defendiam em si a prosápia e o orgulho, quanto dos pobres diabos exigiam o aviltamento e a baixeza. Não! se foras desses não terias a maçada de ler esta carta.

Entretanto, comparei-me com o poeta de D. José, porque também venho pedir, e ele, coitado, ainda sabia o que desejava, e eu nem isso sei. Não sei, e toda a minha esperança se baseia num desses bons acasos que, parece, foram inventados para socorrer os visionários de minha espécie. Isto quer dizer que desejo ardentemente descobrir uma colocação, qualquer, seja onde for, ainda que na China ou em Mato Grosso, contanto que me sirva de pretexto para continuar a existir e continuar a sarroliscar os meus pobres romances, sem ser preciso fazê-los *au jour le jour*.

Aquela minha pretensão sobre o Asilo de Meninos Desvalidos há três anos que me foge da frente e, se eu não abrir mão disso e cuidar de outra cousa, creio que irei parar, mas é no Asilo dos doidos ou no de mendicidade.

É para evitar semelhante catástrofe que venho pedir a tua proteção. Há certos lugares, certos cargos, certos empregos, dos quais só os próprios políticos têm notícia quando eles ainda se acham vagos, e que, ao transpirarem cá fora, ao caírem no conhecimento do público, vem logo, como uma mulher bonita, escoltados por um enxame de cobiçosos e guardados à vista pelo feliz mortal que mereceu a preferência e já traz a nomeação no bolso.

Ora, dessa forma, só fazendo como neste momento faço: vindo a ti e pedindo-te que, logo que te passe pelos olhos um desses cargos, lhe ponhas a mão em cima e me atires com ele, que eu o receberei com melhor vontade do que a de um naufrago ao receber uma tábua de salvação. Repito seja lá o que for - tudo serve; contanto que eu não tenha de fabricar *Mistérios da Tijuca* e possa escrever *Casas de Pensão*.

Talvez te pareça feio e até ridículo o que acabo de fazer; não sei, mas, desnortado como estou, sôfrego por acentuar esta maldita existência de boêmio que já se me vai tornando insuportável, agarro-me a ti, por julgar-te mais perto de mim e mais apto do que outro qualquer, para compreender a sinceridade e o desespero do que estou dizendo. Se com isso desmereço a teus olhos e me faço ainda menor do que era, paciência! Lançarei mais esse desastre na minha grande adição dos prejuízos deste ano.

E então ainda me resta pedir que me perdoes o ter-te eu azoinado os ouvidos, à laia de *carcamanos*, com esta espécie de farandolagem de harpa e rabeça, justamente quando te achas em pleno gozo da tua lua-de-mel, - Teu amigo sincero. - *Aluizio Azevedo*.

A DOMINGOS PERDIGÃO

Vigo, 23 de dezembro de 1896.

Meu bom e velho amigo Domingos Perdigão. - Boas festas! - Recebi a tua bela carta, que me veio surpreender, muito agradavelmente, nesta terra por onde Deus nunca andou e para onde o meu destino, que se apraz em contrariar-me, me atirou ultimamente, obrigando-me a suportar de perto este animal não classificado, que se chama - Galego, e que é feito de uma estranha composição combinada de velhacaria, estupidez e porcária combinadas estas três substâncias em doses iguais e temperadas com raspagens de chifres do diabo. A tua boa carta foi a minha

melhor alegria da semana em que a recebi, posto me viesse nela a desoladora notícia de que te escapa a luz dos olhos: como, porém, consiste o caso mórbido em simples catarata, tenho fundadas esperanças de que o teu precioso aparelho visual voltará à integridade primitiva; não faltam médicos operadores, que extraem cataratas com a facilidade com que, no Rio de Janeiro, diariamente, extraem as loterias os números premiados, depois de extraírem o dinheiro do bolso aos jogadores.

Tu, que és químico e conheces todos os segredos das retortas, não me dirás qual é o princípio científico que determina a formação satânica do preparado de que te falei primeiro, a respeito do animal ainda não classificado? Se o conheces, manda-me dizer, para que eu me defenda profilaticamente contra a intoxicação que aqui me ameaça.

Estive uns vinte dias em Lisboa e gostei muito da cidade; era a primeira vez que saía da América e pisava terras da Europa. Digo-te, porém, com franqueza, que ainda não encontrei lugar nenhum, para viver, tão bom, em hábitos, em liberdade, em conforto, em sociabilidade, e até em clima, como o Rio de Janeiro. Aqui, na Europa, conhecem muito mal o Brasil ou o não conhecem, absolutamente. Falar aqui, no Brasil, é falar em febre-amarela, quando, pelo que tenho visto e experimentado, o frio da Europa, o vento norte e outros elementos de bronquites e reumatismo, que aqui há, são muito mais perigosos e impertinentes do que o calor brasileiro. No Rio, pelo menos, ninguém se preocupa de abrir e fechar portas e janelas, toma-se o banho frio, ao ar livre, e anda-se, impunemente, de roupa leve e fresca. Vá qualquer fazer isto aqui, e terá com que se divertir, por muito tempo.

Muito estimei as notícias que me deste da tua família do nosso Maranhão, a quem peço que me recomendes especialmente. Quando aqui cheguei, o Fernando estava no Rio de Janeiro: escrevi-lhe, como escrevi ao Luiz, mas de nenhum desses dois velhacos recebi resposta às minhas cartas. Passa-lhes um sabonete por isto e, quando escreveres ao Tomaz, dá-lhe lembranças minhas. Dá também lembranças especiais ao Chico, que está no Rio, morando nas Laranjeiras, e cuja família visitei, uma vez, em companhia do Luiz.

Adeus, meu caro Domingos; se vieres por cá dar um passeio, fica já prevenido de que há aqui, neste canto insuportável da Espanha, uma casa que é tua e dentro da qual há dois braços de amigo, prontos para te receberem abertos, com um abraço pronto. - Do teu velho amigo - *Aluizio Azevedo*.

A FLORINDO DE ANDRADE

Vigo, 20 de abril de 1896.

Meu bom Florindo. - Saúde é o que te desejo. - Cá estou desde o dia 23 do mês passado, depois de ter desfrutado 20 dias em Lisboa, durante os quais pouco mais tempo tive do que para corresponder às infinitas amabilidades de teus compatriotas. São com efeito verdadeiramente agradáveis e bons rapazes os homens de espírito da formosa Lisboa!

Não só os homens, a Maria Amália Vaz de Carvalho é, posto que bem camarada de viver, encantadora como mulher de espírito, e assim outras com quem tive o prazer de tratar de perto. Entre a gente de teatro, uma foi além da amabilidade, D. Maria Penha, que, estranha retardatária! teve a fantasia de enfeitar-se para "um, o que fez que eu embandeirasse de amor os naufragados montarêus deste velho casco.

Tenho tido saudades tuas como não imaginas Por enquanto ainda me não aborreço de todo, porque tenho que por o consulado em ordem e isso me abrange grande parte do dia, sendo o resto deste consagrado à instalação particular, que é muito difícil pela absoluta falta de recursos que aqui há para tudo.

Ah! como esta vida é diferente da de Lisboa e dessa daí do Rio de Janeiro! Quando chega a noite, que é aqui a hora de jantar, sinto cair-me sobre o coração mil arrobos de tédio e deixo-me ficar em casa porque não há por cá absolutamente onde ir, a não ser à casa das fêmeas.

Um horror! Mas, consola-me a idéia de que não encontrarei no meu caminho nenhuma das muitas caras de imbecis que ai por último me revoltavam o espírito.

Escrevo-te, como vês, quase sem ânimo, e só o faço para te deixar bem patente o muito que me lembro de ti e o muito que sou grato às tuas repetidas finezas.

O que achas tu que devo fazer a respeito do Carvalho ~ Escreve-me a esse respeito e, principalmente, dá notícias tuas ao, que não se esquece de ti, teu amigo - *Aluizio*..

Vigo, 18 de julho de 1896.

Florindo. - Não sei que meios empregue para te obrigar a responder as minhas cartas. Serás tu desses para quem se inventou o provérbio: "Longe da vista, longe do coração"? Não creio, como não acredito que nada mais exista da nossa boa e firme amizade.

Ah! se te apanhasse eu aqui para saborearmos juntos aquele nosso prato predileto de peixe frito com arroz! O peixe aqui é magnífico e vai bem com o vinho do país, que é bom porque é puro. Também se não fosse isso, o que nos restaria? E parece que este povo compreende bem o papel importante da comida entre os prazeres ao seu alcance, porque vive para comer, beber e gozar... Nunca vi tanta sensualidade em minha vida! E, note-se, a sensualidade aqui não é simples, é um pouco à Marquês de Sade, porque nisso encontro eu a explicação da loucura pelas touradas em que haja bastante sangue e bastante tripa de fora. O galego não encontra o menor prazer em cousa que fale ao espírito. A música só lhe serve para dançar, o verso para dançar também acompanhando a música e leituras não lhe falem, e o seu teatro é a Tourada. Comem e bebem por sensualidade, arrotando forte e esfregando as barbas no molho e derramando vinho nos cabelos. Não vão a festa alguma sem levar a bota de vinho e a canastra da papança, e de lá voltam aos trambolhões, entre "Conhos e Carazis". Mas não são só os homens e as mulheres do povo - são todos, todos. Uma senhorita de quinze anos bebe durante uma festa de arraial mais de seis copos de vinho espesso e come por três poetas brasileiros, contando com o Guimarães Passos e o seu falecido cão Alarve, de copiosa memória. E come-se três vezes por dia: almoço às 8 1/2, janta à 1 da tarde e ceia às 8 ou 9 da noite; sendo esta última refeição tão forte como a da tarde. Ora, dize-me tu em que horas pode esta gente trabalhar. O Viguês às 2 da tarde está inutilizado e às 10 da noite atira-se à cama com o bandulho cheio. Creio que é isso que faz o galego tão humilde e tão besta. Escreve-me com os diabos. Teu *Aluizio*.

Vigo, 2 de setembro de 1896.

Florindo. - Tua carta foi a minha alegria. Dei graças aos céus em a recebendo, porque supunha já que não existias, dúvida que me trazia o espírito atribulado, porque tu não és simplesmente um homem, tu és uma geração, és um símbolo.

- Ouve lá, oh tu! - se te agrada saber que é grata a minha impressão de Lisboa e de seus rapazes, sabe então, alfacinha, que não pode ser melhor a saudade que tenho dessa terra azul em que durante vinte rápidos dias fui feliz e fui alegre. Azul e branca, é o que ela é! azul pelo seu Tejo, Amazonas doméstico e sábio. graças aos rouxinóis que lhe ensinaram as melodias do amor e da melancolia; e branca por aquelas nuvens baixas que se debruçam sobre as cordilheiras de Cintra e de Almada; nuvens que parecem cabedal dos místicos arquitetos dos Jerônimos e de Belém, porque formam no espaço ideal como que o novelo de alvo linho de que os gênios caprichosos daquele tempo heróico fizeram as rendas milagrosas daquelas maravilhas de pedra. Visitei embevecido todos esses baluartes rendilhados da Fé Católica, e senti minha alma cantar as orações guerreiras do Infante D. Henrique e do mísero D. Duarte, o cativo de Tânger. Compreendi Nun'Álvares, contemplando as abóbadas dos Jerônimos e voei aos meus primeiros sonhos de escritor defronte do túmulo de Herculano, cuja alma esvoaça ainda por entre os capitéis da divina mesquita, como a branca andorinha ou o gavião branco de que fala Garrett. Por Castela e Santiago! por Portugal e São Jorge, meu Florindo, que um dos melhores momentos da minha vida foi quando pisei as terras de Afonso Henriques! E que rapazes! Como

os 50 e tantos anos do Marquês de Franco não espantam a quem quer que seja! Como o Tomaz Ribeiro é moço! Como o Bordalo é doido! Como o Ramalho é encantador! Se soubesses pelo miúdo como vivi com essa gente e com outra muita, beijado pela nossa Cenira Polônio e amado (parece incrível) pela mais adorável criatura que os meus joelhos apertaram em críticos instantes de ventura. Até rimou, caramba!

E já que te falei em amor, e também porque nisso me falaste em tua carta, sabe que essa adorável pessoa que se chama Maria Penha foi para mim a Nayade gentil, uma Vênus de hoje, que aos meus olhos não veio das espumas do Oceano como a outra da Grécia, mas que saiu armada com o seu sorriso branco e com o seu olhar azul das ondinas do Tejo, que lhe serviu de berço.

Essa bela retardatária (retardatária para mim, que já me suponho incapaz de ser amado por uma moça), levei-me pela mão aos castelos do sonho.

Formosa, inteligente e original, essa bela mulher, depois de fazer-me visitar museus e exposições d'arte, levou-me um dia, pelo primeiro sol, a "Tapada da Ajuda". Ah, Florindo! que manhã de maravilhas! O sol era um vinho capitoso cor de ouro velho, que embriagava a alma e os campos verdes em que havia delírios espirituais. Uma ligeira certa com quatro rodas puxou-nos para longe das velhas casarias do Marquês de Pombal e, quando demos por nós, riamos-nos abraçados ao fundo do carro, combinando o almoço numa tasca saloia; e, a deslizar-mos entre moitões de acácias e lilases, que a primavera enflorava como para as bodas de dois boêmios felizes, os nossos olhos, a nossa fala e as nossas mãos fizeram uma congratulação internacional muito mais positiva do que a do Assis Brasil.

Como estava bela, a minha bela Maria! Com um arranco, sem transição na conversa chamei-a para meu peito e tomei-lhe a boca com a minha boca, empolgando-a, e, sobrepujando-a, fi-la desmaiar de prazer, balbuciando no espasmo: Tonto! Olha que o cocheiro pode ver! Cuidado! Os lavradores te observam!

Qual lavradores, nem qual carapuças. Tive-a inteira e morta de gozo na ação vitoriosa daquela luta que pôs em confusão os seus secretos cabelos louros com a negrura dos meus cabelos que não apanham sol.

E ela, depois da doida usurpação, deixou cair a dourada cabeça no meu colo, suspirando devagarinho, como queixosa do que eu lhe fizera, mas logo ergueu o rosto, desfraldou o olhar, já rindo, e apanhou-me de novo a boca, agora espontaneamente com gula, como se quisesse, em troco miúdo de beijos, restituir-me a soma de amor que lhe dei de só vez... E entre agradecida e queixosa murmurou ainda com um beijo: - Selvagem!

E ouvi em torno da vitória do nosso amor toda a natureza cantar também vitoriosa. Mas, por entre o canto dos pássaros e por entre o murmurar das selvas, parecia-me distinguir um som guerreiro mais estridente. Separávamos os lábios - era tempo; três batedores, ricamente agaloados batiam a estrada já defronte do nosso carro, e, logo atrás, entre cometas e picadores de lança em punho, irradiou o trem de D. Maria Pia, a augusta mãe de D. Carlos, que estava em passeio nas suas terras da Tapada.

Passou por nós e saudou-nos com um sorriso, menos sedutor que o da encantadora rainha sua nora, mas que parecia dizer-nos tristemente: - Continuem, eu finjo que não vejo! E, daí a pouco almoçávamos, e ríamos e gozávamos, e... Mas, para que continuar? Sabe que essa bela mulher, que traz nos olhos e nos dentes as gloriosas cores do seu e do teu país, ofereceu-me depois um jantar, em sua casa, em que e fui peito a peito brindado pelos mais finos espíritos da geração artística e literária de Portugal.

Cáspite! Se não houvesse mil outros motivos, este seria bastante para te dizer que em Lisboa - a alma cresce e o coração se alarga! - Teu - *Aluizio*.

Salto Oriental, 23 de outubro de 1903.

Querido Florindo. - Desculpa-me ter demorado um pouco esta resposta à tua estimadíssima carta de 12 de agosto último, quando, aliás, era minha intenção escrever-te logo ao chegar aqui. Mas, que queres? isto é mesmo uma terra de arrelia como lhe chamaste; um povo de maus bofes e facas arrancadas. Por dá cá aquela palha, arrancam-se uns aos outros as respectivas tripas, e, como aqui há talvez mais brasileiros que orientais, toda essa chinfrinada, ou grande parte dela, vem me cair cá no Consulado. Ainda há pouco recebi a carta de uma chorosa mãe que reclamava de mim tirar-lhe o filho da prisão pois que ele nada mais tinha "hecho que pegar dos tiros a un mui picaro que merecia mas de cuatro". E isto porque "le ou robado una vaca" e aquele porque "sou colorados ó sou blancos" e porque isto, e porque aquilo, não param de atenzar-me a paciência com reclamações, consultas e pedidos de toda a espécie. Se são ricos entendem que o Consulado lhes deve tal consideração, que nada lhes pode negar; se são pobres entendem que a bolsa do Cônsul do Brasil - nossa bolsa é - e que são eles os donos dos competentes cordéis. Uma gente levada do diabo, cuja nacionalidade parece variar com o próprio clima desta terra, onde às vezes no mesmo dia marca o termômetro de uma vez 10 graus centígrados e de outra 30 e tantos, sendo que no verão lá para janeiro ou fevereiro, conforme ouço dizer, chega o termômetro a marcar 42 graus, apesar de aparecerem então inesperados dias tão frios como os de junho ou julho. Mas, a despeito de tudo isso, sinto-me bem e tenho conseguido aqui restabelecer-me de uma infinidade de mazelas que trouxe de La Plata, prefiro mil vezes o Salto, é pelo menos mais seco e menos fétido. O diabo é que a vida aqui é caríssima e não tem a gente absolutamente "pour son argent". Calcula que a libra vale quatro pesos e setenta centésimos (\$4.70) e que a unidade da moeda é o peso, peso ouro, o que quer dizer que aqui com um peso se faz o que aí no Rio se faz com dez tostões ou na República Argentina com um peso papel. Na Argentina é o duplo de valor comparada a moeda com a brasileira, um peso papel vale dois francos, cinqüenta, mas aqui o valor do dinheiro ou das cousas é quadruplicado. Vale um peso daqui mais de 5\$000 atuais do Brasil. Um horror! E se visses, meu Florindo, o que se compra com esse peso tão caro! creio que os "camelots" e os alcaides do comércio do mundo inteiro escorreram para cá; apesar da proximidade do Brasil, nem tabaco há aqui que preste, o café é mau e em proporção com o resto. Verdadeiramente, faço aqui vida de campo, não saio quase à noite, levanto-me com o sol, ando como o diabo, não bebo álcool, substituo o café pelo mate, não como carne, sigo o sistema Kneipp quanto às lavagens com água fria, e o fato é que, depois que cá estou, não me entrou na boca nenhum remédio de botica. Em breve te mandarei meu retrato, para julgares melhor do que digo a respeito de saúde. Tenho recebido com toda a regularidade O *Diário Oficial*, e fico deveras agradecido pela fineza de teres tomado essa assinatura, que, entretanto não deve ser reformada, porque o Consulado está também recebendo oficialmente o mesmo diário. Senão te for muito maçante, desejo até que previnas à Tipografia Nacional de que deve terminar a assinatura em dezembro. O que desejo é saber quanto gastaste para te mandar pagar, e melhor seria se conhecesses aí alguma casa que se corresponda com esta gloriosa praça comercial. Vê bem que me zango se me não cobreres a despesa feita, ou que acreditarei que desejas trancar a válvula dos obséquios que me tens feito.

Fala-me tua carta das transformações que vai sofrer o Rio de Janeiro, e a leitura que tenho feito dos jornais do Rio, confirmando tuas palavras, produzem em mim o mais singular efeito que é possível imaginar.

Será com efeito possível que o Rio de Janeiro perca o seu velho feitio colonial português e dê em capital sadia e limpa, com avenidas arborizadas e casas com estilo? O' Florindo, isso não será broma? como cá se diz. E a graça é que não leio tais notícias sem pensar logo no Bilac, porque aí, quando andávamos juntos por essas ruas cor de tujuco e cheiro de vasilhame sujo, levávamos a reconstruir platonicamente toda a cidade, arrasando quarteirões, furando bairros, abrindo praças e até dando reviravoltas nas casas como se elas fossem de brinquedos. Vou escrever uma carta ao Olavo a esse respeito, sem falar que, a meu ver, ele é dos que mais tem contribuído moralmente para a grande revolução estética do Rio. E até outra. Teu - *Aluízio*

Cardiff, 17 de março de 1906.

Meu bom Florindo. - Tanto tempo levei para te dar notícias minhas, que a estas horas já me

terás por morto de unia carbonite aguda e enterrado a uns 700 metros abaixo da terra em alguma mina de carvão, do famoso carvão de Cardiff.

Ainda não. E posso assegurar-te que não estou inteiramente encarvoado e que não me dou mal nesta terra do carvão. Entretanto, para fazer conscienciosamente o meu relatório oficial do ano passado, visitei por dentro nada menos de duas minas de carvão e percorri toda a zona carbonífera deste Condado de Glamorgan, estudando fábricas de briquetas e de coque, do que tudo dei conta aos meus patrões lá do Itamarati, com aquela minúcia e fidelidade que já, não nos meus olhos, mas nos meus romances viste. Pelo menos ficarão eles tendo deste distrito consular uma idéia justa. A tal região carbonífera está a 8 milhas deste porto e é um lugar carrancudo e antipático e tem 1.000 milhas quadradas de extensão, mas esta cidade, Cardiff propriamente dito, é moderna e agradável, cercada de aprazíveis arrabaldes, com abundância d'água e de esgotos, bem calçada e bem iluminada. Como o sistema econômico aqui é do livre-câmbio, os objetos industriais, de moda e de luxo, custam relativamente muito barato, principalmente roupas de senhora, tanto roupas brancas como de lã, mas em compensação a alimentação custa caro, porque tudo ou quase tudo que se come em Walei vem de fora; com um *penny* podes comprar um jarro para pôr flores, mas não comprarás um pão. Além de custar caro, frutas, legumes, fêculas, tudo só chega às mãos do consumidor já um pouco amarfanhado pela conserva do gelo nos pantagruelíssimos depósitos e a tudo falta sabor. Para a boca do inglês isso está bem, porque inglês não tem paladar e só encontra gosto em cousas fortes e picantes; para ele toda e qualquer comida só sabe quando está carregada de mostarda, e a única bebida que lhe impressiona o céu da boca é o *whisky*. A carne come-a ela crua, o pão temperado com pedra-ume e as frutas com limão e açúcar. Só aqui em Inglaterra e na América do Norte se vê fazer todo um jantar acompanhado, desde a sopa, com *champagne* e se vê fumar ou mascar comendo a sobremesa; dizem eles que o gosto do sarro do cigarro combinado com o da amêndoa ou da noz, é cousa deliciosa, quando a verdade é que eles não encontram gosto na amêndoa, porque o sabor da amêndoa é delicado e sutil. Se visses o vinho do Porto que Portugal manda para cá, não o reconhecerias, é quase negro, de um granada escuro e quase tão forte como o *cognac*.

Um dia, a um *gentleman* habitudíssimo a beber vinho do Porto em Inglaterra, dei um cálice de um "Dom Luiz" que eu havia trazido de Lisboa, o homem sorveu a pinga como se bebesse leite e perguntou-me que bebida era aquela. "Porto wine" declarei-lhe e como lhe ofereci nova dose, ele respondeu que aceitava, contanto que lhe desse pura, porque não gostava de vinho com água. E a verdade é que não encontrarás aqui para comprar uma garrafa de vinho que mereça esse nome; todos os vinhos franceses são mais fortes que o tal de Pinhas ou o Figueira. Estou convencido que se alguém conseguisse introduzir aqui o Parati, faria alto negócio. Há um consumo enorme de *whisky* e genebra da mais ordinária, e essas aguardentes custam de 2 1/2 a 4 1/2 shillings; o parati vendido à razão de shilling e meio a garrafa deve deixar bonito resultado. O meu vinho faço-o vir diretamente de Bordeaux e nunca provo sequer as bebidas brancas, nem mesmo a cerveja, que é aqui o vinho do pobre. Ah! que saudades dos restaurantes de França! Estou hoje convencido que só em França se come, e não digo só em Paris, digo França, porque a comida em Marselha como em Bordeaux, sem se parecerem com a de Paris, são cada qual mais estimáveis. Em Lisboa também se come bem, ou melhor, se come gostoso, porque o cozinheiro não se preocupa senão com o sabor, às vezes a comida empanzina tanto quanto a Mineira ou a Baiana.

Hás de dizer contigo que eu, a falar-te de relatório, estou agora a impingir-te um, porque estes assuntos de bom pitêu devem agradar ao meu ilustre ministro. Que queres? são tão poucas as vezes que converso em português, que me derramo como vês. Obrigado pela caricatura do Artur e, se o vires, dá-lhe por mim um abraço. - *Aluizio Azevedo*.

Assunção, 29 de agosto de 1911.

Bom e querido Florindo. - Se a mala que me trouxe a tua reconfortadora carta de 11 do corrente chegasse aqui algumas horas antes, eu poderia ter aproveitado o correio de sábado e já esta resposta, que só seguirá depois de amanhã, estaria longe, singrando em busca do n.º 65 da

rua da Alfândega. Com o recebimento da tua carta acuso também o do trasladinbo da planta dos preciosos terrenos e o recibo do importe do original passado pelo respectivo Engenheiro, como o da Casa Garnier referente aos exemplares dos meus romances fornecidos ao Gama Júnior; favores pelos quais te envio sinceros agradecimentos, aprovando *in limine* todos os atos que por mim fizeste e amavelmente me relatas. Senti que, por dois dias de diferença, minha última carta já não alcançasse ai o nosso belo Antônio Camacho, porque estimaria que a lesses e visses por ela os bons desejos de reconciliação e paz que ditaram minhas palavras a respeito do Graça Aranha, quando, aliás, estou convencido de que, senão ele, ao menos alguns parentes seus, nunca me perdoarão o crime de chamar a mim o que me pertence; mas, que diabo! não é possível agradar à *son pêre et tout le monde...* Entretanto, o Aranha poderá ainda lavar um tento a seu favor, se liquidar aiosamente aquela pequena diferença dos três metros e noventa. A explanação que fazes dos seis lotes, conforme a medida de cada um deles é admirável de clareza, e a idéia de estabelecer esses lotes não poderia ser mais inteligente. É inútil dizer que nem por sombra desejo precipitar a venda em bloco por metro corrido, e que, apesar dos maus agouros do Simonsen a respeito da Prefeitura, acompanho firme a idéia do Antônio e tua de esperarmos tranqüilamente pela ocasião oportuna de realizarmos os promissórios 50 ou 60 contos. 50 ou 60, cáspite! nunca pensei que a cousa virasse assim tão bom negócio; mereces de alviçaras uma porção de abraços. Mas, cá entre nós, não é só com abraços que se deve agradecer tais serviços e devemos pensar também na comissão que neste negócio te deve caber, ou nominalmente ao nosso gentil amigo Antônio Camacho; não falei nisso antes porque era bem pouca a esperança de lucro que eu tinha, agora porém que, graças à vossa intervenção, a cousa sobe àquelas belas cifras, justo é lembrar, pelo bom lado, entenda-se, o velho provérbio: "Amigos, amigos, negócios à parte", considerando-me eu já muito feliz com poder no presente caso (cousa rara!) ligar legitimamente as duas palavras tão contrárias - amigo e negócio; quer dizer - ter por intermediário um amigo e não um simples interessado, que do seu próprio interesse cuidasse mais que do meu; em uma palavra: é justo que participes em parte das vantagens desta transação, e não te peço desculpa por semelhante lembrete, porque a nossa velha amizade nos autoriza a falarmos assim com franqueza - Amém! Mudando de assunto: dou-te parte de que, a despeito de contar apenas sete meses de Paraguai, já cá tenho o pé no estribo e prestes a partir; estou nomeado Adido Comercial "com jurisdição sobre as Repúblicas do Prata e do Chile" diz o Decreto que criou esse apetecível cargo, e sobre a República Argentina e a do Chile" diz o lacônico telegrama recebido aqui do Governo pela nossa Legação.

Em todo caso, é provável que em breve (mês e meio ou dois meses) me mude para Buenos Aires, malgrado a minha resolução de esperar aqui pela chegada do meu sucessor já nomeado, Dr. Marcelino de Moraes e Barros, sobrinho do falecido ex-Presidente Prudente de Moraes; e, quem sabe? talvez dê eu um pulo ao Rio para receber instruções do Governo, e então tenhamos ocasião nos vermos e palestrarmos. Se assim não acontecer, terei ainda um favor a pedir-te, e é o de perguntares com tempo no "London and River Plate Bank" o que devo fazer cá de longe, para reformar o depósito que lá tenho, de modo a não perder um só dia de juros. Se vires o bom Lopes da Silva, agradece-lhe em meu nome os novos obséquios que lhe fico a dever pela parte por ele tomada na maçante medição do terreno, e dá-lhe a notícia da minha promoção. De Buenos Aires será muito mais fácil qualquer transação com o London and River Plate Bank, porque este tem lá a casa~mater, creio, e na qual mantenho uma pequena conta corrente. para facilitar as despesas feitas com o meu pupilo num colégio em La Plata.

E basta por hoje. Mais uma vez muito obrigado por tudo que por mim tens feito, e apresenta à Mme. Florindo de Andrade meus respeitos e recados. - Teu velho e grato amigo - *Aluizio Azevedo*.

Buenos Aires, 26 de maio de 1912.

Querido Florindo. - Escancarei de surpresa a boca e os olhos ao ler a tua carta de 17 do corrente, em a qual me dizes não ter recebido resposta da tua de 26 de março, pois não só ta respondi logo, como igualmente à inclusa carta oficial que, com a mesma data, me dirigiu a firma Camacho & Cia., a quem então agradei penhoradíssimo ter sua casa aceitado a minha procuração, os bons serviços que me prestara no respectivo negócio e a gentileza e correção

com que dele se desempenharam, acusando ao mesmo tempo o recebimento da conta de venda dos terrenos em Copacabana e o recibo do "London y River Plate Bank" de Rs. 42 :445\$500, convertidos em uma nota promissória a meu favor, e declarando ainda que a sucursal desse banco aqui já me havia remetido a dita nota.

Tenho defronte dos olhos a tua citada carta de 26 de março e, ao rele-la, lembro-me perfeitamente de que não deixei dela um só tópico sem resposta, tanto no referente ao liquidado negócio dos tais terrenos, a quem Deus haja, como também sobre a encomenda do parati e café, cujo recebimento acusei e cuja remessa agradei de coração, declarando que havia tudo aqui chegado perfeitamente e me fora entregue sem o menor gravame nem estorvo. Tratei também na minha carta do excelente conselho que me davas a respeito de colocação de dinheiro com a compra de um prédio na zona comercial do Rio, podendo render de dez a doze contos anuais, e do agrado que me dava esse alvitre, de cuja realização desde já me proponho eu tratar desde que pudesse ir até aí, e terminei falando da tua amável e lisonjeira insinuação a respeito de trabalhos literários, confessando-te francamente o que a esse respeito ainda contava eu fazer, se Deus me desse vida e saúde.

Pois será possível que tudo isso se tenha extraviado, apesar de ter ido a carta registrada? Não guardo cópia da minha correspondência particular, mas aí vai o recibo do correio aqui de Buenos Aires, o qual me diz que a minha carta foi a ele entregue no dia "11 de abril" último, expedida por "Azevedo" para "Rio de Janeiro" a "Camacho & Cia.". Apenas noto na secção "Domicilio" qualquer cousa ininteligível com o n.º "183" ou talvez 185, separando neste caso o último algarismo da perna do 8. Estará nisso o segredo do extravio? Pesa-me o fato, e muito, porque a ausência de minha carta deixa margem a me poderem classificar não só de grosseiro, mas até de ingrato. Peço-te com empenho que a reclames aí do correio ou procures saber se teria ela ido parar a outras mãos a que não pertencia, e, caso não a descubras, que deixes bem patente ao nosso gentil amigo Sr. Antonio Camacho que não demorei a resposta da carta que ele me escreveu em nome de sua casa, nem os agradecimentos que me cumpria apresentar-lhe.

Aproveito esta última face do papel para não deixar sem resposta o que mais me dizes na tua última carta:

Na tua carta de 26 de março não há engano na data, vem perfeitamente "26 de março", como de resto nas outras que a acompanharam.

- Agradeço-te muito o recado do Bilac, apesar de que não o compreendo bem, pois não se "poderá fazer, a meu respeito, o que desejo" sem "bulir comigo". Que se faça porém o que desejo e o mais é secundário, quer bulam, quer não bulam comigo.

- Obrigado pelo lembrete dos cigarros. Ficar-te-ia muito grato se me mandasses uma nova dose, sem entretanto te esqueceres de escolher agora uns um pouco mais compriditos, e principalmente de que, para presente, é bastante a primeira remessa. Creio que a respectiva continha se poderá liquidar por intermédio do "London y River Plate" de cá.

- Meu povo agradece-te os votos que fazes pela sua boa saúde. Aqui nestes dias estamos, isto é, o público, em grandes festas; ontem foi o grande dia da República Argentina. Não tenho descansado com "The Deus", Revistas e paradas, jantares, espetáculos de gala, e ainda tenho dois bailes que grammar. Recomenda-me à tua senhora, e venha de lá um abraço para o teu velho amigo - *Aluizio Azevedo*.

A PAUL VACHIAS

S.l., fevereiro de 1912.

"...A respeito da morte do pobrezito Félix, declaro-lhe que o Dr. de Ouro Preto não me comunicou absolutamente nada, e que o Pastor recebeu a sua carta, onde vinha aquela triste notícia, sem me dizer uma palavra a respeito, acovardado com a idéia de que essa notícia me iria dar grande desgosto. De sorte que, só vim a saber que o meu amiguinho já não existia pela

carta que me escreveu Anúncia. Em minha casa todos, menos eu, sabiam disso, e senti o fato como se aquela criança fosse meu filho. Mas o desgraçadinho estava predestinado a esse fim; conseguimos, a Pastora e eu, salvá-lo da primeira vez, a força de desvelos e carinhos, das garras do médico que o estava a envenenar, e, ao partirmos daí, nós o deixamos são, forte, alegre e cheio de vida. Mal, porém, viramos as costas, o desgraçadinho voltou de novo à falta de cuidado materno em que o encontramos, passou a não tomar os seus lavados frios ao despertar de manhã, passou a comer carne, a beber vinho e cerveja e a ingerir quanto veneno entenderam introduzir-lhe pela boca, em vez de alimentar-se com as sopas de leite e pão com que se alimentava durante o tempo em que nós lhe defendíamos a vida. E desde que esses venenos começaram de o prostrar, atiraram-no logo de novo às mãos de médicos, que vieram restaurar a sinistra obra do primeiro, introduzindo-lhe no flébil organismo venenos ainda piores que aqueles. porque os primeiros eram venenos de açougue e de botequim, e estes agora eram nada menos que de botica. Uma vez empolgado pelos médicos. claro está que o pobrezito não se poderia salvar. E faz pena. porque, se algum dia vi uma criança agarrar-se à vida e mostrar ânsia de existir e sofreguidão de viver, foi sem dúvida esse pequenino ente, a quem o instinto de conservação fez prender-se a nós como se adivinhasse que sem nós lhe faltariam todos os carinhosos resguardos que o seu frágil ser precisava para não sucumbir. Pobre e meigo entezinho! Tenho certeza que o seu último olhar circunvagou aflito à procura de nós, como se ainda tivesse uma última esperança de que o salvássemos pela segunda vez, e juro-lhe, Sr. Raul, que ele não morreria se nós ainda estivéssemos aí; pois não teria chegado a recair doente. Se Anúncia não fosse tão parva, eu a amaldiçoaria por não ter consentido acompanhar-nos com o filho. Estranha cousa! essa mulher que se mostrava em tudo tão irracional, não tinha, entretanto, o vulgar instinto com que os irracionais defendem a vida dos filhos e era ao contrário a primeira a contrariar a do que a natureza imprudentemente lhe confiou. Creia que sinto até remorsos de não ter carregado comigo o pobre condenado, ainda mesmo contra a vontade de semelhante mãe.

Tudo isto há de parecer muito exagerado e estranho, mas é simples questão de temperamento. Meu coração não pertence aos felizes e bem dotados pela sorte, meu coração pertence aos míseros, aos mesquinhos, aos desamparados, e o meu pobre Félix não tinha pai e tinha a desgraça de ter a mãe que tinha. O que ele tinha só, coitadinho, era muito desejo de viver, era o desejo de agarrar-se ao seu quinhão de existência e desfrutar o pedaço que lhe cabia ao sol. Não conseguiu! Tanto pior para os que o amavam!

Tenha a bondade de responder por mim a Anúncia, dizendo-lhe qualquer banalidade a respeito do filho; ela, no fim de contas é mãe, e só por isso merece respeito. E como deve ter sofrido porque é mãe, que Deus lhe perdoe não ter ela sabido salvar o anjinho que lhe fora confiado..."

- *Aluizio Azevedo.*